

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**DO CIEP AO ENSINO SUPERIOR: NOVAS TRAJETÓRIAS
ESCOLARES DAS CAMADAS POPULARES**

Suely de Oliveira Pereira

Orientadora: Prof^a Dr^a. Ana Maria Vilella Cavaliere

Rio de Janeiro

2008

Suely de Oliveira Pereira

**DO CIEP AO ENSINO SUPERIOR: NOVAS TRAJETÓRIAS
ESCOLARES DAS CAMADAS POPULARES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Villela Cavaliere

Rio de Janeiro

2008

DEDICATÓRIA

***Aos meus pais, Severino (in
memmorian) e Maria Luíza,
que não tiveram
oportunidade de prolongar
suas escolarizações, mas
não mediram esforços para
nos encaminhar, a mim e aos
meus irmãos, para o mundo
do conhecimento.***

Agradecimentos

À Professora Ana Maria Vilella Cavaliere, minha orientadora, por sua orientação criteriosa, estímulo, sua atenciosa presença sempre que solicitada e, principalmente, pela compreensão demonstrada diante das minhas dificuldades.

À professora Libânia Xavier e ao professor Luiz Antonio Cunha, pelas críticas e sugestões apresentadas na fase inicial desse projeto.

Aos colegas de curso e, em especial, às amigas, Carla, Daniela e Luciana, pelas discussões, sugestões, incentivo e, pelo apoio nos momentos de angústia e, pelo carinho fraterno nas pequenas conquistas.

À Direção, professores, coordenadores e funcionários do CIEP onde realizei o trabalho, pela acolhida, disponibilidade e colaboração com a pesquisa.

A todos os entrevistados, pela boa vontade com que se dispuseram a participar deste trabalho, cedendo-me seu precioso tempo e, gentilmente, dividindo comigo suas histórias.

Aos diretores – Jupiaçu e Adriana – e aos demais colegas, que ao longo do tempo se tornaram amigos, da Escola Municipal Monteiro Lobato, pelo carinho e amizade sempre presentes na hora certa.

À amiga Cristina Andriotti, pela boa vontade e pela forma cuidadosa com que revisou os primeiros escritos deste trabalho.

À amiga Therezinha Mello, que realizou a revisão gramatical, tornando o texto mais agradável ao leitor. À amiga Neida Lisboa pela tradução do resumo.

Aos meus amigos, que ao longo dos anos me fornecem afeto, carinho, “puxões de orelha” e a quem eu devo muito do que sou.

Aos meus queridos familiares, especialmente ao meu marido, Marco Antonio, aos meus filhos, Bruno e Leonardo, aos meus irmãos, Fernando e Sandra, a minha cunhada Ana Lúcia e, aos meus sobrinhos Caroline, Rodrigo e Rafael pela compreensão nos momentos de ausência, pela paciência, carinho e, apoio.

Finalmente, a Deus, por me permitir estar no meio destas pessoas e poder aprender tanto com elas.

RESUMO

O presente estudo focaliza a trajetória escolar, para além da educação básica, de dez alunos egressos de um CIEP no bairro de Guaratiba – Rio de Janeiro e que têm em comum o fato de terem chegado ao ensino superior. A pesquisa é um estudo de caráter exploratório, que utiliza entrevistas semi-estruturadas com os referidos alunos e também com a diretora da unidade escolar.

A pesquisa busca fazer um levantamento e interpretar as condições, as características e situações particulares que corroboraram para a constituição de trajetórias escolares bem-sucedidas, em relação à maioria dos alunos em semelhantes condições sócio-econômicas.

Para tal análise, buscou-se suporte em estudos de trajetórias escolares nos autores brasileiros: Écio Portes, Jaílson de Souza e Silva, Maria Alice Nogueira, Maria José Braga Vianna e Nadir Zago e nos franceses Bernard Lahire e Pierre Bourdieu.

Palavras chaves: CIEP; família/escola; trajetórias escolares

ABSTRACT

This study focuses on the school trajectory which goes far beyond basic education of ten students who have studied in a CIEP (Public Education Integrated Center) in Guaratiba district, Rio de Janeiro, and have in common the fact of entering a university. The research has an exploitation aspect that makes use of semi-structured interviews with these students and the director of the school.

The research not only does a survey but also interprets the conditions, the features and the peculiar situations which confirm the formation of such well-succeeded school trajectories comparing to the majority of students who live in the same socio-economic conditions.

This analysis was also supported by some school trajectories studies of the following Brazilian authors: Écio Portes, Jailson de Souza e Silva, Maria Alice Nogueira, Maria José Braga Vianna and Nadir Zago and by the French authors: Bernard Lahire and Pierre Bourdieu.

Keywords: CIEP (Public Education Integrated Center); family/school; school trajectory

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contexto	1
1.2 Problema	3
1.3 Justificativa	4
1.4 Objetivo geral	11
1.4 Objetivos específicos	11
1.5 Metodologia	12

2. A ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES 20

2.1 Sobre o capital cultural	21
2.2 Sobre o capital social	24
2.3 Caminhos improváveis	25
2.4 O papel da família e os investimentos pedagógicos	28
2.5 O papel da escola	35
2.6 O valor do diploma	39

3. O CIEP E SEU CONTEXTO

3.1 O bairro onde está localizado	41
3.2 CIEP	45
3.2.1 Histórico	45
3.2.2 Aspectos pedagógicos	50
3.2.3 O que permaneceu do projeto original do CIEP	59
3.2.4 Aspectos administrativos	63

4. O SIGNIFICADO DO ENSINO SUPERIOR PARA OS JOVENS	
ENTREVISTADOS	69
4.1 Perfil familiar	70
4.2 Percursos escolares do grupo pesquisado até a chegada ao CIEP	73
4.3 A opção pelo CIEP	74
4.4 O sonho do Ensino Superior	76
4.5 O perfil dos entrevistados	77
4.5.1 O trabalhador	79
4.5.2 A realista	87
4.5.3 O interessada	93
4.5.4 A leitora	99
4.5.5 O incentivador	107
4.5.6 A determinada	112
4.5.7 A politizada	120
4.5.8 A escritora	128
4.5.9 A emotiva	135
4.5.10 A pragmática	142
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
LISTA DE ANEXOS	
Anexo 1 – Roteiro de entrevista semi-estruturada com a diretora do CIEP	161
Anexo 2 – Avaliação diagnóstica, de 1994, para ingresso no GP no	

6º ano	162
Anexo 3 – Avaliação diagnóstica, de 1994, para ingresso no GP no	
9º ano	170
Anexo 4 – Avaliação diagnóstica, de 1995, para ingresso no GP no	
6º ano	178
Anexo 5 – Avaliação diagnóstica, de 1995, para ingresso no GP no	
9º ano	184

1. INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO

Um dos direitos humanos mais valorizados em todo mundo é o direito à educação, expresso na Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecida pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1948:

“Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o gênero de educação a dar aos filhos”.

No Brasil, esse direito, tal como previsto na Constituição Federal de 1988, estabelece a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família”. Entretanto, aqui, como em outras partes de mundo, ele está longe de ser cumprido. A desigualdade social é acompanhada da desigualdade educacional.

No Rio de Janeiro, em 1983, Leonel Brizola, primeiro governador eleito após o regime militar assumiu como compromisso de campanha, que se tornou a prioridade de seu governo, a melhoria das condições da educação pública no estado. Para isso, através do Programa Especial de Educação foram criados os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), idealizados por Darcy Ribeiro. Esse último considerava a escola pública antipopular e elitista e o seu principal objetivo era “passar a escola a limpo”, ou seja, dar um salto de qualidade na educação fundamental e superar o fracasso escolar do sistema público brasileiro expresso por altas taxas de repetência e evasão impostas

principalmente ao aluno proveniente dos segmentos sociais mais pobres.

Os CIEPs constituíram um programa escolar especial no Rio de Janeiro. Eles funcionariam com uma proposta inovadora nos âmbitos pedagógico, arquitetônico e comunitário. Havia uma intenção de romper com os modelos de escola existentes na época. Pretendia-se uma escola democrática e de qualidade, que superasse o fracasso educacional característico do regime escolar brasileiro.

Em 2006, vinte e um anos após a inauguração do primeiro CIEP, o jornal O Globo¹ publicou uma série de reportagens onde foram refeitas as trajetórias de vinte e um alunos matriculados na 1ª série do Ensino Fundamental do CIEP Presidente Tancredo Neves, integrantes da turma 101. Deles, 52% não concluíram o Ensino Fundamental, seis cursaram o Ensino Médio e apenas um ingressou no Ensino Superior.

Esses dados me chamaram a atenção e aguçaram a minha curiosidade no que diz respeito à continuidade escolar dos alunos das classes populares², pois de 2002 a 2007, atuei como professora em um CIEP da rede estadual e presenciei as dificuldades do alunado que freqüentava essa escola. Durante esse período, pude acompanhar trajetórias tanto de fracasso como de sucesso desses alunos. Esses elementos me conduziram à realização deste trabalho que pretende dar uma contribuição aos estudos sobre a trajetória escolar de alunos das classes populares.

O CIEP acima mencionado está localizado em Guaratiba, zona oeste do município do Rio de Janeiro. Guaratiba é um bairro distante cerca de 100 Km do centro do Rio de Janeiro, com características rurais. De acordo com os

¹ As reportagens foram publicadas entre os dias 28.05 e 02.06.2006.

² Neste trabalho o termo “camadas populares” refere-se àqueles grupos menos favorecidos, em termos socioeconômicos.

dados coletados pelo IBGE para o Censo de 2000³ e analisados pela Fundação Getúlio Vargas lá foram identificados os mais baixos indicadores sociais; sendo um dos cinco piores IDH (0,746) da cidade. Cerca de 27% da população residente é classificada como miserável e há um dos menores índices relativos à escolaridade, com média de apenas 4,76 anos de estudo.

Na época em que coletei os dados para esta pesquisa, O CIEP possuía 46 turmas no Ensino Médio e quatro para o segundo segmento do Ensino Fundamental (uma de cada série) sendo que o 6º e 7º anos (5ª e 6ª séries à época) eram mantidos no regime de horário integral. O alunado, praticamente na sua totalidade, tinha origem popular, sendo alguns deles provenientes dos segmentos economicamente menos favorecidos da região e mesmo de famílias com condições de vida muito precárias.

1.2 PROBLEMA

Diante desses dados e percebendo que, no caso do CIEP em questão, o principal (às vezes único) elo entre essa comunidade e a cidadania é a escola, comecei a me interrogar sobre qual teria sido o destino dos estudantes que o freqüentaram. Sabia que alguns ex-alunos concluintes do Ensino Médio prosseguiram com seus estudos e isso me trazia perguntas: Por que alunos inseridos em um contexto social tão desfavorável dão continuidade aos estudos? Que papel tiveram suas famílias e seus estilos de vida nesse trajeto? Que processos possibilitaram a esses jovens estender a sua escolarização? Por que eles não tiveram o mesmo destino da maioria dos alunos do CIEP Tancredo Neves, apresentado na reportagem acima citada?

³ Os Censos Demográficos são realizados de 10 em 10 anos, pelo IBGE, o último ocorreu em 2000.

1.3 JUSTIFICATIVA

Como professora, nas reuniões de pais, ou mesmo em conversas informais com os alunos, ouço com frequência as expressões “estudar para ser alguém na vida” ou “se com estudo está difícil, imagina sem ele”. Tais afirmações me fizeram perceber que as famílias estabelecem uma estreita relação entre o progresso nos estudos e a ascensão social. São pais e mães cheios de expectativas sobre as possibilidades de construírem novos caminhos para os filhos, de modo que eles não venham a reproduzir suas próprias trajetórias.

Percebo em minha prática docente que a escola, para a maioria dos jovens das camadas populares, está relacionada principalmente à melhoria das condições de vida e de trabalho e também à obtenção de mais conhecimentos. Pelo menos em seus discursos, os jovens demonstram que o projeto de continuidade dos estudos visa a romper com a situação em que vivem. Nesse sentido, a escolaridade, em particular o acesso ao nível superior, adquire o significado de um projeto de longo prazo, capaz de garantir uma ascensão social. Eles estabelecem uma relação direta entre escolarização e a perspectiva de um bom emprego.

Na realidade brasileira a demanda social por educação pública data de longo tempo. A expansão do Ensino Fundamental foi, a princípio, o alvo das políticas governamentais. Hoje, com cerca de 97% dos alunos entre 7 e 14 anos na escola, esse segmento encontra-se quase que plenamente atingido, segundo dados do INEP⁴. Uma parcela dessa crescente massa de alunos, que vem conseguindo concluir o Ensino Fundamental e buscou a continuidade de

⁴ Dados do último Censo Educacional 2006.

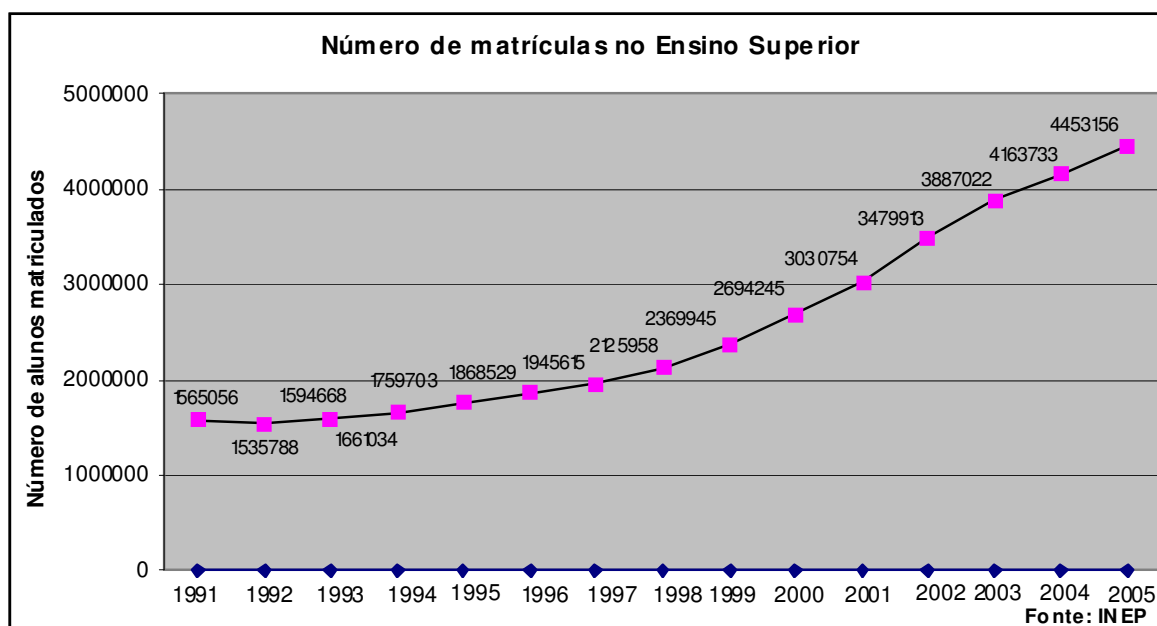
sua escolaridade no Ensino Médio, começa a chegar à Educação Superior.

A Educação Superior no Brasil sempre foi elitista, pois durante muito tempo, somente as famílias de classe média e alta esperavam que seus filhos ingressassem nas universidades, em geral, públicas.

O Plano Nacional de Educação, aprovado em 2001, já propunha o crescimento da oferta de educação superior para, pelo menos, 30% da população na faixa etária entre 18 a 24 anos até o final de 2010. O Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado em 2007, pelo Ministério da Educação, considera inaceitável que somente 11% dos jovens entre 18 e 24 anos estejam matriculados neste nível de ensino. Um outro aspecto presente nos dois planos refere-se à democratização do acesso ao nível superior.

Aa políticas governamentais que pretendem cada vez mais democratizar o acesso ao nível superior respondem à demanda de uma outra parcela da população, proveniente de estratos sociais desfavorecidos, por esse nível de estudo. Esses grupos chegaram ao nível superior, inicialmente, através do sistema privado, que se expandiu fortemente.

É importante observar o crescimento das matrículas, a expansão do número de vagas nas instituições privadas e o aumento dos cursos noturnos.



Observando a variação de crescimento das matrículas, em instituições públicas e privadas de todo o país, ocorrida ano a ano, percebemos que as taxas de crescimento mais expressivas foram registradas entre os anos de 1999 e 2003.

A fim de correlacionar os dados acima e verificar onde houve o incremento de vagas, elaborei a tabela abaixo.

Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Total de instituições de nível superior	1097	1180	1391	1637	1859	2013
Variação (%)		7,5	17,8	17,6	13,5	8,2
Privadas	526	698	903	1125	1302	1401
Variação (%)		32,7	29,7	24,5	15,7	7,6

Fonte: INEP

Verificamos que o aumento do número de matrículas se deu no mesmo período da expansão das instituições privadas. Nas palavras de Cunha (2004), um dos fatores dessa expansão foi:

No octênio FHC, as IES federais foram submetidas a um arrocho ainda mais forte que antes, restringidos os recursos para custeio e investimento ao passo que as privadas foram brindadas com novas vantagens. As IES estaduais passaram

por diferentes situações, mas nenhuma folgada. A Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), resultante de projeto patrocinado pelo governo foi pródiga para com a expansão privatista. (p.803)

Paralelamente a esse fato, ocorrem ainda muitos debates a respeito das regras de ingresso no nível superior, de forma a contemplar os oriundos das escolas públicas, os indígenas e os afrodescendentes, parcela da sociedade que historicamente não demandava esse nível de ensino.

Em 1998, o INEP/MEC criou o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, um exame individual, de caráter voluntário, oferecido anualmente aos estudantes que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. Na sua primeira edição foram inscritos cerca de 157 mil alunos, mas apenas 115 mil compareceram às provas. Em 2006, o número de inscrito alcançou a 3,7 milhões de inscritos e 2,8 milhões de participantes.

Algumas medidas foram importantes para esse crescimento. A primeira, a de tornar a inscrição gratuita para os alunos matriculados na rede pública e, a segunda, tomada por várias instituições privadas, de aceitar a nota obtida no ENEM como forma complementar ou substitutiva do seu vestibular. Segundo Cunha (2004):

O ENEM torna-se, assim, um exame de saída do ensino médio, mas, ao mesmo tempo, um exame de entrada no ensino superior, guardando semelhanças (a despeito do caráter facultativo) com o *baccalauréat* francês e o *Abitur* alemão. (p.45)

Cabe destacar que também algumas universidades públicas aderiram ao resultado do ENEM, em substituição a uma das fases do seu vestibular. Nesse caso, no Rio de Janeiro, encontramos a UNIRIO que adota o seguinte critério: o candidato que obtiver media aritmética dos resultados da prova objetiva de múltipla escolha e de redação igual ou superior a 70 (setenta), será

classificado, segundo ordenação no curso de sua opção, em ordem decrescente da pontuação final.

As universidades públicas vêm criando mecanismos que favoreçam aos alunos das classes populares. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi uma das primeiras universidades públicas a adotar a política de reserva de vagas, regulamentada em 2003, através da Lei Estadual 4151/2003. O sistema de cotas contempla alunos afro-descendentes, indígenas, com necessidades especiais e oriundos de escolas públicas.

No caso de alunos pertencentes às camadas populares, a gratuidade é um fator altamente relevante e atraente, mais até do que o prestígio da instituição. Por isso verifica-se uma pressão social por políticas que ampliem o acesso dessas camadas que, tradicionalmente não ingressavam no ensino superior gratuito.

Para os estabelecimentos privados também foram criados programas que propiciem o acesso dessa parcela da população. O Ministério da Educação criou o PROUNI – Universidade para Todos e o FIES – Financiamento ao Estudante do Ensino Superior. O PROUNI tem por finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, nas instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa. O FIES, por sua vez, é destinado a financiar a graduação no Ensino Superior de estudantes que não têm condições de arcar integralmente com os custos de sua formação.

Um outro aspecto a ser comentado é que a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 prevê em seu artigo 47, parágrafo 4º, a obrigatoriedade de as instituições

de ensino superior públicas de oferecerem, “no período noturno, cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno”. Cabe destacar que essa medida pode ser considerada como mais um ponto de democratização do acesso ao nível superior, pois permite aos alunos trabalhadores a extensão de sua escolaridade. No entanto, a expansão dos cursos noturnos se deu na rede privada, conforme a tabela abaixo.

Alunos matriculados nos cursos de graduação, por turno em 2006			
	Diurno	Noturno	Total
Públicas	761.758	447.546	1.209.304
Privadas	1.067.218	2.400.124	3.467.342
Brasil	1.828.976	2.847.670	4.676.646

Fonte:INEP

É interessante comparar os dados dessa tabela. O número total de matrículas das IES privadas é 2,8 maior que o das IES públicas, mas o número de alunos matriculados no período diurno é apenas 1,4 vezes maior nas IES privadas que nas públicas. O dado mais surpreendente refere-se às IES privadas com 5,4 vezes mais alunos matriculados no período noturno.

Se a parcela da população brasileira que chega ao Ensino Superior é ainda muito pequena, cabe refletir sobre o fato de que a expansão de vagas que vem ocorrendo se dá na esfera privada, em detrimento das universidades públicas, segundo Romanelli (2000):

No entanto, o ingresso desses estudantes no curso superior não resulta da democratização do ensino. Pelo contrário, ele só é possível graças à imensa expansão de estabelecimentos particulares, que não só acarreta ampliação do número de vagas, como aumenta a oferta de vagas no curso noturno. Além do mais, a competição entre as escolas pode arrebanhar novos alunos e baratear o custo das anuidades. (p.121)

Para os alunos pertencentes às classes populares, o acesso ao ensino superior independe muitas vezes do curso ou da carreira que ele vá escolher ou em qual universidade irá ingressar. O importante é entrar no ensino superior, seja para tentar garantir uma vaga no mercado de trabalho, seja para alcançar outros objetivos que ainda precisam ser melhor detectados.

O acesso ao nível superior pode estar sendo mistificado, isto é, pode estar sendo um vendedor de ilusões. Os alunos parecem acreditar que, se estudarem mais, vão encontrar mais trabalho, mas isso pode não ser inteiramente verdadeiro.

Em Guaratiba, em uma das ruas mais movimentadas do bairro, foi colocado o outdoor, com os seguintes dizeres: “- Ah, mas a vida é assim mesmo.” Esse outdoor aguçou a curiosidade de todos, na tentativa de descobrir o que havia por trás daquela peça publicitária. Cerca de um mês depois o novo outdoor estampava, a frase acima riscada e a seguinte legenda: “Minha história vai ser diferente.” E anunciava o vestibular para uma faculdade privada da região. Evidenciando o valor do nível superior, em especial, para os estudantes das classes populares que acreditam que a luta para melhorar de vida e mudar a sua história advêm da educação.

No entanto, com a proliferação de cursos e a ampliação de vagas, principalmente nas instituições privadas, emergem as seguintes perguntas: Que valor terá esse diploma no mercado de trabalho? Esse certificado terá apenas valor simbólico, representando a superação/realização pessoal? Esses alunos pertencerão à “geração enganada” identificada por Bourdieu (1972) em seu artigo “Classificação, Desclassificação e Reclassificação”?

1.3 OBJETIVO GERAL

A partir do que foi exposto, o objetivo da presente investigação é a compreensão das motivações e mecanismos pessoais e familiares que determinaram a trajetória escolar de longa duração de alunos de classes populares que chegaram ao Ensino Superior. Pretendo saber como 10 alunos egressos do CIEP de Guaratiba, provenientes de famílias de baixa renda, chegaram ao Ensino Superior, isto é, trilharam esse caminho, tornando-se exceções à regra.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

De todas essas considerações emergiram as seguintes questões de estudo:

- Pesquisar o tipo de percurso de cada um dos participantes da amostra durante a educação básica.
- Compreender o significado atribuído à educação, e à educação superior, pelos entrevistados e por suas famílias.
- Identificar o papel da família nas trajetórias de sucesso
- Identificar as estratégias econômicas e sociais utilizadas pelas famílias de modo a garantir a permanência de seus filhos no ensino superior.

Pretende-se investigar a participação do aluno e de sua família na constituição de uma trajetória escolar bem sucedida, temática que, segundo Zago (2000):

...vem se constituindo num capítulo importante da Sociologia da Educação. Estudos sobre as relações entre a escola e a

família têm permitido, entre outras questões, dar visibilidade às práticas de escolarização e ao valor social da educação institucionalizada em diferentes segmentos sociais. (p.23)

Também segundo Nogueira (2004), recentemente, na década de 90, "surge uma nova abordagem inaugurada por pesquisadores que se interessam pelas trajetórias atípicas, excepcionais, inesperadas, em suma, aquelas que fogem às regularidades estatísticas que haviam sido descobertas nos anos 1950/60. Doravante o "insignificante estatístico" vai se tornar "sociologicamente significativo" (Baudelot, 1999, p.135)".

O estudo da relação família-escola é um tema amplo e complexo e vem merecendo cada vez mais atenção dos pesquisadores e segundo eles, vários fatores têm sido apontados como fundamentais tanto para o sucesso quanto para o fracasso escolar. Para o sucesso escolar pode-se destacar dentre outros, o valor atribuído à educação pelas famílias, a ordem moral doméstica, o apoio e o esforço dos pais para entender e acompanhar os filhos nos seus trabalhos escolares. Esses aspectos serão explorados no decorrer da dissertação.

1.5 METODOLOGIA

Com o objetivo de investigar trajetórias de alunos concluintes do Ensino Médio do CIEP em questão, que chegaram ao Ensino Superior, foi preciso voltar a um passado recente a fim de recuperar as formas de matrícula de alunos desde a sua inauguração. Em 1994, primeiro ano de funcionamento da escola, por determinação da Secretaria Estadual de Educação foi organizado

um processo de admissão de alunos ao 6º e 9º anos⁵, com “avaliações diagnósticas” de Matemática e Língua Portuguesa que visavam o enquadramento dos mesmos nas turmas. Este sistema vigorou em 1994 e 1995. De 1996 a 1998, os alunos passaram a ser matriculados diretamente na secretaria do CIEP por seus responsáveis e, na sua maioria, eram oriundos de escolas municipais das redondezas. A partir de 1999, a SEE implantou a matrícula por telefone, e atualmente, a matrícula é feita via Internet⁶.

Conforme podemos observar pelo descrito acima, em apenas cinco anos, a forma de ingresso no CIEP sofreu várias mudanças ocasionadas pelas trocas de governo. Cunha (1991) analisa: “que cada titular do poder político precisa elaborar e implantar a sua própria marca, desfazendo o que seu antecessor fizera, sem avaliação de qualquer espécie”.

Estas mudanças provocaram alterações no perfil do alunado. Nos dois primeiros anos, por exemplo, a maioria deles pertencia a famílias da comunidade com razoáveis condições financeiras e uma característica recorrente: todos tinham um planejamento de vida de longo prazo, que incluía a continuidade dos estudos, além de famílias estruturadas e com algum nível de escolaridade. Em pesquisa realizada em 1995, Alves-Mazzoti mostra que,

...mesmo em escolas situadas nas proximidades das favelas os alunos são na sua maioria, filhos de pequenos comerciantes, ou prestadores de serviço, residindo em construções modestas situadas nas imediações da escola, mas não necessariamente na favela.

Além de gostar da escola, o aluno estabelecia com ela uma relação de pertencimento, o que facilitava as regras de convivência e respeito entre todos.

⁵ Este CIEP faz parte de um grupo de escolas do II PEE implantadas, na modalidade de Ginásio Público, que tinha uma seriação especial, do 6º ao 10º ano, que será detalhado no capítulo 3.

⁶ Como muitos alunos não têm acesso à Internet, algumas vezes as matrículas são feitas nas próprias escolas, pelos coordenadores pedagógicos ou diretores, utilizando a estrutura de informática da própria escola.

Ressalto que estes sentimentos se estendiam à comunidade, pois o CIEP não possuía residentes e mesmo assim não sofria pichações nem depredações, ou seja, estava perfeitamente integrado à comunidade onde atuava. Durante cinco anos só foram realizadas obras de manutenção.

Porém, a partir de 1999, o perfil do alunado mudou, pois com a implantação, pela SEE, das matrículas por telefone, o aluno passou a informar obrigatoriamente três escolas, em ordem de sua preferência, e a SEE passou a designá-lo para onde havia vagas, de acordo com as suas opções. O alunado mudou, tornou-se heterogêneo e, além disso, algumas vezes, o aluno não tinha verdadeiro interesse pela última opção. Quando esta última opção era o CIEP, e ainda assim ele era designado para lá, isso causava insatisfação, provocando atos de indisciplina ou evasão.

Diante de um alunado tão heterogêneo, busquei selecionar dez ex-alunos, que cumprissem duas exigências: primeira ter cursado o Ensino Fundamental em escolas públicas e, a segunda ter cursado o Ensino Médio no CIEP. Escolhi alunos que tivessem sido matriculados em diferentes momentos (séries ou anos letivos diferenciados) de modo que cada um contribuísse com elementos que enriquecessem o estudo.

Para escolher os participantes da pesquisa, iniciei um levantamento junto à Secretaria da escola. Cotejei as listagens dos alunos concluintes do Ensino Médio, que são enviadas à Secretaria Estadual de Educação para publicação no Diário Oficial, com as relações dos ex-alunos que solicitaram o histórico escolar. Também pedi, aos professores que trabalhavam no CIEP desde a sua inauguração, e que ainda mantinham contato com ex-alunos, que me indicassem aqueles que apresentavam o perfil exigido, pois como as fichas

cadastrais são antigas, em muitos casos os endereços e telefones estavam desatualizados.

Dentre os dez participantes, oito do sexo feminino e dois do sexo masculino, observei que: dois ingressaram no CIEP no segundo ano de funcionamento do mesmo (1995), um no primeiro ano em que foi oferecido o Ensino Médio (1996), três no Ensino Fundamental (5ª série – 1997), dois foram matriculados na 8ª série – (uma em 2000 e a outra em 2002) e dois cursaram o Ensino Médio – sendo que um concluiu em 2001 e o outro em 2003.

Nº de alunos	Ano de ingresso no CIEP	Série em que foi matriculado	Ano de conclusão do Ensino Médio	Tempo de permanência no CIEP
2	1995	6º do GP	1999	5 anos
1	1996	1º ano do E.M.	1998	3 anos
3	1997	5ª série do E.F.	2003	7 anos
1	1999	1ª série do E.M.	2001	3 anos
1	2000	8ª série do E.F.	2003	4 anos
1	2002	8ª série do E.F.	2005	4 anos
1	2003	1ª série do E.M.	2005	3 anos

A configuração familiar dos jovens da amostra, na sua maioria, está enquadrada na seguinte definição do dicionário Aurélio: “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos.” Apenas uma entrevistada pertence a uma família monoparental, ou seja, a mãe é a chefe da casa, situação que segundo o IBGE cresceu três pontos percentuais no período compreendido entre 1996 e 2006. Outra entrevistada, filha de pais muito jovens, foi criada pelos avós paternos, que na época viviam com um filho de nove anos. Cinco participantes apresentam o mesmo tipo de configuração familiar, pai, mãe e um irmão, dois possuem dois ou mais irmãos

e apenas uma é filha única.

Portanto, a amostra aqui estudada não apresenta diversificação interna com relação às configurações familiares, apesar de sabermos que essas configurações, tanto no Brasil como no mundo, vêm sofrendo inúmeras transformações. Dos dez jovens entrevistados, oito vivem na forma chamada nuclear, ou seja, a família tradicional, composta de pai, mãe e irmãos.

Os participantes escolheram cursos de graduação bastante variados: Português – Literatura (2), Belas Artes, Serviço Social, Educação Física, História, Direito, Ciência da Computação, Informática e Estatística. Podemos observar que sete entre os dez entrevistados optaram por cursos da área de Ciências Humanas e três escolheram a área de Ciências Exatas. Os critérios para a escolha do curso de graduação variaram entre os entrevistados. Desde a escolha de cursos de alto prestígio em função de suas pretensões futuras até escolhas influenciadas por professores ou simplesmente baseadas em uma avaliação das chances de aprovação.

Dos participantes, seis ingressaram em universidades públicas, (três utilizaram o sistema de reserva de vagas para alunos oriundos da rede pública); os outros quatro, em instituições particulares (dois se beneficiaram dos recursos do PROUNI). Do grupo investigado, no momento das entrevistas, três já haviam se graduado, três estavam nos períodos iniciais (até o 3º período), um no período intermediário (até o 5º) e três nos períodos finais. Na amostra desse trabalho, percebemos que metade dos entrevistados é beneficiada pelas políticas públicas de democratização de acesso ao nível superior.

A partir da década de 90, as discussões sobre a democratização do

acesso ao Ensino Superior foram intensificadas. Iniciou-se um grande debate sobre medidas que contemplassem os alunos pertencentes às camadas que tradicionalmente eram excluídas desse nível educacional. Neste contexto destaca-se a política de reserva de vagas nas universidades públicas, para negros e alunos oriundos de escolas públicas.

Muitas discussões foram e ainda são travadas em vários setores da sociedade e também nos meios acadêmicos favoráveis ou não a esse conjunto de medidas. O que podemos observar nesse trabalho é que os alunos da amostra que ingressaram em universidades públicas apresentaram muitas dificuldades no primeiro período, dois inclusive foram reprovados em uma disciplina, o que foi uma decepção, uma vez que durante a escolarização básica eles foram bons alunos.

O instrumento de coleta de dados que utilizei para abordar a questão principal deste trabalho foi a entrevista semi-estruturada. Para isso, solicitei autorização a todos os participantes, para que as mesmas fossem gravadas.

Ainda que, a princípio, o CIEP investigado seja para mim um ambiente familiar, percebi durante a pesquisa, que o era somente em parte, pois a dinâmica escolar é muito complexa e por vezes varia de um turno para outro. Como afirma Velho (1978) “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido, sendo o oposto igualmente verdadeiro: o que vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido” (p.123). Portanto, apesar de ser professora da escola, a pesquisa me levou a perceber aspectos para mim desconhecidos. Ao caracterizar e pensar as experiências escolares dos ex-alunos entrevistados, fiz um esforço para estabelecer um certo distanciamento e um olhar que focalizasse a

realidade escolar de uma forma diferente da rotineira, a fim de garantir as condições para desenvolver a pesquisa.

No CIEP investigado neste trabalho, há duas formas espírituosas de definir os professores, os que são regidos pelo regime de 40 horas (professores concursados para trabalhar nos CIEPs) são denominados *professores residentes*, pois em geral atuam nos três turnos e em vários dias da semana; os professores de 16 horas são designados por *professores visitantes*, pois estes trabalham, em geral, dois dias por semana e apenas em um turno. Meu esforço foi, ao mesmo tempo, de manter minha condição de *visitante* e, ao mesmo tempo, tentar enxergar aquilo que apenas os *residentes* podem “ver”.

Feitas essas considerações passamos agora a apresentar a disposição dos capítulos que compõem a dissertação.

No capítulo 2, abordo sociologicamente a questão da democratização do Ensino Superior e das trajetórias escolares, descrevendo os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa. Recorro aos autores brasileiros Écio Portes, Jaílson de Souza e Silva, Maria Alice Nogueira, Maria José Braga Vianna e Nadir Zago e aos franceses Bernard Lahire e Pierre Bourdieu.

No capítulo 3 procuro caracterizar o CIEP em questão, seu histórico, bem como os seus perfis administrativo e pedagógico, e também os pontos considerados como positivos e negativos na opinião dos participantes. Descrevo, também, a comunidade em que o grupo pesquisado está inserido, destacando seus aspectos históricos, sociais e econômicos.

O capítulo 4 contém o perfil do grupo pesquisado. Na primeira parte, uma análise sintética do grupo como um todo e, na segunda parte, procuro expor o perfil de cada um dos participantes, o itinerário escolar durante a

Educação Básica, o ingresso no ensino superior e os planos e sonhos para o futuro.

No capítulo 5 são apresentadas as Considerações Finais e, em seguida, as Referências Bibliográficas deste trabalho.

2. A ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

A fim de responder à questão central desse trabalho, recorreremos a autores brasileiros como Écio Portes, Jaílson de Souza e Silva, Maria Alice Nogueira, Maria José Braga Vianna e Nadir Zago e aos franceses Bernard Lahire e Pierre Bourdieu que desenvolvem estudos sobre trajetórias escolares. Tenho como objetivo procurar compreender com essa literatura o percurso do grupo pesquisado.

Autores como Nogueira, Portes, Souza e Silva, Viana e Zago, que desenvolvem pesquisas nesta temática, definem em geral estas trajetórias bem sucedidas como, *“sucesso escolar”* ou *“longevidade escolar”*, e atribuem como indicador o ingresso no nível superior. Embora Bernard Lahire utilize como indicador, as notas obtidas no exame nacional de língua francesa e matemática, aplicadas ao correspondente à nossa segunda série do Ensino Fundamental, minha opção por esse autor deve-se a uma observação relevante. Em seu estudo, as reflexões apresentadas estão ligadas à complexidade das configurações familiares e seus investimentos pedagógicos que proporcionam o sucesso ou fracasso de seus filhos. Mesmo considerando-se a inexistência de consenso do que é sucesso escolar, não é possível prescindir desta idéia. Inclusive Lahire afirma que:

Não é papel do sociólogo, dizer o que é “fracasso” e o que é “sucesso” escolar. Estas palavras são categorias, primeiro e antes de tudo, produzidas pela instituição escolar. (p.53)

Apoiados nos conceitos desenvolvidos por Bourdieu sobre capital cultural, papel da família e seus investimentos pedagógicos, o papel da escola e o valor do diploma, vamos tentar compreender as relações que os sujeitos,

segundo sua origem social e familiar, mantêm com a escola. Apresentaremos também a teorização de Bernard Lahire, procurando associar os conceitos dos dois sociólogos.

2.1 SOBRE O CAPITAL CULTURAL

Grande parte dos trabalhos de sociologia da educação tem se dedicado a ressaltar a desigualdade educacional, tanto em termos quantitativos, como qualitativos. Estes estudos utilizam as variáveis clássicas da Sociologia tais como: renda, ocupação e escolaridade dos pais. Um dos primeiros componentes a serem investigados, quando falamos em trajetórias escolares, refere-se à escolarização dos pais. Para dar conta da reprodução da desigualdade social e educacional, Bourdieu desenvolveu o conceito de capital cultural em que ele afirma:

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões naturais, quanto às teorias do “capital humano”. (p.73).

A quantidade de capital acumulado, por cada um dos indivíduos, seria constituída, segundo Bourdieu, por um grupo de “capitais”, entre eles: capital econômico, escolar, social e cultural. Com relação ao capital cultural, podemos dividi-lo em capital escolar, ou seja, o adquirido na escola, e em outras formas de aquisição, ou seja, nas “aprendizagens fora de escola”. Bourdieu classifica o capital cultural em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado.

O capital cultural incorporado, “pressupõe um trabalho de inculcação e

de assimilação” (p.74), necessitando de tempo e de investimento pessoal para sua incorporação. A principal forma de transmissão é a hereditária, principalmente no seio familiar, fazendo do capital cultural, neste estado, “o mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos”. Nogueira (2002) acrescenta que esse capital também se aplica aos gostos, ao domínio maior ou menor da língua culta e às informações do mundo escolar.

Bourdieu pontua:

O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital “pessoal” não pode ser transmitido instantaneamente...Não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depaupera e morre com seu portador.(p.75)

O capital cultural objetivado refere-se aos bens culturais materiais tais como: obras de arte, esculturas, livros e quadros. Assim os grupos sociais detentores de um fraco capital cultural apresentam um distanciamento significativo do capital cultural objetivado. Sua transmissão se dá, na maioria das vezes, de forma jurídica, mas para apropriar-se destes bens é indispensável conhecer os códigos necessários para compreendê-los, ou seja, possuir capital cultural no estado incorporado.

Assim, os bens culturais podem ser objetos de uma apropriação que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural....É preciso não esquecer, todavia, que ele só existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural (campo artístico, científico, etc.) e para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado. (p.78)

Esse tipo de capital é praticamente inexistente no grupo pesquisado, por suas condições sócio-econômicas.

Mas é na obtenção de diplomas que o capital cultural assume sua institucionalização através do *certificado escolar*, que confere ao seu portador:

...um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (p.78)

Com relação a esse tipo de capital, no grupo pesquisado, verifiquei que apenas duas mães e um pai conseguiram alcançar o Nível Superior, sendo que dois desistiram e uma ainda está cursando a graduação.

Bourdieu defende a idéia de que o capital cultural incorporado não é transferido instantaneamente, sendo necessário investimento de tempo. Além disso, as famílias, por sua vez, não têm controle nessa transmissão ou construção, pois é sutil, leve e ténue a ponto de ele classificá-la como um fator altamente determinante do sucesso ou do fracasso, e, portanto da trajetória dos alunos.

Setton (2005) ao tentar compreender como ocorre a apropriação de outras formas de cultura pelas famílias de classes populares, apoiada em Bourdieu explica:

Seria interessante salientar que, se o domínio da cultura culta e letrada estivesse garantido, não precisaria de uma série de estratégias de legitimação e consagração. Esse domínio se forjaria por si. É neste sentido ainda que a cultura não legitimada dos segmentos populares precisa ser a todo tempo estigmatizada como pobre e grotesca. (p.98)

Bourdieu (1966) também afirma que o capital cultural é transmitido “de maneira osmótica, mesmo na falta de qualquer esforço metódico e de qualquer

ação manifesta, o que contribui para reforçar, nos membros da classe culta, a convicção de que eles só devem aos seus dons esses conhecimentos, essas aptidões e essas atitudes, que, desse modo, não lhes parecem resultar de uma aprendizagem.” (p.46)

Essa é uma das mais severas críticas apontadas pelos estudiosos da teoria das classes sociais de Bourdieu. Nogueira (2002) cita Singly (1996) que afirma:

....a transmissão da herança cultural depende de um trabalho ativo realizado tanto pelos pais quanto pelos próprios filhos e que pode ou não ser bem sucedido. Contraoendo-se à imagem do herdeiro que passivamente recebe uma bagagem familiar privilegiada, Singly também observa que a apropriação da herança é fruto de um processo emocionalmente complexo e de resultados incertos (há sempre a possibilidade de dilapidação da herança), de identificação e de afastamento do jovem em relação a sua família.(p.27)

Lahire, nessa mesma direção, promove uma discussão sobre como o capital cultural é apreendido, se é possível transmitir ou se é construído ou não ao longo do tempo. Para ele é necessário considerar que transmissão dá a idéia de uma reprodução idêntica, ou seja, quando não há alteração no conteúdo, sendo uma simples transferência.

Falar de “transmissão” é, principalmente, conceber a ação unilateral de um destinador para um destinatário, ao passo que o destinatário contribui para *construir* a “mensagem” que se considera ter-lhe sido “transmitida”. ... Além disso, mesmo nas mais formais situações de aprendizagem (por exemplo, as situações escolares), o que o adulto julga “transmitir” nunca é exatamente aquilo que é “recebido” pelas crianças.(p.341)

2.2 SOBRE O CAPITAL SOCIAL

Cabe aqui a apresentação do conceito de capital social desenvolvido por Bourdieu (1980):

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações*

mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos *à vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos). (p.67)

Esse capital corresponde à rede de relações interpessoais que cada um constrói nos grupos que frequenta. Uma, das primeiras formas de construção do capital social, está no interior das famílias, os laços de parentesco, por ser o primeiro grupo social a que pertencemos. A segunda forma está nas relações extrafamiliares, ou seja, fora do ambiente doméstico, os contatos profissionais, amigos dentre outros.

Ao analisar as entrevistas do grupo pesquisado percebi que dois participantes utilizaram a sua rede familiar para reduzir as dificuldades de permanência no nível superior de ensino.

2.3 CAMINHOS IMPROVÁVEIS

Lahire (1997) investiga as razões do improvável sucesso escolar de crianças das camadas populares. Ele tenta descobrir como, alunos fadados ao fracasso conseguiram ultrapassar as barreiras características de sua origem social e econômica, e em alguns casos, conquistar os melhores lugares nas avaliações de língua francesa e matemática. Selecionou para compor a sua amostra, uma população inicial de 130 alunos da que frequentavam a 2ª série correspondente ao nosso Ensino Fundamental, matriculados em quatro grupos escolares situados na periferia de Lyon. Ele estabeleceu como primeiro critério, que os pais tivessem um capital escolar fraco e uma situação econômica de poucos recursos, ou seja, pai operário qualificado ou não, empregado do setor de serviços, desempregado ou aposentado de uma dessas atividades.

Como parâmetro para a segunda fase utilizou as notas obtidas no exame nacional, onde constam as provas de língua francesa e matemática. Lahire atribuiu como indicador de fracasso, nota inferior a 4,5, o de sucesso superior a 6. Dentro do grupo familiar definido no parágrafo anterior ele procurou encontrar alunos com um desses dois perfis. Os alunos que obtiveram resultados superiores a 4,6 e inferiores a 5,9 são considerados médios, para o autor. Após considerar esses aspectos, sua amostra constituiu-se de 26 famílias, com 27 crianças (sendo duas dentre elas irmãs) selecionadas e entrevistadas por ele e seu grupo. Outra particularidade desse grupo era o fato de um grande número de chefes de família ser imigrante. Também foram escolhidos sete professores e quatro diretores da periferia de Lyon (França).

Lahire analisou estatísticas, verificou padrões e associou variáveis para chegar às suas conclusões. O autor também se interessou pelos extremos que podem ocorrer, quando trabalhamos com médias. Ele procura mostrar em seu trabalho a complexidade do tema, analisando todos os componentes no nível micro, a fim de demonstrar que os mesmos podem interferir no desempenho escolar da criança. Ele acredita que se as estatísticas forem apenas produções de dados, tornam-se abstratas em relação ao seu contexto, pois não correlacionam outros fatores.

Lahire utilizou também, em suas análises, o conceito de capital cultural de Bourdieu. Para compreender o universo pesquisado, abordou o capital cultural familiar em suas três formas: objetivado, incorporado e institucionalizado. Observou práticas cotidianas, bens materiais disponíveis nas residências, o nível escolar dos membros da família e a percepção do valor

atribuído ao sistema escolar pela família.

Ele descreve as configurações familiares de seus entrevistados, considerando como pertinentes cinco temas: a) as formas familiares da cultura escrita; b) as condições e disposições econômicas; c) a ordem moral doméstica; d) as formas de autoridade familiar e, por último, e) as formas familiares de investimento pedagógico. Também avalia que o bom ou o mau desempenho escolar não pode ser atribuído a um único fator ou a um modelo único de investimento familiar.

Ao traçar o perfil de seus entrevistados, Lahire os agrupou por características semelhantes, com exceção do primeiro e do último grupo em que são retratadas situações de fracasso e de sucesso escolar, respectivamente. Nos demais casos, ele mostra grupos familiares semelhantes, onde os filhos apresentam situações de fracasso ou sucesso, ou seja, sempre existiriam dois ou mais caminhos a serem trilhados. As “escolhas” variam de acordo com as experiências, bloqueios, traumas ou alegrias de cada um. No próximo tópico, exploraremos melhor o papel e a situação familiar.

Com relação às entrevistas realizadas com os professores, Lahire comenta suas falas sob dois aspectos: “a ordem escolar das qualidades” e a “autonomia e a disciplina”. Ele pontua que os professores, ao avaliarem os alunos, os julgam sob duas formas: o aspecto comportamental e cognitivo. Os professores acabam por introduzir componentes subjetivos, tais como o histórico familiar e a comunidade onde os alunos vivem, sendo que os aspectos comportamentais são os fatores mais relevantes para os professores, principalmente nas primeiras séries.

Os alunos com bom comportamento escolar, mas com resultados

escolares fracos, são considerados pelos professores como “escolarmente suportáveis” e, o contrário, são os “escolarmente insuportáveis”. Lidar com aqueles que perturbam a dinâmica da sala de aula e que não avançam, tem se revelado uma tarefa difícil para os professores. Por outro lado, o que ocorre é que esse julgamento baseado nos valores dos professores acaba por estigmatizar os alunos, enfatizando a sua capacidade ou incapacidade para as atividades propostas, podendo inclusive gerar conseqüências significativas na vida escolar do estudante. Afirmar que a criança que não atinge os objetivos escolares, nos aspectos comportamental ou cognitivo, em função das condições econômicas, culturais ou emocionais de sua família, não seria promover um círculo vicioso?

Sob esse aspecto, os alunos das classes média ou alta levariam vantagens sobre os demais, uma vez que são preparados para o cotidiano escolar. Em geral, são crianças que já interiorizaram as normas de comportamento escolar, se familiarizam com o novo espaço e suas regras. Lahire comenta os julgamento dos professores, com relação às crianças das classes populares:

Elas parecem não ter as condições apropriadas para receberem as mensagens escolares: as mensagens não chegam até elas, ou chegam com dificuldade, porque não ouvem, brincam, não se concentram, não fazem seus deveres, estão sempre viradas para trás, com a “cabeça na lua”, não estudam, são lentas...Estes alunos devem sempre ser solicitados, chamados à atenção, receber ordens diretas dos professores. (p.55)

2.4 O PAPEL DA FAMÍLIA E OS INVESTIMENTOS PEDAGÓGICOS

Para que não sejam abertas outras possibilidades interpretativas, queremos ressaltar que neste trabalho entendemos a família da mesma forma

que o dicionário Aurélio: “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”

Bourdieu (1996) ressalta o papel da família como unidade de reprodução social. Ela “tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social das relações sociais.” (p.131) e como tal:

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes em face do capital cultural e da instituição escolar” (1966 p. 42).

Um outro aspecto levantado por Bourdieu é com relação ao número de filhos das famílias das classes populares, pois com a limitação da prole torna-se possível direcionar o máximo de investimento a cada um dos filhos, seja em educação, saúde ou lazer.

Limitando a própria família a um número reduzido de filhos, quando não ao filho único, no qual se concentram todas as esperanças e esforços, o pequeno burguês não faz mais do que obedecer ao sistema de exigências que está implicado em sua ambição: na impossibilidade de aumentar a renda, precisa reduzir a despesa, isto é, o número de consumidores. (p.107)

O tamanho da família aliado às estratégias escolares proporcionam longevidade escolar comprovada pelas estatísticas, desde que haja controle de todas as outras variáveis. Este fato é comprovado na pesquisa de Portes onde os participantes “são provenientes de famílias pequenas (três filhos)”. Esse fato se repete também neste trabalho, pois verificamos que dos dez participantes, um é filho único, sete têm um irmão, um tem dois e apenas um tem quatro irmãos.

Segundo Lahire (1997), as famílias transmitem através de atitudes,

hábitos e atos um conjunto de procedimentos que se refletem na vida escolar de seus filhos:

....a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família. Ela não “reproduz”, necessariamente e de maneira direta, as formas de agir de sua família, mas encontra sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio da qual está inserida. Suas ações são reações que “se apóiam” relacionalmente nas ações dos adultos, que sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamentos e de representações possíveis para ela ...(p.17)

Zago (2000) acrescenta que isso pode se dar de forma intencional ou não.

Lahire apresenta, provisoriamente, o conceito de configuração social – um conjunto dos elos que constituem uma “parte” (mais ou menos grande) da realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana(p.39-40). Para ele este conceito está, lentamente, sendo construído no decorrer das pesquisas empíricas.

Lahire analisa caso a caso cada uma das configurações familiares estudadas e classifica seus respectivos perfis, do seguinte modo:

- Famílias com alto capital cultural que têm a oportunidade de proporcionar a socialização da criança, mas nem sempre têm tempo ou ocasiões de fazê-lo. Por essa razão, famílias com capitais culturais equivalentes podem produzir efeitos distintos na socialização de seus filhos, conforme a disponibilização dos familiares para transmitir seus conhecimentos e desenvolver nas crianças a capacidade de observação, para apreciar e avaliar o mundo.

Para Bourdieu, “mais que diplomas obtidos pelo pai, mais mesmo

do que o tipo de escolaridade que ele seguiu, é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança. Ainda que o êxito escolar pareça ligado igualmente ao nível cultural do pai ou da mãe, percebem-se ainda variações significativas no êxito da criança quando os pais são de nível desigual". (p.42)

- Famílias que investem na compra de livros, dicionários ou enciclopédias para seus filhos, mas que não dispõem de tempo para estimular descobertas nesses investimentos, frustram-se por não ter seus objetivos atingidos. Por outro lado encontramos famílias em que os pais mesmo não tendo o hábito de ler, valorizam a leitura, a redação de histórias, o hábito de fazer palavras cruzadas e a visita a bibliotecas;

Essas famílias acreditam que tal forma de transmissão se dá por aquilo que Bourdieu chama de osmose, não havendo qualquer tipo de esforço metódico. (p.46)

- Famílias com pouca ou nenhuma instrução escolar, com pais, muitas vezes, analfabetos, podem, em um primeiro momento, ter dificultada a ajuda aos filhos nas tarefas de casa. No entanto, são capazes de demonstrar com atitudes, o lugar de destaque que atribuem ao cotidiano escolar das crianças. Essa postura pode ser percebida nos diálogos, na organização das tarefas escolares, na regularidade dos horários de diversão e trabalhos escolares ou até no simples interesse em ouvi-las sobre o que fazem na escola, ainda que, muitas vezes, sem a compreensão total do que

lhes é relatado. Esses pais solicitam ajuda a seus filhos para ler correspondência, escrever bilhetes ou consultar a lista telefônica. Essas crianças sentem-se importantes por isso, ganhando, assim, o reconhecimento familiar.

Bourdieu observa que, as famílias que despertaram para a cultura socialmente mais valorizada, reconhecem que ainda não a conquistaram, mas sabem da importância em fazê-lo. Suas ações são direcionadas para que seus filhos possam adquirir tal cultura: *“eu não tive, mas meus filhos terão”*, mesmo que isso represente grandes sacrifícios pessoais e familiares.

- Famílias, com uma relação escolar sofrida, com traumas, angústias, remorsos ou bloqueios, transmitem a seus filhos suas inseguranças e temores em relação à aprendizagem. Comparativamente essas relações familiares são mais difíceis do que a dos pais analfabetos;

Segundo Bourdieu, a transmissão da herança depende, doravante, para todas as categorias sociais, embora em graus diversos, dos veredictos das instituições de ensino que funcionam como um princípio da realidade brutal e potente, responsável, em razão da intensificação da concorrência por muitos fracassos e decepções. “... Na escola se encontra, freqüentemente, a origem do sofrimento das pessoas, frustradas em seu próprio projeto ou nos projetos que fizeram para seus descendentes”. (p.231)

- Famílias com configurações contraditórias, por exemplo, pai analfabeto e irmão universitário, configuram uma situação onde a

criança pode se apoiar, ou no adulto que ressalte o trabalho escolar, tenha sensibilidade para leituras alicerçando a sua trajetória, ou no membro da família que não dê tanta importância à escola e, não tenha a prática da leitura.

Bourdieu afirma que, “a presença no círculo familiar de pelo menos um parente que tenha feito ou esteja fazendo curso superior testemunha que essas famílias apresentam uma situação cultural original, quer tenham sido afetadas por uma mobilidade descendente ou tenham uma atitude frente à ascensão que as distingue do conjunto das famílias de sua categoria.” (p.44)

Um outro aspecto pontuado por Lahire, que merece destaque, refere-se à questão da disciplina escolar e do respeito aos professores, nas classes populares. Em suas palavras:

Como não conseguem ajudar os filhos do ponto de vista escolar, tentam inculcar-lhes a capacidade de submeter-se à autoridade escolar, comportando-se corretamente, aceitando fazer o que lhe é pedido, ou seja, serem relativamente dóceis, escutando, prestando atenção, estudando e não brincando... (p.25)

Há uma crença entre os professores de que o ambiente doméstico e a participação da família na vida escolar de seus filhos, determinam o bom ou o mau desempenho escolar. Assim, famílias estruturadas financeiramente geram aprovação e longevidade escolar, enquanto que famílias desestruturadas provocam reprovação e evasão escolar. Isto gera um círculo vicioso: ricos fadados ao sucesso, enquanto que aos pobres está reservado o fracasso. Lahire apresenta nas conclusões finais da pesquisa, publicada em seu livro Sucesso Escolar nos meios populares – As razões do improvável, que “o tema da omissão parental é um mito”. Segundo ele:

Esse mito é produzido pelos professores, que, ignorando as lógicas das configurações familiares, deduzem, a partir dos comportamentos e dos desempenhos escolares dos alunos, que os pais não se incomodam com os filhos, deixando-os fazer as coisas sem intervir. (p.334)

As pesquisas comprovam que nas famílias das classes média ou alta, a escolarização de seus filhos é um processo natural, em geral, são trajetórias sem interrupções e, o ingresso no nível superior, é o que Bourdieu chama de “causalidade do provável”. Segundo Nogueira (2000), a tese de “causalidade do provável”, formulada por Bourdieu, estabelece que a propensão ao provável, que orienta os sujeitos, resulta da interiorização das condições objetivas de existência ou, mais precisamente, da confluência entre “um agente predisposto e prevenido, e um mundo presumido, isto é, pressentido e prejulgado, o único que lhe é dado conhecer” (p.133).

Nas classes populares este projeto é construído passo a passo, pois as dificuldades a serem superadas são muitas. Para Bourdieu (1966) “os obstáculos são cumulativos, pois as crianças das classes populares e médias que obtêm globalmente uma taxa de êxito mais fraca precisam ter um êxito mais forte para que sua família e seus professores pensem em fazê-las prosseguir seus estudos.” (p.50)

As conclusões da pesquisa realizada por Viana (1998) com sete universitários da UFMG, UEMG e UFJF, oriundos das camadas populares, corroboram essas afirmações:

Ao invés de projeto escolar de longo prazo formulado no início da escolarização, foram observados, nas biografias escolares estudadas, planos parciais que se constituíram no próprio processo de escolarização em decorrência dos êxitos parciais que foram obtidos, os quais funcionaram como estimuladores de novos investimentos e mobilizações para o prosseguimento dos estudos. Portanto, esses êxitos parciais induziram, continuamente, a formulação desses planos parciais e levavam

à constituição, também de forma progressiva, de práticas, sentidos e disposições favoráveis à longevidade escolar⁷.

Lacerda (2006) também, em sua tese de doutorado, analisa as conclusões de Portes a respeito dos 27 universitários investigados da UFMG oriundos das classes populares:

Para Portes (op. cit.:69), as famílias dos universitários entrevistados não tinham um projeto escolar ou um planejamento de longo prazo formulado que regulasse suas práticas em termos de escolarização dos filhos, mas buscaram ajuda, apoio e informações junto às redes de relações que possuíam, estimularam seus filhos a competir na escola, de forma a utilizar o desempenho intelectual como forma de suprir as desvantagens sociais e empreenderam ações para que seus filhos desenvolvessem disposições virtuosas que possuem certa proximidade com as ações de pais das camadas médias, como: assiduidade, tenacidade, perseverança. Parece, assim, que os pais dos universitários investigados por Portes (op. cit.) agiram estrategicamente, influenciados por práticas de escolarização dos filhos de camadas médias.(p.158)

Por esse motivo, a escolha do curso superior, no Brasil, está diretamente relacionada à camada social a qual pertencem os alunos. Jovens mais abastados freqüentam os cursos mais valorizados⁸ como Medicina, Odontologia e Fisioterapia, nas instituições mais conceituadas, enquanto os jovens das camadas menos favorecidas acabam tendo acesso, em instituições públicas, a cursos menos valorizados como Pedagogia, Letras e História, quando não optam por cursos em instituições privadas pouco conceituadas. (Viana, 1998; Portes, 1993).

2.5 PAPEL DA ESCOLA

A escola, de uma maneira ou de outra, faz parte da vida familiar, de tal

⁷ Expressão utilizada, pela Prof. Maria Jose Braga Vianna (UFMG), para designar a trajetória de alunos das camadas populares, que ingressam no ensino superior.

⁸ É importante ressaltar que essa denominação não tem conotação sobre o prestígio ou qualquer tipo de julgamento de valor sobre a qualidade dos cursos.

maneira que o cotidiano escolar costuma interagir com a organização do dia-a-dia da família. Sendo assim, matricular os filhos na escola constitui para a maioria das pessoas um processo bastante natural. A partir dessa iniciativa, os pais estão, na realidade, inserindo seus filhos em um espaço comum a todas as classes. A escola consiste, portanto, em um meio de inserção social. Para Bourdieu, “a escola é um campo que, mais do que qualquer outro, está orientado para sua própria reprodução”, ele avalia que essa instituição perpetua as diferenças e desigualdades sociais, sendo que o aspecto mais incontestável está representado nas diferenças entre o desempenho escolar dos pobres e dos ricos.

A reprodução das desigualdades pela escola se dá no momento em que, com seu discurso igualitário, ignoram-se as diferenças, que não são evidenciadas na posse do capital cultural que o aluno herda de sua família. Bourdieu (1998b) tece o seguinte comentário sobre o sistema de ensino:

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, os métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (p.53).

As crianças, com bagagens culturais diversas, em função do grupo familiar a que pertencem, são tratadas igualmente na escola. Constata-se que aquelas que foram, em seus ambientes familiares, preparadas para o cotidiano escolar, em geral se adaptam com mais facilidade do que aquelas que, ao contrário, possuem pouca ou nenhuma relação com aquele cotidiano. Esses fatos, segundo Bourdieu, acentuam as diferenças:

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio ambiente somente os hábitos e treinamento diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhe possam dar. Elas herdam também saberes (e um *savoir-faire*), gostos e um “bom gosto” cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais freqüentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom. (p.45)

Nesses casos, podemos afirmar que as desigualdades culturais acabam se transformando em desigualdades escolares, Earp (2006) complementa que: “a escola trata como “iguais de direito” indivíduos “desiguais de fato”. A escola, portanto, não tem conseguido cumprir sua real função, como observa Bourdieu, “desenvolver em todos os membros da sociedade, sem distinção, a aptidão para as práticas culturais que a sociedade considera como as mais nobres” (p. 62), ou seja, a escola deve abdicar do papel de agente de permanência para tornar-se um agente de mudança.

Podemos também ressaltar que a escola ainda é considerada conservadora, uma vez que pouco tem atuado no sentido de encontrar “meios mais eficazes de transmitir a todos os conhecimentos e habilidades que exige de todos” (p. 53).

O aumento de vagas em todos os níveis, desde a Educação Básica até a Superior nos dá a sensação que o papel da escola vem se modificando. No entanto, os estudos de Bourdieu – embora realizados na França, desde a década de 70, mostram a mesma situação vivenciada no Brasil, nos tempos atuais e – vêm demonstrar, que não é suficiente a mera expansão dos sistemas escolares, pois a ampliação quantitativa do ensino não trouxe um avanço qualitativo que reduzisse a desigualdade escolar.

Isto ocorre em virtude de a escola promover uma seleção interna que gera um fenômeno de exclusão de muitos dos alunos que estão dentro do sistema, o que

Bourdieu e Champagnhe chamam de “excluídos do interior”, havendo apenas um aumento do tempo de permanência na escola. Os autores alertam também sobre as formas mais sutis, ocultas e disfarçadas que levam as escolas a conservarem em seu interior os excluídos, postergando, o seu abandono ou eliminação e, promovendo, o que eles chamam de “exclusão branda”.

Essa situação de exclusão, pela qual o indivíduo passa, desencadeia um sentimento de frustração e ressentimento. Bourdieu e Champagnhe (1992) descrevem esse desencanto como fruto de uma violência absolutamente nova:

Como sempre, a Escola exclui; mas, a partir de agora exclui de maneira contínua, em todos os níveis (...) e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados. Por conseguinte, esses excluídos do interior são votados a oscilar – em função, sem dúvida, das flutuações e das oscilações das sanções aplicadas – entre a adesão maravilhada à ilusão que ela propõe e a resignação a seus veredictos, entre a submissão ansiosa e a revolta impotente. (p.224)

Enquanto a escola permanecer promovendo uma falsa igualdade, considerando que todos os alunos, independente da classe social, têm a mesma “situação na chegada”, já percebemos, que as possibilidades dos filhos das camadas populares vão se reduzindo a cada ano de escolaridade. Isso dificulta uma estreita identificação entre a identidade escolar e a identidade social. Nas palavras de Bourdieu (1998f):

Assim, a instituição escolar tende a ser considerada cada vez mais, tanto pelas famílias quanto pelos próprios alunos, como um engodo, fonte de imensa decepção coletiva: essa espécie de terra prometida, semelhante ao horizonte, que recua na medida em que se avança em sua direção. (p.221)

Se há uma repetição no Brasil dos acontecimentos ocorridos na França, na década de 70, podemos concluir que o nosso sistema educacional oferece um vasto campo para pesquisa e apresenta uma série de questões que

precisam ser entendidas e superadas.

2.6 O VALOR DO DIPLOMA

O processo de universalização das matrículas escolares no Ensino Fundamental e a expansão de vagas para o Ensino Médio têm levado a que, cada vez mais jovens das camadas populares tentem ingressar no Ensino Superior.

Estudar e obter um diploma é o sonho de muitos alunos das classes populares, que pretendem ascender social e economicamente. Para muitas famílias nas quais se inserem esses jovens, a educação formal é o caminho possível para possibilitar mudanças, que ampliem oportunidades pessoais e profissionais futuras.

O aumento geral da escolaridade da população poderá trazer como consequência o que Bourdieu e Champagnhe (1992) denominaram de “inflação de diplomas”. O que pode conferir ao seu portador um valor alto ou baixo dependendo da facilidade de acesso a esses certificados escolares. Segundo os autores, esses certificados correm o risco de serem menos valorizados junto ao mercado de trabalho:

Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado: e, se fracassam, o que se segue sendo seu destino mais provável, são votados a uma exclusão, sem dúvida, mais estigmatizante e mais total do que era no passado. (p.221)

Entretanto, se os estudantes provenientes de famílias de baixo capital cultural, conseguem concluir o curso no qual estão matriculados, recebem um diploma, que para eles atestaria seu mérito pessoal. No entanto, trata-se de um

título bastante desvalorizado, pois não lhes confere as competências e os saberes necessários à disputa por uma vaga no mercado de trabalho. Essa constatação gera frustração e, sobre esse assunto, Bourdieu (1998f), afirma que:

...aparentemente tiveram a “sua chance” e na medida em que a definição de identidade social tende a ser feita, de forma cada vez mais completa, pela instituição escolar: e mais total, na medida em que uma parte cada vez maior de postos no mercado de trabalho está reservada, por direito, e ocupada, de fato, pelos detentores, cada vez mais numerosos, de um diploma (o que explica que o fracasso escolar seja vivido, cada vez mais acentuadamente, como catástrofe, até nos meios populares). (p.221)

A abordagem de Bourdieu (1998g) é mais adequada para a compreensão dos processos coletivos, pois existe uma “defasagem entre as aspirações que o sistema de ensino produz e as oportunidades que realmente oferece” (p.161). Isso gera uma espécie de desilusão coletiva em relação aos benefícios da escolarização e, por consequência, em relação à própria escola. É uma compreensão coletiva do fracasso e não um processo individualizado.

É interessante destacar que, apesar de Bourdieu ter trabalhado com análises mais abrangentes e gerais, no caso específico deste trabalho veremos, mais adiante, que a situação de fracasso vivida por uma das entrevistadas estende-se, como uma consequência, pelos demais integrantes da família.

3. O CIEP E SEU CONTEXTO

3.1 O BAIRRO ONDE ESTÁ LOCALIZADO

Os aspectos que passamos a descrever referem-se ao histórico da região de Guaratiba, onde se localiza o CIEP investigado, suas principais atividades econômicas.

A história oficial da região de Guaratiba, palavra de origem tupi formada de guará (ave pernalta) e tiba (muita quantidade), teve início por volta de 1580. Nessa ocasião, Manoel Veloso de Espinha, casado com Jerônima Cubas, filha de Brás Cubas, veio morar com toda a sua família, na recém constituída Sesmaria de Guaratiba, e passou a construir e, depois, a administrar, engenhos de produção e exportação de açúcar e aguardente.

Siqueira (1991) conta que “no ano de 1750, Guaratiba se encontrava dividida entre vários herdeiros e cada comunidade foi dando ao seu lugarejo nomes comuns ao convívio diário: Barra de Guaratiba – porque tem a foz do rio que desemboca no oceano; Ilha de Guaratiba – porque pertencia a um senhor chamado William e que pelo trato popular tornou-se Ilha; Pedra de Guaratiba – porque sua população se formou muito próxima a uma pedreira.”

Atualmente, a população da região é formada por pequenos agricultores e pecuaristas que se dedicam à plantação de banana, laranja, manga, coco, chuchu dentre outros. Na pecuária e avicultura destacam-se criações de aves, caprinos, suínos, bovinos e coelhos.

Uma outra atividade importante é a pesca. Lá encontramos camarão, siri, caranguejo, parati, tainha, robalo, pescada, corvina, sardinha, dentre outros. Por conta desta abundância, foram construídos dois entrepostos e, conseqüentemente, se desenvolveu uma gastronomia típica da região.

Guaratiba possui cerca de 101 mil (Censo 2000) habitantes espalhados em baixa densidade populacional, sendo a densidade líquida⁹ de 7 hab/ha e a densidade bruta¹⁰ de 4 hab/ha. Está distante cerca de 100 km do centro do Rio de Janeiro. De acordo com os dados coletados pelo IBGE no Censo de 2000 e analisados pelas Secretaria Municipal de Urbanismo e Fundação Getulio Vargas, neste local foram identificados os mais baixos indicadores sociais. Apresenta IDH 0,746, um dos cinco piores dos bairros do município do Rio de Janeiro. Além disso, cerca de 27% da população residente é classificada como miserável e, a renda média varia em torno de 2,1 salários mínimos. Com relação à educação, os índices apresentados são os seguintes: 12% de analfabetos, 91% das crianças na idade entre quatro e seis anos não freqüentam creche, a média de estudo é de 4,76 anos e somente 3% da população possui Nível Superior. No que se refere à saúde, foi verificada uma das mais altas taxas de mortalidade infantil: 47 mortes em cada 1.000 nascimentos. Constatou-se também que apenas 5,23% da população tem acesso a computadores e Internet.

Quanto aos aspectos estruturais, a rede municipal oferece onze escolas atendendo alunos de 1ª à 8ª série¹¹, três creches e uma escola destinada à educação de jovens e adultos. A rede estadual dispõe de quatro escolas, sendo duas para o Ensino Médio e dois supletivos (um para o Ensino Fundamental e o outro para o Ensino Médio). Para o Ensino Superior, as instituições mais próximas estão localizadas em Santa Cruz ou Campo Grande, sendo que

⁹ A chamada densidade líquida é a relação entre a quantidade de pessoas que moram ou trabalham na área relacionada apenas com a superfície dos terrenos.

¹⁰ A densidade bruta é a relação entre a quantidade de pessoas que moram ou trabalham, considerando toda a superfície de uma zona (terrenos, praças e ruas).

¹¹ Estamos utilizando a nomenclatura do Ensino Fundamental, embora em 2007, tenha sido implantado o Sistema de Ciclos na rede municipal.

apenas uma, a UEZO – Universidade da Zona Oeste, (criada no Governo de Rosinha Matheus) pertence à rede pública.

O deslocamento para o centro do Rio é difícil, demorado e dispendioso. Há seis linhas de ônibus servindo a população, sendo três com destino ao Centro da cidade. Duas linhas oferecem ônibus urbano com ar condicionado: uma, via Avenida Brasil e, outra, via Barra da Tijuca, com o custo de R\$ 4,20 a passagem. A outra linha circula com ônibus do tipo intermunicipal, e a passagem custa R\$ 8,50 e o tempo médio de viagem é de duas horas. As demais linhas têm trajetos para Campo Grande e Santa Cruz. Há também o transporte alternativo realizado por kombis e Vans.

Quando surgem problemas de saúde com os alunos, as escolas da região os encaminham, através de memorando, a um dos dois postos de saúde. Recentemente, foi implantado na Fazenda Modelo, o Programa Saúde da Família (PSF).

Um outro ponto a ser comentado, diz respeito à Fundação Assistencial Xuxa Meneghel. Trata-se de uma instituição inaugurada em 1989, com o objetivo de atender crianças, adolescentes e respectivas famílias, residentes na Pedra de Guaratiba. Atualmente, a Fundação ocupa-se de 500 crianças. Para as crianças e adolescentes são desenvolvidas atividades nas áreas de Educação, Saúde, Arte, Cultura, Esporte e Lazer e para os jovens e adultos, projetos de aumento de escolaridade, capacitação profissional, geração de renda, pré-vestibular, inclusão digital e inglês.

Os cursos gratuitos específicos para o mercado de trabalho, mais procurados pelos estudantes do CIEP pesquisado, são: Informática, Internet e Telemarketing. Também é oferecido um curso pré-vestibular, no qual, como

veremos mais adiante duas alunas entrevistadas tiveram a oportunidade de estudar.

Um dos pontos turísticos mais famosos da região é o Sítio Roberto Burle Marx, antigo Sítio de Santo Antônio da Bica, que foi um engenho de cana dos Monges Beneditinos. Produziu depois café e bananas, até ser vendido, em 1949, ao paisagista Roberto Burle Marx (1909/94), que o transformou na maior reserva da flora brasileira e mundial: um verdadeiro Jardim Botânico.

O sítio tem 3.500 espécies de plantas numa área de 365 mil metros quadrados, além de uma capela beneditina do século XVII, a sede da fazenda e o ateliê do paisagista. Visando a preservar o espaço, com meio ambiente privilegiado, para as gerações futuras, Burle Marx doou-o ao governo federal em 1985. Sua administração é realizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN/ Ministério da Cultura.

O sítio está localizado na antiga Estrada da Barra de Guaratiba, que por legislação municipal (Decreto nº. 16.239, de 20 de novembro de 1997) modificou a designação para Estrada Roberto Burle Marx. Para conhecê-lo é necessário agendar uma visita guiada e o passeio dura em média duas horas.

As manifestações culturais em Guaratiba resumem-se a desfiles de blocos no carnaval, festas religiosas como a procissão se São Pedro – padroeiro dos pescadores, desfile cívico, vez por outra exposições de artistas plásticos da localidade e eventos musicais. A vida cultural no bairro é escassa, pois não há cinemas, museus ou teatros.

Notamos também que o bairro dispõe de poucos clubes e áreas destinadas ao lazer. As atividades culturais ou de lazer, em geral, se restringem ao espaço escolar, especialmente ao CIEP. As festas e os torneios esportivos

abertos à comunidade, promovidos pelas escolas das redondezas, contam com um número expressivo de participantes. Cavaliere e Coelho (2003) confirmam esta tendência em seus estudos: “O espaço passa a cumprir o papel de um espaço público aberto, quase sempre inexistente nos bairros periféricos, substituindo a praça, o campo de futebol ou o clube”.(p.159)

3.2 CIEP

3.2.1 HISTÓRICO

A construção do CIEP em questão foi prevista no II Programa Especial de Educação do Estado do Rio de Janeiro – PEE, para atender em horário integral, ao antigo primário (1ª à 4ª série). A comunidade necessitava, no entanto, de uma escola de 2º grau¹², atual Ensino Médio, pois os alunos eram obrigados a se deslocar para Campo Grande ou Santa Cruz a fim de continuarem seus estudos. Por isso, a já extinta Associação de Moradores de Guaratiba reivindicou a Secretaria Estadual de Educação a mudança, a fim de contemplar essa necessidade dos jovens daquela região.

O CIEP foi implantado, em 1994, com a proposta de Ginásio Público, prevista no Projeto de Lei de Diretrizes e Bases apresentado pelo Senador Darcy Ribeiro ao Senado Federal e autorizada pelo Parecer 494, de 2 de janeiro de 1994 do Conselho Estadual de Educação. Essa proposta contemplava um novo currículo e compactava a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries do 1º grau e as 1ª, 2ª e 3ª séries do 2º grau, em cinco anos de estudo (6º ao 10º ano).

Trata-se de uma proposta nova, que não tem referencial nem nos ginásios do antigo sistema, nem na Lei 5.692/71 que,

¹² Vamos utilizar nesse texto a denominação da época, isto é, 1º e 2º Graus, depois substituída por Ensino Fundamental e Ensino Médio.

instituiu a exigência de 8 (oito) anos de escolaridade para o ensino Fundamental A criação dos Ginásios Públicos parte, assim, da convicção de que os cursos de Primeiro e Segundo Graus, do ponto de vista de sua estrutura, devem ser reformulados. (O Novo Livro dos CIEPs – p.121)

O horário integral era opcional, e o currículo básico obrigatório seria oferecido pela manhã ou à tarde e, nos contra-turnos, haveria oficinas. À noite, funcionava o Curso de Madureza pelo sistema de Ensino a Distância, para aqueles jovens maiores de 14 anos, que não tiveram oportunidade de completar o 1º ou 2º grau.

O diretor, responsável pela implantação do CIEP, foi cedido pela Secretaria Municipal de Educação. Ele recebeu os professores contratados, através de Concurso Público, que tomaram posse antes do término das obras. Foi organizado o concurso para admissão de alunos ao 6º e 9º anos, com avaliações diagnósticas de Matemática e Língua Portuguesa¹³, que foram corrigidas por estes professores e encontram-se arquivadas na pasta de documentação de cada aluno.

As atividades foram iniciadas com alunos matriculados no sexto ano de escolaridade e no nono ano, após uma avaliação diagnóstica que permitia situar o aluno em seu momento de aprendizagem. Instrumento de avaliação diagnóstica foi também aplicado para a reorganização das turmas. (O Novo Livro dos CIEPs – p.122)

Este sistema vigorou em 1994 e 1995. De 1996 a 1998, os alunos eram matriculados diretamente na secretaria do CIEP por seus responsáveis e, na sua maioria, eram oriundos de escolas municipais das redondezas. A partir de 1999 a Secretaria Estadual de Educação implantou a matrícula por telefone e, atualmente, também via Internet.

¹³ As cópias das avaliações, para o acesso ao 6º e 9º anos, de 1994 e 1995 estão nos Anexos desta dissertação.

Ao final do segundo governo Brizola, em 1994, havia a expectativa sobre quem seria eleito governador do Rio de Janeiro e que destino teriam os CIEPs. Essa apreensão se deu porque, ao final primeiro governo Brizola (1983–1986), o governador eleito Moreira Franco extinguiu o horário integral e o Programa dos CIEPs como um todo.

Em 1992, começaram as divergências entre Marcelo Alencar e Leonel Brizola, ambos filiados ao PDT e em 1993, após 13 anos, Alencar deixou o partido filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), sendo eleito governador do Estado, no pleito de 1994.

Em 1995, ao assumir o governo, Marcelo Alencar, opositor de Brizola, assinou decretos que afetaram drasticamente o funcionamento dos CIEPs: primeiro demitiu todos os professores bolsistas¹⁴ e, logo em seguida, foram demitidos os servidores cooperativados como: merendeiras, serventes, auxiliares de Biblioteca e Consultório Médico, etc.. Também retirou a merenda (almoço), o que inviabilizou o horário integral. Com isso houve um esvaziamento na escola, a ponto de não haver alunos suficientes para formação de turmas regulares, nos dois turnos. Uma das soluções encontradas para cobrir a carga horária dos professores que permaneceram foi o oferecimento de oficinas, nos contra-turnos, de livre escolha para os alunos, que duravam um bimestre e, ao concluírem, eles apresentavam o que era chamado de “produto final.”

Em 1996, Marcelo Alencar interrompe o sistema dos GPs criado por Darcy Ribeiro, descaracteriza os CIEPs e os transforma em escolas regulares com Ensino Fundamental e Médio. O CIEP investigado passou a conviver com

¹⁴ O II PEE contratou professores recém-formados, em sistemas de bolsas, a fim de iniciarem sua prática educativa ao mesmo tempo em que davam continuidade ao seu processo de aperfeiçoamento. (Novo Livro do CIEPs p.185)

os dois sistemas – GP, Ensino Fundamental e Médio – até que os alunos matriculados no 6º ou no 9º ano viessem a concluir a sua escolarização.

Moussatché (1998) analisou, em sua tese de doutorado, o projeto arquitetônico de três escolas, sendo uma delas o CIEP Nação Rubro-Negra e tirou as seguintes conclusões sobre como o sistema escolar é utilizado por grupos políticos, que estão no poder. Segundo a autora:

Ao assumirem o Poder, os grupos antagônicos ao governo anterior, entretanto, não se dedicam a mudar a "marca", como poderia-se esperar, mas abandonam completamente as políticas de expansão e, o que é mais grave, deixam de investir na manutenção dos prédios existentes. [...] E os prédios recém-construídos, assim como os mais antigos, deterioram-se até o momento em que, sem condições ambientais de utilização, passam a ser apresentados à população, através dos meios de comunicação, como "edificações obsoletas". (p. 186)

O CIEP em questão foi muito atingido por essas medidas, perdendo vários alunos nesse período devido à falta de professores e vivenciando um sentimento de derrota e tristeza entre todos os envolvidos. O próprio diretor foi obrigado a retornar às suas atividades na esfera municipal, sendo indicada pela Coordenadoria uma nova equipe para a Direção.

Esse sentimento é recorrente em muitos docentes que participaram da implantação desse projeto, mas não ocorreram manifestações significativas para a reversão desse quadro. Cavaliere e Coelho (2003) afirmam “A resistência ao desmonte do programa foi pequena e não chegou a desencadear um movimento com expressão política”.(p.152)

Em 2001, foi autorizado o retorno do horário integral para as turmas do Ensino Fundamental, após reivindicações da equipe de Direção apoiada pelos professores remanescentes do PEE, que acreditam em escolas de tempo integral.

A partir de 2006, somente as turmas de 6º e 7º anos são contempladas com esta modalidade de ensino. Segundo os professores, os pais se interessam muito pelo horário integral para crianças até no máximo a 7º ano, pois segundo eles: (“são crianças que ainda dão muito trabalho. As das séries seguintes, por serem maiores, podem ajudar nos serviços de casa ou realizar pequenos trabalhos para aumentar a renda familiar.”)

Cavaliere e Coelho (2003) mostram também que não é apenas o desinteresse dos pais pelo horário integral, mas também as dificuldades que as escolas encontram com relação a pessoal, a promoção de atividades interessantes e até mesmo a manutenção dos prédios:

A realidade descrita permite afirmar que se perdeu a concepção de tempo integral, apesar do trabalho de boa qualidade, tanto da gestão quanto das equipes docentes e técnico-administrativas desses Cieps. Em outros termos, grande parte dos Cieps que atuam em mais de um nível de ensino abandonam o tempo integral, uma vez que se torna muito difícil colocá-lo em prática.(p.165)

Atualmente, entre as dificuldades encontradas pelo CIEP, está a pouca quantidade de funcionários, visto que na rede escolar estadual, há aproximadamente dez anos, não há concursos para a carreira de apoio. Com isto o CIEP não dispõe de inspetores para fiscalizar, por exemplo, se os alunos que estão fora das salas de aula estão realmente em tempo vago. Os poucos funcionários administrativos têm tarefas específicas a serem realizadas e não se envolvem nesse tipo trabalho. No CIEP, em uma das laterais há uma área gramada onde os alunos costumam permanecer, durante os tempos vagos, conversando, namorando ou tocando violão. Para eles, este espaço é um ambiente agradável, eles se sentem “soltos” e sem ter responsabilidade, acabam por não assistirem à aula alguma.

Um outro problema identificado no CIEP em questão é que uma das

salas utilizadas para promover as oficinas no contra-turno era a do Estudo Dirigido. Ocorre que esta Sala, por solicitação dos professores, foi transformada em Sala de Vídeo. Às vezes, não há uma sala específica destinada a essas atividades, o que provoca uma sensação de desorganização. Uma das professoras, do próprio CIEP, matriculou o filho na 6ª série, em 2005, mas diz não ter aprovado a experiência, tanto que o transferiu em 2006.

Além dos aspectos relacionados acima, uma escola de horário integral para adolescentes tem que oferecer uma gama de atividades atraentes, o que nem sempre ocorre. Cavaliere (2007) afirma que:

... a ocupação pouco interessante do horário integral levou à criação de um conceito negativo sobre essas escolas e ao seu conseqüente esvaziamento. Nessa faixa etária, a satisfação e adesão do próprio alunado são essenciais para a sua permanência. Como esses CIEPs ficaram, em muitos casos, reduzidos às aulas convencionais, a inadaptação tornou-se freqüente. Apesar do horário integral e da forte expectativa inicial da população em relação a essas escolas, o desprestígio e o conceito negativo se estabeleceram. O esvaziamento levou a que as unidades de segundo segmento fossem maciçamente transformadas em unidades de educação infantil e de 1ª a 4ª série.(p.1019)

3.2.2 ASPECTOS PEDAGÓGICOS

No projeto original dos CIEPs todos estavam convocados para participar do processo educativo, sendo mobilizados e capacitados para isso através de um “treinamento que começando intensivo, complementa-se a seguir por um treinamento em serviço e por reuniões que estimulam a constante troca de idéias e vivências” (Ribeiro, 1986, p. 48). Além disso, para que as práticas educativas específicas e comuns a todos esses agentes se desenvolvessem de forma estreita e conjugada, o programa previa também a execução de planejamentos integrados e coletivos de projetos relacionados ao contexto próprio de cada CIEP. O objetivo era que servissem de instrumento para a

interpretação crítica da realidade social e histórica, e para o respeito ao universo cultural do aluno, ultrapassando, assim, os muros da escola.

No período de coleta de dados (2006), do quadro de 52 professores do CIEP, 15 são do regime de 40 horas semanais, sendo que desses, 10 inauguraram a escola (duas exercem os cargos de Diretora Geral e Diretora Adjunta). Para esses professores foi uma das mais ricas experiências profissionais. A proposta pedagógica para a construção de uma escola democrática foi amplamente discutida e estudada por todos. Ainda destacam que para a implantação da proposta era necessário conhecer profundamente os fundamentos da teoria construtivista e trabalhar com um planejamento integrado entre as disciplinas. Um, dos maiores facilitadores, apontados por eles, era o tempo destinado às reuniões de área com o professor orientador e, as gerais, que aconteciam sempre às sextas-feiras. A fala de uma das professoras explica bem isso: (“- Todo mundo sabia o que todo mundo estava fazendo.”)

Os professores que participaram da implantação deste projeto pedagógico foram “contaminados” por esta idéia. Mesmo tendo havido o desmonte daquela política, esse professores demonstram forte ligação com o projeto original, confirmando conclusões de Cavaliere e Coelho (2002), e este tem sido o eixo norteador de seus trabalhos.

De positivo há o fato de que a idéia vingou e parece responder a uma demanda efetiva da população por uma escola com funções ampliadas, que permita um processo educacional inovador e culturalmente rico. A bem dizer, essa escola ainda não existe, mas está esboçada, como uma realidade possível. (pág.172)

Hoje, esses professores estimulam os recém chegados a desenvolverem práticas pedagógicas que “formem um cidadão crítico,

questionador, capaz de defender as suas posições, argumentando e defendendo seus direitos,” (Ribeiro, 1986).

Para que isto aconteça é necessário que a construção do projeto pedagógico seja coletiva. No início do ano letivo, a coordenação pedagógica apresenta sugestões de temas que possam ser inseridos ou retirados do projeto. Após as discussões, em geral, elegemos um assunto a ser trabalhado durante o ano e é agendada uma reunião de área, onde se elabora o plano de curso para cada uma das séries. Anualmente, no mês de novembro, acontece uma Feira Cultural onde são apresentados trabalhos de todas as áreas, sobre o tema eleito, com a participação de todas as turmas. A palavra construção utilizada no início deste parágrafo expressa a proposta de permanente discussão, modificação e transformação que deve existir dentro da escola.

Embora haja a prática de uma gestão democrática, apoio e colaboração da Coordenação Pedagógica, alguns professores percebem que a construção coletiva do Projeto Pedagógico ainda é uma realidade distante. A interdisciplinaridade é praticada pelos docentes com mais afinidades pessoais ou das áreas em que atuam.

Acho curioso porque uma das principais críticas dos professores refira-se aos chamados “pacotes prontos”, ou seja, a propostas que desconhecem a realidade onde a escola está inserida. Isto porque, quando temos a oportunidade de construir algo com a nossa “cara”, não conseguimos alcançar um resultado satisfatório.

Gadotti (1997) aponta algumas limitações e obstáculos para elaboração de um projeto político pedagógico, a saber:

- a) nossa pouca experiência democrática;
- b) a mentalidade que atribui aos técnicos e apenas a eles a

- capacidade de planejar e governar e que considera o povo incapaz de exercer o governo ou participar de um planejamento coletivo em todas as suas fases;
- c) a própria estrutura de nosso sistema de ensino que é vertical;
 - d) o autoritarismo que impregnou nossa prática educacional;
 - e) o tipo de liderança que tradicionalmente domina nossa atividade política no campo educacional.

Um outro ponto a ser destacado é o Prêmio de Incentivo aos Melhores Alunos, que foi estabelecido em 2006, com o objetivo de reconhecer o esforço individual de cada um. Após o Conselho de Classe e o lançamento das notas pela Secretaria é apurado o coeficiente de rendimento de cada um dos alunos e o primeiro colocado de cada turma é premiado. No ano passado (2005), os prêmios distribuídos foram: no primeiro bimestre, um passeio cultural ao Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Museu da República e ao Centro Cultural Banco do Brasil, com almoço incluído; no segundo, um rodízio de pizzas e, no terceiro, duas entradas para o cinema. A Diretora Geral ressalta que isto só é possível, por conta das verbas recebidas através da Associação de Apoio à Escola - AAE.

Também em 2006 a escola se inscreveu, pela primeira vez, por sugestão de um professor, na II Olimpíada de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Esta prova é realizada em duas fases: a primeira na própria escola e a segunda em um colégio que possa abrigar os alunos classificados das demais escolas da região. Neste evento, a Direção, a Coordenação Pedagógica e os professores incentivaram os alunos a participar, premiando inclusive os melhores colocados na primeira fase. O CIEP também serviu de sede para a segunda fase.

Apoiados pela Direção do CIEP, os professores têm liberdade de desenvolver projetos, que visem ao aprimoramento cultural e social dos alunos.

Com relação à formação continuada dos professores, a Direção apóia e incentiva a participação em cursos, seminários ou palestras, conciliando os horários em que as atividades ocorrem. Todo esse esforço é reconhecido pelos ex-alunos. Registramos dois depoimentos de participantes da pesquisa:

“Há alguns professores muito interessados em desenvolver o gosto e o hábito pelo estudo e a cultura nas diversas áreas.”

(Perfil 5)

“O que trago do CIEP de mais forte comigo foi para a minha vida. O que aprendi ali, eu acho não teria aprendido em nenhum outro lugar. Se tivesse ido para um outro colégio ou um colégio particular, não teria aprendido. O amor ao próximo, o respeito ao próximo e a comunidade, respeitar as diferenças dos outros, as lições de vida que eu aprendi foram as maiores. Acho que tive a melhor leva de professores que o CIEP já teve.” (Perfil 7)

Como possuem um senso crítico aguçado, eles também apontam os aspectos negativos do CIEP, e um ponto recorrente em todas as entrevistas foi a falta de compromisso de alguns professores e o número excessivo de tempos vagos, uma vez que a escola não possui estratégias para a ocupação desses tempos.

Os tempos vagos ocorrem por três razões: falta de professor para a disciplina, falta ocasional do professor à escola ou decisão do professor de dispensar a turma, apesar de ter comparecido à escola. Esta situação gera sempre a pergunta, quando qualquer professor chega à escola “- Vai dar aula hoje?”, inclusive para aqueles que não têm o hábito dessa prática.

Diante disso, os ex-alunos pesquisados avaliam essa situação da seguinte forma: a falta de professor para uma disciplina é um problema governamental. Eles argumentam que não há interesse em investir na educação e por isso não se contrata profissionais para a área. Com relação às demais faltas, eles analisam de duas maneiras: quando é esporádica é considerada normal, o professor ficou doente ou teve um problema para

resolver. Nesse caso não há reclamações. Caso elas sejam freqüentes, atribuem a responsabilidade à Direção, que não toma providências e permite que o professor aja dessa forma.

("Certa ocasião, uma professora avisou que não daria aula porque queria tomar um pouco de sol. Esta atitude me revoltou muito, pois eu percebi o quanto o aluno é humilhado por alguns professores Tratado como ninguém.") (Perfil 6)

No que diz respeito ao compromisso dos professores, vários fatores são apontados por especialistas sobre a falta de motivação dos professores: a desvalorização do magistério, salários defasados, turmas muito grandes, desinteresse dos alunos, entre outros. No CIEP pesquisado, o fator mais relevante, apontado pelos próprios ex-alunos, é o desinteresse crescente do alunado. Com relação às turmas, em geral, não excedem o quantitativo determinado pela SEE. Os demais problemas fogem da alçada da Direção e estão a cargo do Governo.

Um dos alunos participantes da pesquisa salientou que compreendia este desestímulo dos professores:

("As turmas são muito desinteressadas e desmotivadas para aprender, isto ao longo de anos deve gerar uma insatisfação no professor. Por isso ele não prepara aula e dá qualquer coisa. Eu consigo entender, mas e os alunos que querem mais, como ficam?") (Perfil 5)

Professores sem compromisso com a educação desestimulam a longevidade escolar, principalmente entre alunos das camadas populares, pois proporcionam aulas desconectadas da vida atual e sem real utilização futura. Isto provoca, na maioria dos alunos, uma visão míope da educação, considerada como "chata", simplista e superficial.

Um outro aspecto, apontado pelos entrevistados, foi a inexistência de um projeto que envolva todo o CIEP no desenvolvimento da auto-estima e

da cidadania. Eles percebem alguns professores, pontualmente, possuem essa preocupação. Também colocaram a possibilidade de se firmarem convênios com faculdades e de se disponibilizar um espaço para a realização de um curso pré-vestibular dentro da própria escola.

Com relação aos aspectos listados, anteriormente, indagamos a opinião da Diretora Geral que teceu os seguintes comentários:

a) Professores descompromissados:

(“-Eu acho que isto acontece por dois motivos: professores, que estão habituados à rede particular ou cursinhos, têm mais dificuldades em se adaptar a realidade do aluno da escola pública. Em geral, são professores de 16 horas que vem apenas dois dias por semana à escola, não procuram ou não querem se inteirar dos projetos e da realidade da escola. O outro motivo é que alguns pensam que como o emprego é público não é necessário “vestir a camisa”. Esses assuntos estão sempre em pauta seja nas reuniões, nos Conselhos de Classe, ou mesmo em uma conversa informal na Sala dos Professores, onde sempre se comenta a realidade do aluno, o perfil social e a comunidade onde ele vive.”)

b) Projeto para o desenvolvimento da cidadania e auto-estima

(“ - Eu acredito que a escola trabalha neste sentido, e que talvez o aluno não tenha percebido, ou já saiu da escola há algum tempo e não teve oportunidade de conhecer as mudanças implementadas, com relação a auto-estima. Eu acho que as raízes desse problema são muito mais profundas, pois a comunidade é extremamente carente, e os alunos vêm as dificuldades dos pais com relação a emprego, transporte, saneamento básico, saúde e se desanimam. É muito difícil para a escola superar esse problema.”)

c) Pré-vestibular comunitário

(“ - Eu achei interessante, uma idéia que nunca foi tentada. Pretendo fazer uma consulta entre os alunos do 3º ano de modo a identificar os interessados e buscar as parcerias necessárias. Acho que, às vezes, o aluno reclama, mas quando surgem as oportunidades ele não aproveita. O projeto do Sucesso Escolar¹⁵, por exemplo, eu pessoalmente fui de sala em sala convidando os alunos a participarem. A escola se organizou montou a grade curricular com os professores e monitores e apenas cinco alunos participaram de todas as atividades.

¹⁵ Programa do governo estadual para recuperar alunos com dificuldades curriculares.

A equipe da Direção julga que, em virtude da complexidade da tarefa educativa, o CIEP necessita estreitar a relação família-escola a fim de que, em cooperação, se busque atingir o melhor para o aluno. A Direção valoriza muito a presença dos pais para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos e participar dos acontecimentos do CIEP, fazendo sugestões e críticas.

A fim de promover essa integração a Direção agenda reuniões bimestrais com os responsáveis após o Conselho de Classe, para assinatura dos boletins, nos turnos da manhã e tarde. O turno da noite não é incluído porque a maioria de seus alunos é maior de 18 anos. O boletim escolar é um dos meios de comunicação entre a escola e os responsáveis e uma das fontes de informação mais utilizada para conhecer o desempenho dos alunos.

Apesar dessa iniciativa, o quantitativo de responsáveis é pequeno, e em geral comparecem apenas os pais dos melhores alunos. Um dos entrevistados relata que na 7ª série começou a “matar” aulas e por isso não avisava aos pais sobre as reuniões. A mãe, estranhando este fato, foi de surpresa à escola e tomou conhecimento do que estava acontecendo.

Um outro ponto agregador são os passeios culturais, em geral, organizados pelos professores de Artes Plásticas, História e Geografia. A taxa cobrada varia em torno de R\$ 15,00, com direito a ônibus e guia de turismo. Para todos os passeios há uma lista de espera e os mais concorridos são a Petrópolis e ao Cristo Redentor. Uma das alunas entrevistadas citou a Ilha Fiscal, por ser palco de fatos históricos importantes e ser muito bela, como uma opção interessante. Uma outra destacou a visita feita ao Mosteiro de São Bento para assistir aos Cantos Gregorianos. Ao final da missa os padres rezaram o

Pai Nosso em latim e se surpreenderam ao constatar que alguns alunos também sabiam rezar a oração. Eles comentaram que durante as aulas de francês a professora lhes tinha ensinado.

Os passeios culturais possibilitam a ampliação do universo cultural e o conhecimento do patrimônio da nossa e de outras culturas. Eles representam oportunidades para que os alunos exercitem a imaginação, a expressão oral, a criação, a sensibilidade, a relação com as artes, com as tradições, com a história etc. Por isso, devem fazer parte do cotidiano escolar, não como momento de entretenimento, mas articulado ao conteúdo programático de cada disciplina ou de todas. Essas atividades contribuem para colocar em prática a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade, pois mostram ao aluno as muitas opiniões, que colaboram para o entendimento e interpretação do mundo.

Os passeios culturais estão previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

Os passeios culturais são meios dos quais as escolas podem e devem lançar mão para desenvolver no aluno a relação com os diferentes aspectos, níveis e ritmos cultura. Sem essa vivência não é possível comparar, estabelecer padrões, aguçar a sensibilidade – aprender, enfim. Lembra também que nesse movimento cultural devem estar inseridos os próprios professores, para que possam dar respostas à altura das inquietações dos alunos.(p.81) “

Analisando todos esses enfoques, recuperamos Bourdieu:

O privilégio cultural torna-se patente quando se trata da familiaridade com obras de arte, a qual só pode advir da frequência regular ao teatro, ao museu ou a concertos (frequência que não é organizada pela escola, ou o é somente de maneira esporádica). Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos quanto mais elevada é sua origem social. (p.45)

Sobretudo, para os jovens das camadas populares é imprescindível a

atuação da escola, uma vez que esses passeios com a família são esporádicos ou inexistentes. A maioria desses alunos só tem acesso a bibliotecas, visita a feiras de livros, exposições, museus e centros culturais por intermédio da escola.

Um outro ponto a ser comentado é com relação ao grêmio estudantil. A Direção apóia às chapas concorrentes, permite que as mesmas apresentem sua plataforma nas turmas e disponibiliza uma sala para as reuniões e encontros dos alunos.

Segundo a Secretaria Estadual de Educação o grêmio estudantil é definido como:

Grêmio é a entidade representativa dos interesses dos estudantes de cada escola. Ele propõe a discussão e implementação de ações tanto no ambiente escolar quanto na comunidade a qual a escola pertence. O grêmio estudantil é uma iniciação dos jovens na gestão participativa da sociedade em que vivem. Um grêmio estudantil verdadeiramente comprometido defende os interesses dos alunos, buscando parceria com todas as pessoas que participam do cotidiano escolar: diretores, coordenadores, professores etc. O grêmio poderá atuar em atividades culturais, esportivas, sociais e políticas e comunitárias.

Dos participantes da pesquisa nenhum deles teve qualquer tipo de participação no grêmio.

3.2.3 O QUE PERMANECEU DO PROJETO ORIGINAL DO CIEP

Do ponto de vista arquitetônico a principal mudança foi o gradeamento na subida da rampa e no acesso ao pátio. Também foi construído um muro, de forma a isolar a quadra e o refeitório. A quadra é um motivo de preocupação constante, pois a mesma é utilizada pela comunidade sem autorização da Direção e frequentemente o quadro de luz e refletores são danificados.

Outra alteração no projeto original foi o fechamento das salas de aula

que possuem meias paredes, isto é, paredes que não chegam ao teto. Cabe explicar que só foram fechadas as salas de aula do lado esquerdo de quem entra no CIEP. O lado direito permaneceu inalterado, pois assim contribui com maior ventilação e claridade. Essa foi uma reivindicação dos professores, uma vez que a acústica interferia no trabalho pedagógico.

No que diz respeito à saúde e, de acordo com as informações contidas no site www.saudenascolas.rj.gov.br, destacamos a seguinte definição:

O Programa Saúde na Escola (PSE) é uma parceria entre as Secretarias de Estado da Defesa Civil (SEDEC), Saúde (SES) e Educação (SEE) do Rio de Janeiro, implementado em agosto de 2000 quando o Governo do Estado retomou o projeto das Escolas de Tempo Integral e reativou os núcleos de saúde dos Centros Integrados de Educação Pública estaduais, os CIEPs. O Programa Saúde na Escola (PSE) foi concebido a partir da proposta do professor Darcy Ribeiro, quando da construção dos Centros Integrados de Educação Pública nos anos 80, de educação integral em tempo integral para as turmas do atual ensino fundamental, prevendo uma equipe de saúde que trabalhasse junto ao corpo docente com função educativa dentro das escolas públicas.

Os CIEPs contemplados com este programa passaram a contar com médicos, dentistas, auxiliares de enfermagem e consultório dentário (no I PEE não havia consultórios fixos). Esses profissionais são vinculados a Secretaria da Defesa Civil.

No CIEP em questão essa equipe atua em conjunto com uma professora de Biologia que dispõe de seis tempos semanais destinados a ações para o Programa de Saúde. As atividades desse grupo visam à melhoria da saúde dos alunos. Eles realizam palestras, seminários e debates além de exibirem vídeos educativos a respeito de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, hanseníase, combate às cáries, higiene bucal, combate a

doenças como sarna e piolho. Além das palestras atendem os alunos, funcionários e moradores da comunidade.

O CIEP pesquisado é do tipo compacto e a área destinada à Biblioteca, no projeto original, se localizava no 3º andar. Apoiados nos preceitos indicados no Novo Livro dos CIEPs, segundo o qual:

Escola e Biblioteca são os alicerces básicos de um sistema educacional realmente eficiente, que possibilita ao indivíduo, pelo acesso ao conhecimento, formar uma visão de mundo mais integrada e crítica, fator fundamental ao exercício da cidadania. (p.79)

a Direção e o corpo docente observaram que a Biblioteca era subutilizada, principalmente no horário noturno, porque, além do espaço ser insuficiente, sua localização era inadequada.

A fim de proporcionar um local mais acessível aos alunos, uma parte do pátio, localizado no andar térreo foi fechada com divisórias, instalando-se ali a Biblioteca.

Atualmente, quatro professores são responsáveis pelo espaço, sendo dois deles readaptados e com carga horária de 40 horas, o que permite atendimento aos alunos de todos os turnos, tanto para empréstimos como para pesquisas.

A Sala de Estudos Dirigido visava ao contato dos alunos, acompanhados de um professor, com materiais didáticos diferentes dos utilizados em sala de aula. Segundo Coelho (1994):

É uma atividade de ensino que os alunos realizam em aula, ou fora dela, um trabalho orientado pelo professor, que se utiliza de um material didático específico, seja livro, Atlas ou jogo educativo, a fim de desenvolver a leitura crítica, a pesquisa e tornar o aluno mais independente.

Além dos recursos citados acima havia também dicionários, mapas e

revistas científicas, ou seja, tudo aquilo que favorecesse o conhecimento, a aprendizagem e desenvolvesse a autonomia nos estudos.

Na grade curricular do Ensino Fundamental eram destinados dois tempos de aula para esta atividade. Entre os participantes da pesquisa, três cursaram todo o Ensino Fundamental no CIEP pesquisado e dois foram matriculados na 8ª série. Uma das ex-alunas lembra vagamente da utilização deste espaço, enquanto, que os outros quatro afirmam tê-la utilizado com orientações dos professores de Geografia e História. Os outros participantes destacam que utilizavam a sala para fazer trabalhos de grupo, mas sem a presença de professores.

Ao longo do tempo, esta sala se descaracterizou, tornando-se um depósito de livros didáticos, revistas e livros recebidos como doações. Em 2006, a pedido dos professores, a sala foi desativada transformando-se em sala de vídeo. Os livros e revistas, lá existentes, foram selecionados e os que se apresentavam em bom estado foram aproveitados pela Biblioteca; os demais, distribuídos aos alunos.

Um outro componente, que existiu até 2004, foi o trabalho do animador cultural. Através desta atividade se pretendeu produzir um elo entre o CIEP e a comunidade, tendo como eixo norteador a Educação e a Cultura.

No CIEP pesquisado este elo é frágil, pois o único animador cultural existente, que oferecia oficinas com inscrições livres a toda a comunidade escolar, deixou a escola em 2004.

Entretanto o CIEP mantém uma banda que se apresenta todos os anos no desfile cívico de 7 de setembro. Há uma constante renovação entre os participantes, pois os alunos concluintes do Ensino Médio deixam de atuar,

dando oportunidade a outros interessados. A banda ensaia apenas durante o mês de agosto, com um “maestro” da comunidade, na quadra da escola no horário das 12h às 13 h. O desfile faz parte do calendário escolar e é realizado na Estrada da Matriz na Pedra de Guaratiba. Dele participam todas as escolas municipais e algumas particulares da região. A comunidade prestigia assistindo ao evento nas calçadas ou janelas de suas casas. Os representantes da Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Região Administrativa e das Coordenadorias de Educação municipal e estadual, são acomodadas em um palanque montado especialmente para a ocasião.

A Biblioteca, a Sala de Estudos Dirigidos e a Animação Cultural no projeto original eram consideradas como atividades diversificadas. Ao longo do tempo, elas foram se perdendo, em geral por falta de investimentos em muitos CIEPs, fato comprovado nos estudos de Cavaliere e Coelho (2003):

Sobre as atividades diversificadas efetivamente realizadas nos Cieps, pudemos perceber uma queda acentuada em quase todas, quando comparamos a situação à época da implantação e a situação atual. A efetivação do horário integral é inteiramente dependente da existência dessas atividades, a não ser que se imagine o tempo integral como mera duplicação da escola de horário parcial. (p.160)

3.2.4 ASPECTOS ADMINISTRATIVOS

A atual Diretora Geral do CIEP foi admitida na rede estadual através do concurso público específico para o cargo de professor de 40 horas. Participou da inauguração do CIEP pesquisado, sendo este seu primeiro emprego público. Atualmente também tem uma matrícula na rede municipal. No projeto do CIEP exerceu o cargo de professora orientadora de Educação Física.

Em 1994, ano de inauguração da escola, com o objetivo de integrar a

escola e a comunidade, a equipe de Educação Física composta de quatro professores, inclusive ela, elaborou uma gincana, entre os alunos, com várias tarefas: torneio de futsal masculino e feminino, apresentação do maior peixe pescado na Pedra de Guaratiba, exposição de peças de artistas plásticos da região e o recolhimento de gêneros não perecíveis, que foram doados a uma instituição filantrópica da região.

No ano seguinte, essa mesma equipe, realizou uma avaliação física em todos os alunos da escola, onde foram detectados problemas de coluna, dermatológicos, dentre outros. A fim de resolver estas questões, os pais dos alunos que apresentaram algum tipo de ocorrência foram convocados à escola. Lá, para cada um deles foi explicado o tipo de problema e foi fornecido o memorando de encaminhamento ao posto médico. Segundo a Diretora, estas duas gincanas que tiveram um cunho interdisciplinar a deixaram, junto com outros dois professores um de Educação Física e um de Língua Portuguesa, muito populares entre alunos, responsáveis e demais professores.

Somente em 1996, dois anos após a inauguração do CIEP, seria possível a realização da primeira eleição para o cargo de diretor, uma vez que por exigência legal os candidatos devem estar lotados há dois anos nas unidades escolares. O corpo docente, a fim de evitar a forma tradicional da indicação e nomeação direta pela Coordenadoria, escolheu esses três professores para representá-los. Ocorre que o professor de Língua Portuguesa não aceitou. As outras duas professoras concorreram, foram eleitas e iniciaram o primeiro mandato em 1997, cabendo destacar que foi a primeira vez que exerceram a função. Embora haja eleição junto à comunidade escolar para os cargos de diretor e de diretor-adjunto, os mesmos são considerados cargos de

“confiança” da Secretaria Estadual de Educação.

No decorrer da história do CIEP houve uma variação com relação ao quantitativo de diretores adjuntos (dois ou três), pois este número está diretamente ligado ao número de turmas da escola. No entanto, cabe ressaltar que essa dupla inicial sempre foi reeleita, perfazendo, este ano, 10 anos no cargo de direção.

Com relação ao estilo de gestão da Diretora do CIEP pesquisado, ela se considera democrática com todos: alunos, professores, funcionários e responsáveis.

“-Quando se é democrática é possível dividir responsabilidades, se corre o risco de errar menos e mesmo assim ainda se erra. Gosto do que faço, leio bastante a respeito de gestão. Procuro me capacitar também.”)

A delegação de tarefas e o compartilhamento da gestão com as demais diretoras adjuntas faz com que a Diretora, atualmente, não se defronte com os problemas apontados na pesquisa de Cavaliere e Coelho (2003) com 50 diretores de CIEPs.

É generalizada a dificuldade dos diretores de lidar com as novas atribuições que a descentralização administrativa e financeira traz para as escolas. Essas atribuições (compras, controle, prestação de contas etc.) e a ausência de uma estrutura compatível de pessoal e recursos têm afastado os diretores gerais das atribuições pedagógicas. ... Outros problemas recorrentes, com freqüências semelhantes, foram "falta de profissionais da educação", "problemas sociais que envolvem a escola" e "orientações político-pedagógicas dos órgãos centrais".(p.156)

Uma das práticas recomendadas no PEE para a instalação de escolas democratizadoras é “a convocação de que todos os membros do CIEP devem participar do processo educativo” (Livro dos CIEPs pág.48). Para que isto ocorra, durante o ano, o CIEP investigado, promove reuniões gerais, nas quais

participam todos os funcionários, professores, coordenadores pedagógicos e a equipe de Direção. Essas reuniões têm como objetivo integrar e conscientizar a todos sobre a sua importância nas ações educacionais durante o processo educativo, uma vez que o CIEP sofre com uma enorme carência de funcionários, especialmente nos cargos de inspetores e agentes administrativos de secretaria.

Segundo a Diretora o aspecto mais difícil da Administração é a gestão de pessoal, inclusive por haver uma permanente luta política no interior da escola. Um grupo de oposição à Direção tem concorrido às eleições, mas ainda não obteve sucesso.

Conforme analisado por Paro (1996):

A aspiração de que com a introdução da eleição, as relações na escola se dariam de forma harmoniosa e de que as práticas clientelistas desapareceriam, mostrou-se ingênua e irrealista, posto que a eleição de diretores, como todo instrumento de democracia, não garante o desaparecimento de conflitos. Constitui apenas uma forma de permitir que eles venham à tona e estejam ao alcance da ação de pessoas e grupos para resolvê-los. (p. 130),

Com relação ao aspecto financeiro, o governo estadual através da Resolução SEE nº. 1929, de 10 de abril de 1995 e pela Lei 3.067/98, de 25 de setembro de 1998, que dispõe sobre a autonomia financeira das escolas estaduais, instituiu o órgão consultivo a Associação de Apoio à Escola (AAE), uma entidade jurídica sem fins lucrativos. Assim, a escola só possui autonomia financeira por meio da existência dessa instituição jurídica.

No CIEP em questão, a presidência da AAE é exercida pela Diretora Geral de acordo com o estabelecido em lei, a vice-presidente é a mãe de um aluno matriculado na escola e os demais cargos são ocupados por professores, funcionários e alunos. Segundo a diretora, a parte pedagógica foi incluída entre

as funções da AAE e, para tal, a Associação é apenas um órgão deliberativo. Ao serem identificados problemas entre professores, alunos e pais, a Direção relata os fatos a AAE e é decidida em conjunto a atitude a ser adotada. A mãe de uma das entrevistadas exerceu o cargo de vice-presidente da AAE.

Com relação à participação dos pais nesse tipo de atividade, Abranches (2003) argumenta que:

A construção de um espírito de grupo também é evidente em alguns momentos, principalmente quando os pais reconhecem o trabalho que estão realizando como uma tarefa para o coletivo e demonstram a preocupação com o repasse de informações para a comunidade e do respaldo desta para a tomada de decisões. (p.83)

Quadro sintético do CIEP pesquisado (ano 2006):

Ano de inauguração:	1994
Nº de turmas	42
Modalidade	Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano sendo uma turma, de cada ano e Médio.
Alunos	1.600
Horário Integral	Somente para duas turmas (6º e 7ª ano)
Equipe de direção	Uma Diretora Geral e 2 Adjuntas
AAE	Sim
Nota Nova Escola	2 (Relativo ao ano de 2005)
Biblioteca	Sim
Sala de vídeo	Sim
Sala de estudos dirigidos	Não
Animador cultural	Não
Centro de Estudos	Esporádico
Atividades Complementares	Sim
Reuniões com responsáveis	Sim
Médico	01 e auxiliar
Dentista	01 e auxiliar

4. O SIGNIFICADO DO ENSINO SUPERIOR PARA OS JOVENS ENTREVISTADOS

Conforme já foi mencionado na Introdução, a amostra desta pesquisa é composta de dez ex-alunos de um CIEP da Zona oeste do Rio de Janeiro. Dos participantes, oito são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Todos são solteiros e sem filhos. A idade média gira em torno de 22 anos. .

O convite para a participação nas entrevistas foi feito informalmente, em geral por telefone, quando expliquei os objetivos da pesquisa e solicitei um encontro para conversarmos. A data, o horário e o local foram escolhidos pelos próprios entrevistados: quatro preferiram ir ao próprio CIEP, quatro optaram pelas universidades onde estudam e duas preferiram os seus locais de trabalho.

Um fato curioso ocorreu após o quinto contato telefônico. À medida que ligava, percebi que já tinham conhecimento da pesquisa. Ao tentar descobrir o motivo, fui informada que um dos participantes havia divulgado no site de relacionamentos Orkut que eu iria contatá-los.

A análise das entrevistas indicou regularidades, tendências e especificidades entre os discursos dos sujeitos. A fim de evitar repetições de situações e histórias dos entrevistados, por entendermos que a leitura se tornaria cansativa, optamos por relatar neste momento os pontos que os unem. As características que mereceram um olhar mais individualizado estão relatadas na segunda parte deste capítulo.

Dos participantes apenas duas eu já conhecia, por terem sido minhas alunas na 1ª série, em 2003, embora em turmas diferentes. À época eram

alunas com muito bom desempenho escolar, muito responsáveis, caprichosas e interessadas.

As características mais presente nos entrevistados foram: comprometimento, responsabilidade, curiosidade para aprender e disciplina. Paulo Freire (2000) já apontava “a necessidade que o educando mantenha acesa sua curiosidade para aprender ou não haverá troca”.

Um dado relevante nesse grupo é o mesmo que Portes (2000) aponta; “os sujeitos investigados são estudantes que aprenderam desde muito cedo o valor e a importância da escola, possuem um comportamento escolar elogiável”.

Outro aspecto que deve ser relatado é o esforço das famílias para que seus filhos não ingressem no mercado de trabalho, antes da conclusão do Ensino Médio. Segundo Portes (2000) “isso parece significar um *desvio de rota* quase irrecuperável, danoso, no futuro, quanto à esperança de se conseguir *algo mais leve* como ocupação”.

Souza e Silva (2004) complementa, argumentando que:

"Estamos falando de famílias com pouquíssimos recursos. E a escola é um investimento de longo prazo, tanto pelo custo que se tem com ela quanto pelo que se deixa de ganhar ao manter um filho estudando. A universidade é vista como um peso numa idade em que o rapaz tem de trabalhar e a moça, se casar."

4.1 PERFIL FAMILIAR

A configuração familiar dos jovens pesquisados na sua maioria está enquadrada na definição do dicionário Aurélio. Apenas uma entrevistada

pertence a uma família monoparental, sem a presença do pai. Uma outra, rejeitada, ao nascer, pelos pais muito jovens, foi criada pelos avós paternos, que na época viviam com um filho de nove anos. Os demais apresentam a mesma configuração familiar, pai, mãe e filhos, sendo que somente dois deles possuem dois ou mais irmãos e apenas uma é filha única.

De acordo com o levantamento do IBGE¹⁶ as famílias brasileiras, na década de 80, possuíam a média foi de 4,5 pessoas, chegam ao fim dos anos 90 com apenas 3,4 pessoas. A família tradicional, composta pelo casal com filhos, caiu de quase 60%, em 1992, para 55%, em 1999. Ao mesmo tempo, a proporção de outros tipos de composição familiar aumentou da seguinte maneira: de 15,1% para 17,1% a quantidade de mulheres sem cônjuge e com filhos e, de 12,9% para 13,6%, a de casais sem filhos. Um dos fatores apontados pelo Instituto para estas alterações foi o ingresso maciço de mulheres no mercado de trabalho que influenciou a redução do número de pessoas na família. Analisar este componente é importante porque o tamanho das famílias interfere nas condições sociais das mesmas.

Os participantes da pesquisa relataram que seus pais construíram suas vidas pautadas em muitas dificuldades financeiras. Atualmente, os pais e mães atuam no mercado de trabalho formal ou informal de modo a complementar o orçamento familiar. São pais e mães desejosos de que seus filhos completem os estudos e tenham profissões reconhecidas socialmente.

Neste sentido, a escolaridade, em particular o acesso ao nível superior, adquire o significado de um projeto maior de longo prazo, capaz de garantir uma ascensão social para os filhos. Com a Tabela I podemos observar a

¹⁶ Baseado no Censo Demográfico de 2000, essas informações estão disponíveis no site www.ibge.gov.br, cujo acesso foi em 08.05.08.

escolarização dos pais e mães dos entrevistados, bem como suas ocupações profissionais.

Cabe destacar que em alguns casos, nos quais a escolarização é mais alta, tal prolongamento dos estudos foi incorporado à família no decorrer da vida escolar do entrevistado. No momento não dispomos de meios de avaliar o que isso significou na trajetória dos próprios filhos, e também não localizamos pesquisas sobre essa temática, mas ficou evidente o papel indutor, de estímulo ao estudo, que um elemento da família pode ter sobre os demais¹⁷.

Os pais desejam que seus filhos alcancem o que eles não conseguiram, e esta vontade também é interiorizada em cada um dos jovens. Dos participantes, seis foram os primeiros membros de suas famílias a chegar ao nível superior, ficando assim estabelecida uma relação direta entre escolarização e a perspectiva de um bom emprego.

Embora o projeto de longevidade escolar seja da família, percebemos em todas as entrevistas que couberam à mãe os investimentos fundamentais para essas trajetórias bem sucedidas. São exemplos desses investimentos: o acompanhamento escolar, o contato freqüente com os professores, a participação nas reuniões, a cobrança pelas boas notas e, salvo em alguns casos, ajuda nas tarefas escolares. Este fato também é comprovado por Nogueira (1995) em que ela afirma:

É a figura da mãe que incumbe o grosso desse trabalho pedagógico doméstico é ela que detém um sistema de informações sobre a sala de aula e o desenrolar da escolaridade do filho, assiduidade às reuniões e observância dos conselhos dados pelos professores. (p.18)

¹⁷ Os pais dos entrevistados pertencem a uma faixa etária em que as denominações dos níveis de ensino eram outras tais como: primário (para o primeiro segmento do atual EF), ginásio (para o segundo segmento do atual EF) e segundo grau (para o atual EM).

4.2 PERCURSOS ESCOLARES DO GRUPO PESQUISADO ATÉ A CHEGADA AO CIEP

Nas famílias de classe média ou alta a escolarização dos filhos, em geral, inicia-se mais cedo do que nas camadas populares. Esses, em geral, freqüentam escolas destinadas à Educação Infantil e muitos chegam ao CA⁴ quase alfabetizados. Um dos motivos pelos quais, os alunos das camadas populares não têm esta trajetória é o número insuficiente de creches e escolas disponíveis para este segmento, nestas localidades. No grupo pesquisado, apenas uma das alunas iniciou sua vida escolar em uma creche comunitária.

No que se refere ao início da escolarização, ou seja, ao primeiro segmento do Ensino Fundamental (CA à 4^a série), podemos observar que a totalidade dos pesquisados entrou no CA (Classe de Alfabetização) em idade compatível à série, ou seja, em torno dos seis anos. Três dos participantes moravam em outros bairros do Rio de Janeiro (uma em Inhaúma e, e duas, em Santa Cruz) e estudaram em escolas próximas de suas residências. Os demais cursaram escolas municipais da redondeza.

Com relação ao segundo segmento do Ensino Fundamental (5^a à 8^a série), temos que três deles cursaram todo o Ensino Fundamental no CIEP pesquisado e dois foram matriculados na 8^a série (transferidos após a mudança de suas famílias para Guaratiba). No Ensino Médio todos os entrevistados estudaram no CIEP pesquisado. Duas das entrevistadas participaram do projeto do Ginásio Público, pois ingressaram antes dos demais, em 1995, quando o projeto ainda estava em vigor.

Dois fatos recorrentes aconteceram nesse grupo: o primeiro é que

nenhum dos alunos foi reprovado, conseqüentemente sempre estiveram em consonância com o binômio idade/série. O outro fato é que, mesmo sendo matriculados em escolas e períodos diferentes durante o Ensino Fundamental, todos foram enturmados de manhã e, além disso, pertenceram à primeira turma de cada uma das séries. No cotidiano escolar, existe um entendimento, entre professores, alunos e direções de que os estudantes alocados nas primeiras turmas ex. 101, 401, 901 etc., em geral apresentam melhor desempenho que os demais. Dentre os entrevistados, sete pertenceram às primeiras turmas de cada série durante todo o período escolar.

Quase sempre, o critério utilizado pelas escolas para a composição das turmas é a idade, embora as orientações governamentais sobre o assunto, tanto na esfera municipal quanto na estadual, refiram-se apenas ao número de alunos por turma. Apesar disso, outros critérios também são adotados e verificar a forma pela qual essa composição se dá nas escolas, pode revelar a forma como cada uma delas decide lidar com a desigualdade.

4.3 A OPÇÃO PELO CIEP

Atualmente, uma das preocupações das famílias dos diferentes meios sociais, é a opção por uma “boa” escola para seus filhos. No passado, como relata Nogueira (1998), “a organização das redes escolares (com maior homogeneidade entre os estabelecimentos) era mais simples e com isso afastava a necessidade de elaborar tais escolhas”. (p.42)

Nesse sentido, hoje, as famílias de classe média ou alta elaboram critérios tais como: a jornada escolar, as opções curriculares, o ideário da

instituição, entre outros, na hora de escolher as escolas para seus filhos. Isto ocorre também nas classes populares que priorizam determinados aspectos, às vezes até comuns com os das famílias de classe média ou alta, como por exemplo, a proximidade de casa, a direção das instituições escolares e a experiência anterior de outros familiares ou conhecidos naquela escola. Também reconhecem e identificam as escolas que são consideradas “boas”.

No grupo de entrevistados, chamam a atenção três fatores que levaram os pais a matricular seus filhos no CIEP pesquisado. Primeiro o relato de dois alunos que relacionaram sua opção ao desempenho de um diretor que atuava em uma escola municipal das redondezas e foi cedido pela Secretaria Municipal de Educação para implantar o CIEP.

O segundo fator, apontado por três alunos, o fato de que os pais eram “brizolistas” e acreditavam muito no projeto idealizado pelo professor Darcy Ribeiro. Uma delas, inclusive, destacou que quando Brizola foi governador do Rio Grande do Sul, seu pai acompanhou a sua atuação no setor educacional. Cabe ressaltar que o CIEP em questão foi inaugurado em 1994, e já se distanciava da fama de ser escola só para pobres.

E terceiro fator relatado por uma aluna moradora de Santa Cruz, de que fazendo a matrícula por telefone, não conseguiu vaga em nenhuma escola de sua região. Sua mãe compareceu à Coordenadoria para solucionar o problema e foi informada da existência de vagas no CIEP pesquisado e em outra escola, mais perto de sua residência, porém nas imediações de uma favela. Este fato a fez preferir matricular a filha no CIEP. No ano seguinte, mesmo com a possibilidade de ser transferida, optou por permanecer cursando ali todo o Ensino Médio lá.

Os demais alunos pesquisados informaram que o ponto principal da escolha do CIEP foi a proximidade da residência.

4.4 O SONHO DO ENSINO SUPERIOR

No Brasil, é recente a possibilidade de acesso das camadas populares ao Ensino Superior. Particularmente nos últimos 12 anos esse número cresceu significativamente. Ainda assim, o número de matrículas nesse nível de ensino, na faixa etária entre 18 e 24 anos, é considerado insuficiente, levando o governo a criar programas de incentivo ao ingresso de jovens no Ensino Superior.

Nas famílias de classe média ou alta, a escolarização de seus filhos é um processo natural e, em geral, são trajetórias sem interrupções. Neste caso, o ingresso no nível superior é o que Bourdieu chama de “causalidade do provável”.

Nas classes populares a experiência do exame vestibular é relatada como verdadeira luta. Pode-se comparar a uma prova de atletismo com obstáculos, pois consiste em ultrapassar muitas barreiras.

Por isso, para os jovens menos favorecidos economicamente, esse projeto é construído passo a passo, pois as dificuldades a serem superadas são muitas. Para Bourdieu (1966), “os obstáculos são cumulativos os alunos que ultrapassaram as barreiras impostas pela sua classe social superaram o que ele chama de “resignação à exclusão” (Isto não é para nós)”. Os chamados “sobreviventes” são aqueles que oriundos das classes populares, com escassas esperanças de vida escolar, seguem o seu curso, ou seja, escapam e resistem à mortalidade escolar.

A aprovação em um vestibular, qualquer que seja, assume o significado de uma grande vitória, de orgulho e satisfação para toda a família, principalmente para aqueles que foram os primeiros, dentro do seu núcleo familiar, a atingir essa condição. Ainda que para esses indivíduos, a obtenção de um diploma de nível superior não represente necessariamente a garantia de bons empregos, estar em uma Faculdade é simbolicamente muito importante, pois revela o esforço e a abertura de um atalho para ascensão social.

4.5 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A fim de traçar um mapa geral com as principais características dos entrevistados, optamos por apresentá-los por meio de perfis, enfatizando as peculiaridades com relação a:

- ⇒ Apresentação pessoal, seu percurso escolar durante o ensino fundamental e médio;
- ⇒ O ingresso no ensino superior e as estratégias familiares para a sua permanência neste nível de ensino;
- ⇒ Seus planos para o futuro.

Os perfis vão, pouco a pouco, reunindo elementos e/ou indícios para compreensão da trajetória escolar de cada um dos entrevistados. Finalmente, cabe ressaltar ainda, que nos perfis apresentados a seguir, os entrevistados foram nomeados pelos atributos que, permitem resumir suas principais características. Cabe ressaltar que minha intenção ao utilizar este recurso não foi criar um estereótipo ou uma caricatura dos entrevistados, pois entendo que o sujeito é social, plural e dotado de inúmeras razões para suas ações

cotidianas, ou seja, é multifacetado. O objetivo foi apenas preservar o anonimato e a identidade dos entrevistados.

Neste sentido, os 10 entrevistados receberam as seguintes designações:

1. O trabalhador
2. A realista
3. A interessada
4. A leitora
5. O incentivador
6. A determinada
7. A politizada
8. A escritora
9. A emotiva
10. A pragmática

Vejamos cada um deles:

Perfil 1: O Trabalhador

Encontramo-nos na Sala de Estudos da Pós-Graduação em Educação da UFRJ, onde o entrevistado é aluno do 2º período do curso de Serviço Social. É um rapaz de 21 anos, operador de telemarketing e o primeiro de uma família de quatro filhos. Seu pai é funcionário da área de contabilidade de um hotel, com Ensino Médio completo, e sua mãe é empregada doméstica.

Estudou até a 4ª série em uma escola municipal da região que funcionava em uma velha casa, pequena, porém aconchegante, onde todos se conheciam. Recentemente foi demolida e no lugar surgiu um prédio moderno. Em 1997 foi matriculado, no CIEP pesquisado, na 5ª série do Ensino Fundamental, porque era o mais próximo de sua residência e pela possibilidade de ali cursar o Ensino Médio. Essa é uma preocupação para muitos pais da região, uma vez que por vezes faltam vagas neste nível de estudo. Ele considera que a mudança para o CIEP foi tranqüila, uma vez que alguns colegas da antiga escola também foram matriculados lá.

Durante a educação básica estudou no turno da manhã e sempre pertenceu à primeira turma de sua série. Considerou-se um bom aluno até a 6ª série, mas a partir da 7ª habituou-se a faltar às aulas. Essas transgressões às normas escolares produzem, em geral, resultados insatisfatórios no desempenho do aluno e, ciente disso, apresentava aos pais apenas as provas nas quais havia se saído bem. Acabou sendo transferido para a segunda turma, na 8ª série, fato que o aborreceu bastante, pois acredita que os alunos da primeira turma são vistos pelos professores como os de melhor desempenho. Com medo que os pais descobrissem o que estava acontecendo não os informava a respeito das reuniões, às vezes pedia que a mãe comparecesse ao colégio para assinar o boletim.

A mãe, estranhando o fato de não ser comunicada das reuniões, prática comum no CIEP, certo dia foi de surpresa à escola, em busca de informações sobre o filho. Recebida pela secretária, que à época identificava com facilidade todos os alunos da escola, foi informada de que o aluno vinha “matando” aula para jogar bola, o que ele contesta, pois gostava de ficar conversando e/ou tocando violão. A mãe conversou com ele sobre a necessidade de mudar de atitude, pois desse jeito não chegaria a lugar nenhum, e ele aceitou em parte o conselho.

Do CIEP guarda boas lembranças e ressalta que o principal aspecto positivo da escola são os professores, principalmente aqueles que têm uma trajetória semelhante à de muitos alunos, pois isto mostra que é possível “dar certo”. O elo com a escola é tão forte que ele diz: (“Nas ocasiões em que voltei à escola e, ao subir a rampa reconheci a voz de alguns professores que eu gosto, fiquei muito emocionado.”)

Quando o entrevistado nasceu, seus pais tinham apenas 18 anos. O pai estava servindo o Exército e pretendia continuar após o serviço obrigatório, pois acreditava que teria oportunidade de construir uma carreira sólida e segura financeiramente. Mas a gravidez inesperada e o casamento fizeram com que abandonasse a idéia e, mais tarde, transferisse este sonho para o filho. O entrevistado chegou a prestar exames para o corpo de Fuzileiros Navais, mas no momento da matrícula desistiu, (“- Não me via como militar”), disse ele. Diante dessa recusa, o pai argumentou que (“- Aqui fora tem que correr muito atrás, porque as coisas estavam muito difíceis.”). Mas mesmo assim se esforçou para compreender e apoiar o filho em sua decisão. Sobre este fato, Bourdieu (1998e) comenta:

Do mesmo modo, no caso do pai em vias de ascensão em trajetória interrompida, a ascensão que leva o filho a superá-lo é, de certa forma, seu próprio acabamento, a plena realização de um “projeto” rompido que ele pode completar por procuração. p.233

Atualmente, o pai pensa em prestar vestibular para o curso de Ciências Contábeis, pois acredita que se graduando nesta área, terá oportunidade de galgar postos mais elevados em seu trabalho. A mãe, por conta dos filhos e do trabalho, interrompeu algumas vezes seu processo de escolarização. Atualmente está cursando o Ensino Médio e seu sonho é ser técnica de enfermagem.

⇒ **O caminho até a universidade**

Prestou o ENEM em 2003 e conseguiu uma vaga para o curso de Informática na Faculdade da Cidade, como não conseguiu comprovar que era isento no Imposto de Renda perdeu a bolsa de estudos e conseqüentemente a vaga.

Durante alguns meses cursou o pré-vestibular social, promovido pela Fundação CECIERJ¹⁸, mas teve que interromper, pois precisou começar a trabalhar. Reiniciou os estudos com uma prima que tinha sido aprovada um ano antes para Psicologia na UFRJ e inscreveu-se na UERJ, mas não conseguiu se classificar. Acredita que o seu grande problema é a área de ciências exatas, pois durante algumas séries no CIEP não teve aulas de matemática e física. Chegou a errar 90% da prova e estudava muito as demais disciplinas, de modo a compensar esta defasagem.

¹⁸ O Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Ciência e Tecnologia e Inovação e da Fundação CECIERJ oferece o Pré-Vestibular Social. O Pré-Vestibular Social está presente em 42 unidades, denominadas pólos. As aulas podem ocorrer aos sábados, ou durante a semanaa critério de cada pólo. (www.cederj.edu.br)

É interessante notar a mudança de estratégia do entrevistado para a escolha do curso de graduação, desistindo da carreira de Informática, sua primeira opção, que exige uma base matemática sólida, por reconhecer que tem grandes dificuldades nessa disciplina.

Já na terceira tentativa, decidiu estabelecer como critério para escolha do curso de graduação, que não pertencesse à área de exatas e que fosse de menor concorrência. Pensou em fazer Psicologia, mas terminou por inscrever-se para Serviço Social na UFRJ. Cabe destacar que à época, segundo informações constantes no site da universidade, a relação candidato-vaga para Serviço Social 6,37 para 1, enquanto que Psicologia a relação era de 12,21 para 1. Romanelli (2000) citando Schwartzman explica esta situação da seguinte forma:

....então o candidato ao vestibular escolhe um curso em função de sua *vocação* (Schwartzman, 1992) – ou que mais se aproxime dela – isto é, que possibilite aliar o conhecimento adquirido na faculdade ao exercício da profissão desejada. A escolha é feita no interior das grandes áreas de conhecimento das ciências exatas, biomédicas e das humanas e sociais. (p.113)

Na época do resultado não localizou seu número de inscrição entre os aprovados na relação divulgada pelo jornal. Pediu ao pai que consultasse, no trabalho, a listagem disponibilizada na Internet, pois não tem computador em casa. O pai também não encontrou nem o nome nem o número de inscrição. Um dia, em uma *lan-house*, acessou a página da UFRJ e descobriu que havia sido aprovado, mas eliminado por não ter efetuado a pré-matrícula. Teve um misto de satisfação, sentimento apontado também pelos entrevistados de Portes, pois nunca acreditou que pudesse ser aprovado, e de frustração, por haver perdido a vaga.

Muito amigo da estudante descrita no Perfil 7, ele comentou com ela o ocorrido e ela sugeriu que fosse feito um requerimento à Universidade solicitando o cancelamento da eliminação. Assim fizeram, embora ele não acreditasse que tal pedido surtisse efeito, uma vez que, no edital, constava que o aluno que não efetuasse a primeira fase da matrícula, estaria automaticamente eliminado.

Durante meses os pais o obrigaram a ir ao setor no qual dera entrada no recurso, para saber se já havia uma solução. Ele queria telefonar, mas a mãe dizia: (“- Pessoalmente é melhor! As pessoas vêem o seu interesse”). Em momento algum, dizia ele acreditou que a solução lhe seria favorável. A mãe dizia (“- É preciso ter fé. Você não tem fé! Você vai ver, tudo vai dar certo.”). Um outro detalhe que o incomodava era o fato de que, na reclassificação, outro candidato já havia sido matriculado no lugar dele. Ele sabia que essa pessoa permaneceria no curso, mas o sentimento de que isso acarretaria problemas, não o abandonava.

Para ele tudo lhe era desfavorável. As normas do edital, o candidato que havia sido matriculado no seu lugar, a impessoalidade e a complexidade de uma universidade como a UFRJ. Acreditava que a fé da mãe era fruto do desconhecimento das regras do edital (que para ele era a lei). Como a resposta estava demorando mais do que ele esperava, resolveu se matricular em um curso pré-vestibular, mas como este não formou turma, teve a necessidade de procurar outro. Chegou inclusive a pagar a matrícula (“- Quase a metade do meu salário.”). Nesse meio tempo o recurso foi deferido e enfim ele pôde se matricular.

Atualmente tem uma rotina estafante, pois é aluno do curso noturno,

chega em casa para jantar por volta de meia-noite e acorda às 6 horas para trabalhar. Gasta cerca de quatro horas para locomover-se entre a casa e o trabalho e estima gastar cerca de R\$ 200,00 por mês em passagens, xerox e alguns livros que, eventualmente, precisa comprar. São essas, segundo Portes (2000), exigências intrínsecas e periféricas ao acadêmico. O entrevistado acredita que, se não trabalhasse, o esforço da família teria que ser muito maior.

Romanelli (2000) recuperando os trabalhos de Foracchi (1965) e de Spósito (1989) assinala que:

Os estudantes universitários ou não, são divididos em três categorias em função de sua inserção no sistema escolar, que pode ocorrer paralelamente a sua incorporação no mercado de trabalho, podendo dedicar-se exclusivamente ao estudo é classificado como *estudante de tempo integral*. Quando o estudante trabalha, mas continua a ser parcialmente mantido pelos pais, mesmo que o auxílio familiar limite-se a fornecer moradia e alimentação, é denominado *estudante-trabalhador*. Finalmente, quando a família não tem recursos financeiros para arcar com a manutenção, total ou parcial do filho, ele é classificado como *trabalhador-estudante*. (p.108)

Todo o seu tempo “livre” é dedicado aos estudos. Diz que sofre um conflito interno tremendo, pois sabe da necessidade de leitura para aprimorar conhecimentos gerais, mas como o tempo é curto, lê somente os textos das disciplinas que está cursando. Para Romanelli (2000), tanto o estudante-trabalhador, como o trabalhador-estudante, sofrem esse tipo de problema:

Para o universitário incluído nas categorias citadas acima, o curso superior representa um investimento de vulto, pela necessidade de conciliar trabalho e estudo, pelo pouco tempo livre que reduz as oportunidades de lazer e de repouso, além do que em muitos casos, deve arcar com o pagamento do curso. (p.108)

Bourdieu (1998a) também assinala que para acumular capital cultural, o tempo livre é um requisito indispensável. Mas a necessidade de trabalhar, por vezes, é mais uma das situações que marcam as desigualdades existentes entre os alunos das camadas populares.

...é por intermédio do tempo necessário à aquisição que se estabelece a ligação entre capital econômico e o capital cultural (...) o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar o seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição de acumulação inicial. (p.76)

⇒ **O futuro**

Para o futuro pretende, após se formar em Serviço Social, cursar Psicologia. Espera ter uma vida financeira estável para ajudar os pais a terminarem a casa onde moram, uma vez que está em obras desde que ele nasceu. Após a conclusão dessas obras, pretende construir uma casa para ele, pois gostaria muito de morar sozinho. Com três irmãos menores, o caçula com sete anos, acha que não tem sossego.

Indagado por que não tenta uma transferência para o curso de Psicologia, ele diz que:

“- Foi tanto sacrifício para entrar, que eu prefiro continuar no curso, mas eu não me vejo trabalhando em Serviço Social. Já comentei até com um professor que, como os estágios são só no final do curso, eu ainda não sei muito bem como é a atuação desse profissional. A minha prima tinha o sonho de fazer Psicologia e no começo ela achou muito chato. Por isso não quero trocar de curso. Quando eu acabar Serviço Social, faço Psicologia”.

Este fato também foi constatado por Romanelli (2000) em alguns estudantes participantes de sua pesquisa:

A satisfação com o curso pode ainda ser aferida pela aspiração que os universitários têm em relação ao futuro, pois quatro declararam que, após a conclusão, farão outro curso de graduação, a fim de satisfazer a sua vocação. (p.113)

Observamos nesse depoimento que os pais do jovem desenvolveram práticas de escolarização tanto para si como para os próprios filhos. Isto se deve ao valor dado aos estudos, pois eles mesmos apresentam uma

escolaridade em ascensão, mas que comparada com a do entrevistado se dá de uma forma lenta, porém gradativa.

Quanto à escolha da carreira, pelo entrevistado, após uma candidatura ainda imatura e mal sucedida à uma vaga em Informática (resultado do ENEM), o entrevistado encontrou, através de uma prima, o que parece ser sua vocação, a Psicologia. Entretanto, uma reprovação no vestibular o fez mudar de carreira, optando pelo Serviço Social e sendo bem sucedido. Tal como afirma Bourdieu (1998b), essa trajetória revelou o senso de realidade na escolha da carreira, a adequação pragmática à maior probabilidade de sucesso.

Perfil 2: A realista

Encontramo-nos numa tarde no próprio CIEP investigado, pois ela cursa pela manhã, na UEZO, o 2º período de Informática. É uma moça de 19 anos, segunda filha de um casal, cujo pai é analfabeto e exerce a profissão de cozinheiro e, a mãe, estudou até 4ª série do antigo primário e é dona de casa. Indagada sobre se o pai gostaria de aprender a ler, ela respondeu que ele não demonstra ter essa preocupação. Estabelece como objetivo, no momento, que seus três filhos concluam o Ensino Médio, tarefa já realizada por dois deles. Para esta família, o certificado escolar do Ensino Médio é valorizado para a inserção no mercado de trabalho. Eles acreditam que esta seja a etapa final da educação, já que o nível superior parece tão distante que se torna um sonho.

A família morava em uma favela de Santa Cruz, onde a entrevistada estudou até a 7ª série. Com o aumento da violência na região, os pais resolveram mudar para Guaratiba. A entrevistada foi matriculada na 8ª série do CIEP em questão, pois os pais já sabiam das dificuldades em obter vagas para o 1º ano do Ensino Médio na região. No início estranhou um pouco, não só porque sua preferência seria por uma escola em Campo Grande, como por ter sido matriculada no turno da tarde. Ela sempre havia estudado pela manhã e precisou de um tempo para a adaptação. Ocorre que, na organização do CIEP, as turmas de 7ª e 8ª séries, atualmente 8º e 9º ano, funcionam somente nesse horário e, no ano seguinte, mesmo com a possibilidade de retornar ao turno da manhã, optou por continuar à tarde, já acostumada à mudança de horário. Do projeto original do CIEP, nem ela nem a família dispõem de qualquer tipo de informação sobre a proposta pedagógica. Sabem apenas que foi construído pelo governador Leonel Brizola.

Com relação à sua postura como aluna, considera-se muito comportada, responsável e cumpridora de suas tarefas. Como fui sua professora no 1º ano do Ensino Médio, atesto todas as qualidades citadas.

Os pais lhe cobravam muito, pois alegavam que sua única obrigação era estudar. Ela ressalta que o pai, por ser analfabeto, exigia menos, mas sempre queria saber como estavam as notas e se ela havia passado de ano, além de incentivá-la a estudar. Coube à mãe as demais cobranças, o acompanhamento e a participação no seu desempenho escolar. Souza e Silva (2001) enuncia:

A presença cotidiana das mães no seio familiar, principalmente quando aliada a uma forte personalidade, contribuiu para que elas se tornassem as principais artífices da trajetória escolar dos filhos – fato já verificado em inúmeras pesquisas. Porém, a base material desse apoio era fornecida, em geral, pelo pai. Assim, havia aparentemente uma clara divisão dos papéis, cabendo à mãe as responsabilidades diretamente relacionadas à atividade escolar. (p.113)

Sua disciplina preferida é Matemática e isto influenciou decisivamente sua escolha para o curso superior. Segundo ela, seus pais prefeririam que ela prestasse vestibular para Direito ou Medicina, mas ela conversou com eles e mostrou que essas carreiras nada tinham em comum com ela e eles acabaram por aceitar a sua decisão. Ela afirma que todos os pais querem que seus filhos sigam carreiras mais “famosas”. Embora a família possua um baixo capital cultural, podemos perceber as disposições para o diálogo, da mesma forma que Setton (2005) revela em sua pesquisa:

O diálogo cotidiano, a abertura para se ouvir e trocar informações sobre o futuro, a sensibilidade para escutar sobre planos e investir em expectativas de carreira parecem ser comuns em alguns núcleos familiares. Foi possível identificar que o incentivo, o empenho, o crédito dado aos filhos com trajetória acadêmica valorizada (pela escola/ou não) foram pontos de apoio relevantes para o desenvolvimento de condições de confiança e de auto-estima por parte dos indivíduos investigados por mim. (p.12)

Provavelmente, em virtude da convivência com a família, amigos e vizinhos com baixa escolaridade e deficiência cultural, a entrevistada adquiriu vícios de linguagem, que ela própria se empenha em corrigir. Atualmente, como circula em novos espaços culturais e está atenta a outros tipos de comportamento, ela mesma tenta se enquadrar nas normas cultas da língua. No momento, em sua casa, há uma grande distância entre o nível de escolaridade dos pais e dos filhos, mas sua postura pode contribuir para aprimorar a linguagem de seus irmãos e a de seus pais.

⇒ **O caminho até a universidade**

Sempre sonhou em “fazer faculdade” e estudava para alcançar esse objetivo. Sabia também que só poderia ingressar em uma universidade pública, pois a família não poderia arcar com os custos desse nível de ensino em uma instituição privada. Somente dois de seus primos ingressaram no nível superior. Um cursa arquivologia e o outro pedagogia.

Um outro aspecto importante para a continuidade de seus estudos foram os professores do CIEP investigado. Ela destaca que os melhores professores foram aqueles que incentivaram e desafiaram os alunos a quererem mais. Ela também declara que percebe neles muita vontade em transmitir os conteúdos, mas às vezes isto não é alcançado porque infelizmente, alguns alunos não têm a disciplina, nem os pré-requisitos necessários para absorver os novos conhecimentos. Embora lá existam alunos que não tenham interesse em prolongar seus estudos após a conclusão do Ensino Médio, alguns professores explicam como funciona o ENEM, o PROUNI, o vestibular das universidades públicas e a possibilidade de isenção da taxa de inscrição,

Essa atitude, embora seja somente de alguns professores, alarga o horizonte de alunos que por vezes não possuem o que Souza e Silva (2001) denomina de *capital informacional*, ou seja, “informações básicas sobre os cursos e as instituições e a adequada compreensão das características do sistema vestibular e da própria universidade, em particular no âmbito financeiro.” (p.118)

Em 2005, soube da criação da UEZO – Universidade da Zona Oeste, um Instituto Superior, vinculado a Fundação de Apoio à Escola Técnica – FAETEC, que está localizado em Campo Grande. Funciona no prédio do Instituto de Educação Sara Kubitscheck e oferece seis tipos de cursos tecnológicos, apenas nos turnos da manhã e da noite. O primeiro vestibular foi realizado no final de 2005, com cerca de cinco mil candidatos para 360 vagas, segundo informações veiculadas em jornais. A taxa de inscrição no primeiro vestibular foi de R\$ 21,00 e no segundo R\$ 25,00, bem abaixo das praticadas pelas demais universidades, além de acessível às famílias de baixa renda.

A entrevistada buscou todas as informações sobre o assunto e tomou conhecimento da existência do Pré-Vestibular Social do CECIERJ, que funciona no mesmo prédio do Instituto. Trata-se de um curso totalmente gratuito, inclusive no que se refere ao material didático, para aqueles que não têm condições de arcar com os custos dos cursos preparatórios particulares. A entrevistada fez inscrição e cursou durante seis meses. Em agosto de 2006, a UEZO promoveu um novo vestibular praticamente nos mesmos moldes do anterior, no que se refere a número de vagas e valor de inscrição. Ela se inscreveu e foi aprovada para o curso de Tecnologia em Sistemas de Informação. A superação da barreira do vestibular se traduz para a família,

segundo ela, como uma grande conquista de todos, mas também podemos expressar como uma vitória individual. Souza e Silva (2001) pondera que:

O ingresso na faculdade provocava, então, uma forte satisfação pela condição atingida pelo filho. Além disso, a entrada de um filho abria o campo educacional para os outros irmãos, em particular os mais novos. Eles passavam, então, a ter referências mais concretas para desenvolverem estratégias de longa escolarização. (p.117)

O irmão mais velho, atualmente, pensa na possibilidade de ingressar no nível superior. O mais novo é muito incentivado por ela, a também prolongar seus estudos.

⇒ **O futuro**

Ao comparar o CIEP com o Instituto Superior percebeu diversas diferenças entre os dois níveis de estudo. No curso de graduação todas as disciplinas são do seu interesse, exceto Física, mas no primeiro período apresentou algumas dificuldades. O início da graduação é considerado, por muitos especialistas, um período crítico, pois é a fase do ajustamento acadêmico. A turma com trinta alunos é disciplinada demonstra muito interesse em aprender e, segundo ela, suas dificuldades deveram-se a estar se adaptando ao novo curso e integrando-se a um novo ambiente. Procurou estudar muito para conseguir superá-las e, ao final, foi aprovada em todas as disciplinas. Ela conta que muitos alunos ficaram em dependência, principalmente em Física e Matemática I.

Após o término desse curso, pretende continuar seus estudos cursando o mestrado. Tem também muita vontade de graduar-se em Matemática, pois acha que um curso complementaria o outro. Espera daqui a dez anos estar bem empregada, independente financeiramente, com uma família constituída

porque acredita que é importante a realização no campo pessoal e profissional. Pensa muito em ajudar a sua família, como forma de retribuir o apoio que recebeu.

Sabemos que existe uma relação direta entre os níveis de renda e de escolarização. O relato dessa jovem, proveniente de uma família de baixa renda, e fraco capital cultural e escolar, nos apresenta uma trajetória que segue por fora das probabilidades. Os pais, através da valorização dos estudos, do diálogo permanente, do interesse pelo cotidiano escolar dos filhos e levar, pelo menos um deles, ao nível superior. A escola, por sua vez, parece ter desempenhado o papel de informá-la em relação aos passos necessários

Perfil 3: A Interessada

A estudante tem 19 anos e cursa o 2º período de Educação Física na Universidade Estácio de Sá, campus Akxe, localizado na Barra da Tijuca, onde nos encontramos para a entrevista.

É a única participante que não tem irmãos, sendo filha única de um vigilante que estudou até a 4ª série e de uma dona de casa com Ginásio completo. Moradora de Santa Cruz foi matriculada no ensino Médio do CIEP investigado por falta de vagas nas escolas da redondeza. No ano seguinte, mesmo com a possibilidade de ser transferida, optou por continuar no CIEP.

Estudou até a 4ª série em uma escola municipal da região onde morava que, só oferecia o primeiro segmento. A partir da 5ª série foi matriculada em outra escola municipal. Sempre estudou no turno da manhã. Quando ingressou no CIEP, em 2003, foi obrigada a estudar à tarde, pois era o único turno que dispunha de vagas. Sobre o projeto pedagógico do CIEP, seus pais sabiam apenas que tinham sido construídos por Brizola e que, os governadores subseqüentes, não tinham dado continuidade ao projeto.

O que mais a agradou no CIEP, foi a sensação de liberdade. Um dos motivos para esse sentimento foi o fato de a escola contar com poucos funcionários. Os portões estavam sempre abertos, diferentemente das escolas por onde estudou. Não havia controle sobre os alunos que permaneciam fora da sala de aula. Ela ressalta que é preciso muita disciplina para não “matar” aulas, uma vez que tudo no entorno é muito convidativo.

No que toca as atividades culturais promovidas pelo CIEP, a entrevistada destaca os passeios culturais e menciona Petrópolis como o seu preferido. Afirma que os poucos passeios familiares eram apenas de lazer. Ela

diz que não tinha desenvolvido o hábito da leitura até o Ensino Médio e, por essa razão nunca freqüentou a Biblioteca. Também não valorizava as reuniões do grêmio estudantil, pois as considerava com muita discussão e pouca realização.

Percebi durante a entrevista que a Interessada não criou laços afetivos com o CIEP, tendo mencionado uma professora que foi importante, mas sem demonstrar o mesmo sentimento de pertencimento que outros entrevistados apresentam. Acredito que seja pelo fato de ela não morar naquela comunidade e de ter estudado apenas três anos na escola.

Fui professora dessa entrevistada no primeiro ano do Ensino Médio e ela foi uma das melhores alunas da turma, sempre muito participante, responsável, autônoma, atenta e caprichosa. Em conversas informais, sempre me dizia que a mãe era “linha-dura”, que acompanhava de perto a sua vida, chegando mesmo a controlá-la.

A “linha dura” pode ser interpretada como a ordem moral doméstica, mencionada por Lahire (1995). A entrevistada ressalta que sua mãe sempre confiou nela, mas esteve permanentemente atenta a sua vida escolar e social, sempre observando suas companhias. De acordo com Lahire (1995):

Através dos controles dos amigos, do controle entre o tempo que levam da escola para casa, os pais podem, igualmente, controlar as situações de socialização nas quais estão colocados os filhos, para evitar que “não degradingem”. (p.25)

Um fato curioso ocorreu no primeiro contato para a entrevista. A participante não estava em casa e, antes de eu relatar o motivo da minha ligação, a mãe indagou quem eu era e o que queria com a sua filha. Após me identificar e esclarecer que se tratava de uma pesquisa acadêmica, ela imediatamente me disse que a filha aceitaria participar. Com muito tato

expliquei que voltaria a ligar para conversar com a ex-aluna. Durante a entrevista, a participante me relatou que a mãe tinha ficado muito orgulhosa por ela ter sido uma das selecionadas para participar dessa pesquisa e, especialmente, por ela ter sido a primeira pessoa de sua família a ingressar no nível superior. Podemos recorrer a Bourdieu (1998b), para explicar os sentimentos de satisfação e o orgulho da mãe:

A presença no círculo familiar de pelo menos um parente que tenha feito ou esteja fazendo curso superior testemunha que essas famílias apresentam uma situação cultural original, quer tenham sido afetadas por uma mobilidade descendente ou tenham uma atitude frente à ascensão que as distingue do conjunto das famílias de sua categoria. (p.44)

Os pais valorizam muito a educação por acreditarem que ela seja capaz de facilitar o desenvolvimento de conceitos, que possibilitam ampliar o conhecimento sobre diversos assuntos, bem como viabilizar a formação e a emissão de opiniões próprias.

⇒ **O caminho até a universidade**

A entrevistada freqüentou um curso pré-vestibular comunitário gratuito, em uma igreja de Santa Cruz, com professores voluntários. Esse curso era destinado a negros e egressos de escolas públicas, moradores das comunidades locais. Zago (2007) sinaliza que:

Os pré-vestibulares populares, como já observamos, fazem parte de iniciativas que vêm crescendo numericamente e ganhando visibilidade num momento de grande discussão sobre o ensino superior brasileiro e suas grandes contradições. Apesar de não dispormos de dados precisos sobre os seus resultados, os indicadores existentes permitem concluir que esses cursos ou projetos vêm exercendo um papel importante na demanda e também no acesso ao ensino superior. (p.10)

Com esse apoio e o incentivo da escola inscreveu-se no ENEM,

conseguindo uma boa média, o que possibilitou a concorrência a uma vaga do PROUNI. Conheceu o programa através de propagandas na televisão, e acreditou que ali estava a sua chance de ingressar no nível superior, mesmo sem conhecer os pré-requisitos para concorrer. A inscrição é feita somente pela Internet e ela não possui computador em casa, inscreveu-se em uma *lan-house*. Por não ter observado devidamente as normas estabelecidas, não logrou êxito na primeira inscrição.

A informática é ferramenta obrigatória em praticamente em todos os setores da vida moderna. Com a tecnologia, podemos aprimorar os métodos de controle, prazos, orçamentos e qualidade, racionalizar tarefas, enfim, otimizar serviços. Ao mesmo tempo que somos sabedores dessas benesses, precisamos refletir sobre como o PROUNI um programa que tem o objetivo de atender a demanda, sobretudo das classes populares, só disponibiliza instruções e inscrições pela Internet. Em Guaratiba, por exemplo, segundo dados da FGV, somente 5% da população tem computador em casa.

Mesmo com todos esses obstáculos a participante não desistiu. Solicitou ajuda a uma colega do pré-vestibular comunitário e voltou a *lan-house*, onde tomou conhecimento das exigências necessárias para que pudesse concorrer a uma vaga. Inscreveu-se para o segundo semestre de 2005 e, aí sim, conseguiu a bolsa de 100%.

A Interessada entrou no jogo, mesmo sem saber suas regras e normas, ao contrário dos filhos das camadas médias ou altas que conhecem, perfeitamente e antecipadamente as regras do jogo (Bourdieu, 1998).

O critério de escolha do curso para a graduação foi totalmente aleatório, pois no PROUNI é possível inscrever-se em cinco cursos diferentes na mesma

IES ou em outras, ou no mesmo curso em cinco IES diferentes. No caso da entrevistada, ela optou pela inscrição em cinco cursos diferentes: Hotelaria, Gastronomia, Turismo, Design de Moda e Educação Física – Licenciatura, na mesma instituição.

Podemos observar que o objetivo da entrevistada era tornar-se universitária, pois suas escolhas recaíram sobre cursos novos, menos competitivos e que, conseqüentemente ofereceram mais chances para seu ingresso. A escolha da participante, de ingressar no ensino superior não esteve pautada em um projeto profissional consistente. Zago (2007) já apontava essa afirmativa em seus estudos:

Auto-avaliando-se como perdedores, não escolhem propriamente o que gostariam de fazer, mas optam com freqüência para os ramos menos competitivos que oferecem maior probabilidade de acesso. Para a grande maioria não existe verdadeiramente uma escolha pelo curso, mas uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga condizente com sua realidade objetiva. (p.146)

O pai não achou uma boa opção o curso de Educação Física, mas em conversas com amigos, nas quais tomou conhecimento de que a carreira oferece bom campo de trabalho, principalmente em academias, aceitou melhor a escolha da filha.

⇒ **O futuro**

Seu projeto imediato é concluir o curso de graduação e, embora a bolsa do PROUNI seja de 100%, ela sabe que ainda tem um longo caminho a percorrer. O seu curso de graduação é da modalidade Licenciatura e ela pretende, após a conclusão, ingressar no Bacharelado.

Não tem muitos planos para daqui a dez anos. Espera estar lecionando, ter se casado e ser mãe.

No caso dessa entrevistada, nos parece que o acompanhamento constante da mãe foi essencial e na medida certa. Por outro lado, a própria entrevistada percebeu de uma forma “saudável” a autoridade e a disciplina exercida por sua mãe. Embora não valorize muito o papel do CIEP em sua trajetória escolar, é significativo que tenha lá permanecido mesmo quando poderia ter voltado a estudar mais perto de casa. Apesar de ser a primeira da família a chegar ao nível superior, não tem o sentimento que chegou ao fim de sua trajetória de estudante e, como quase todos os entrevistados, tem planos para a continuidade dos estudos.

Perfil 4: A Leitora

Encontramo-nos no próprio CIEP pesquisado, no início da tarde quando ela, de férias na universidade, estava na casa dos pais. Aos 21 anos, é estudante do 4º período do curso de Letras (Língua-Portuguesa – Literatura) na UERJ. Filha de um casal de aposentados que atua também no mercado informal de venda de mini-pizzas, tem um irmão mais novo, aluno do CIEP investigado.

Até 1999, quando cursava a 7ª série, a família residia em Inhaúma, próximo ao Complexo do Alemão. Da 5ª até a 7ª série estudou em uma escola municipal no mesmo bairro, considerada pelos pais, até hoje, como uma das melhores.

Iniciamos a entrevista e, na oportunidade, relatei o meu objeto de estudo e os pré-requisitos estabelecidos para os participantes. Ao indagar onde ela cursou o primeiro segmento do Ensino Fundamental, fui surpreendida com a informação que ela havia estudado em uma escola particular em Inhaúma. Como já tínhamos começado a entrevista, e ela havia demonstrado boa vontade de ir até o CIEP nas suas férias escolares, decidi não descartar a sua participação. Em seu depoimento a entrevistada relata sua trajetória escolar, seus sonhos, como vê a si mesma e o mundo. Seu relato me permitiu identificar pontos comuns entre ela e os demais entrevistados, tais como: dificuldades financeiras, a importância do pré-vestibular comunitário, o acompanhamento dos pais, dentre outros.

Ouvindo o seu depoimento gravado, concluí que a passagem dessa entrevistada pelo sistema privado de ensino, não a diferenciava significativamente dos demais. Sendo assim decidi incluí-la, por entender a sua

experiência como mais um exemplo de luta, nas camadas populares, para a chegada ao nível superior de ensino.

Com o aumento da violência no entorno de sua residência, os pais resolveram morar em um lugar mais tranqüilo. Escolheram Guaratiba, porque alguns dos seus parentes já residiam lá. O tio, inclusive é funcionário da parte administrativa do CIEP investigado.

Foi matriculada nesse mesmo CIEP na 8ª série do Ensino Fundamental em 2000, por indicação do tio e porque era o mais próximo de sua residência. Esta mudança, segundo ela, foi tranqüila, uma vez que já conhecia alguns colegas em decorrência das visitas que fazia aos parentes.

Ela se considerava uma boa aluna, comportada e muito estudiosa. Seu prazer e desejo por aprender foram válvulas propulsoras para os seus bons resultados escolares. Costumava nas férias fazer uma revisão de todo o conteúdo dado durante o ano. Suas disciplinas preferidas eram Língua Portuguesa e Matemática. Tinha dificuldades em História, mas aponta duas professoras do CIEP, desta disciplina, como marcantes em sua vida por terem conseguido fazê-la aprender.

Os pais sempre acompanharam a vida escolar dos filhos, mesmo sem poder ajudar nas tarefas em virtude da sua baixa escolarização. A mãe sempre verificava as cadernetas e a estimulava para que no 3º bimestre já tivesse os pontos necessários para a sua aprovação. É uma família que deposita grandes expectativas na escola, deseja que seus filhos completem os estudos, com bons resultados, pois acreditam que isto lhes possibilitará ascensão social.

Atualmente, a entrevistada divide com os pais o acompanhamento escolar de seu irmão. Nos finais de semana verifica os cadernos, as avaliações

e os trabalhos feitos por ele, incentivando-o permanentemente.

No CIEP investigado há um grupo de professores de Educação Física que treinam alunos em diversas modalidades esportivas, nos contra-turnos para a participação nos Jogos Estudantis. O irmão da entrevistada participa dessa atividade, uma vez que tanto ela quanto os pais preferem que ele fique na escola, por entenderem que, assim estará mais protegido. Zago (2000) encontrou situações semelhantes, em que a escola é considerada pela família, como sinônimo de proteção.

Uma análise do significado que eles atribuem à escolarização de seus filhos revela que a valorização da instrução se alicerça ao menos sobre dois pilares: o que corresponde a uma lógica prática ou instrumental da escola (domínio dos saberes fundamentais e integração ao mercado de trabalho) e outro,, voltado para a escola como espaço de socialização e proteção dos filhos do contato com a rua, do mundo da droga, das más companhias, indicando a inseparabilidade entre instrução e socialização. (p.24)

Dentre todos os entrevistados foi a única a declarar que teve uma educação autoritária. Segundo ela, sua mãe é muito dominadora porque teve uma vida muito difícil, parou de estudar aos 14 anos para trabalhar, apanhava bastante dos pais, que a criaram com muita rigidez. Converteu-se a Igreja Universal do Reino de Deus, obrigando toda a família a freqüentar o templo. Na opinião da participante, esse foi um fator determinante para a educação repressora que recebeu. Para ela a igreja bloqueia o livre pensar das pessoas, praticando o uso indevido da fé e inculcando o temor nos fiéis. Hoje, somente os pais continuam a professar esta fé. A jovem se desligou da citada igreja quando passou no vestibular e o irmão abandonou logo depois, o que provocou muito descontentamento, principalmente para a mãe.

Um aspecto a ser destacado em seu depoimento é o prazer pela leitura

que a entrevistada possui. Ela afirma que desde criança habituou-se a ler propagandas, panfletos, murais, livros, etc. Às vezes ganhava livros de presente dos pais. O contato com os livros e o prazer de aprender a auxiliaram a avançar em sua escolarização. Um dos seus locais preferidos no CIEP era a biblioteca, onde tinha o hábito de passar algumas tardes. Acredita que se tornou uma leitora crítica durante as aulas de Língua Portuguesa e História, quando os professores apresentavam textos ou livros em que eram discutidos aspectos sociais, políticos, culturais e religiosos. Nessas ocasiões ela precisava perceber o que estava nas entrelinhas. Ela muito bem-humorada brinca que “foi quando aprendeu a ler de verdade”.

Ela declara ter recebido estímulo de sua família em relação à carreira universitária. Os pais valorizam muito o estudo e afirmam ser algo “que eles não tiveram, mas os filhos terão”. Ela, inclusive, considera a mãe “muito aberta” por conta dessa posição. São as famílias que Bourdieu, classifica como aquelas que despertaram para a cultura socialmente mais valorizada, reconhecem que ainda não a conquistaram, mas sabem da importância em fazê-lo. Suas ações são direcionadas para que seus filhos possam adquirir tal cultura, mesmo que isso represente grandes sacrifícios pessoais e familiares.

⇒ **O caminho até a universidade**

A entrevistada concluiu o Ensino Médio em 2003, fez o pré-vestibular comunitário oferecido pela Fundação Xuxa Meneghel, não tendo sido aprovada em 2004. Persistiu e cursou novo pré-vestibular comunitário oferecido por uma igreja. Desta vez obteve aprovação para o 2º semestre de 2005, na UERJ, tendo sido beneficiária do sistema de cotas. Ela tentou o vestibular apenas

para a UERJ. Afirma que sempre que passava por lá pensava: (“Eu ainda vou estudar aqui”). É provável que a escolha pela UERJ, tenha se dado, principalmente, pelo fato dessa Universidade ter implantado o sistema de cotas, o que facilita o ingresso de alunos oriundos de escolas públicas. Esta aprovação gerou uma enorme satisfação entre os familiares, pois ela foi a primeira pessoa da família a ingressar no nível superior. Apesar disso, um dos tios, segundo ela muito turrão, declarou: (“ - Não sei pra que ir pra faculdade era melhor ter arranjado um serviço”).

Um problema recorrente entre alguns dos entrevistados é a distância entre a universidade e Guaratiba. A fim de resolver esta situação, sua avó prontificou-se a recebê-la durante a semana, uma vez que reside em Inhaúma, próximo ao Metrô, o que facilita a sua presença nas disciplinas que são cursadas no horário noturno. Essa iniciativa demonstra que não apenas os pais foram responsáveis pela continuidade dos estudos da entrevistada.

A jovem contou com as relações familiares que contribuíram para fortalecer a sua auto-estima e foram fatores positivos e indispensáveis para sua permanência no nível superior, até o momento. Todos os familiares se empenham, oferecendo apoio material e afetivo. Essa rede de suporte, olhada mais atentamente, nos remete ao conceito de capital social formulado por Bourdieu (1998c):

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos *à vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos). (p.67)

Apesar de a família em questão dispor de um baixo capital econômico e

cultural, a entrevistada mostrou que as relações familiares alicerçaram o seu projeto de continuidade escolar, garantindo assim a chegada à universidade, bem como a sua permanência. Bourdieu (1998c) explica o funcionamento dessas redes:

A rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo parentesco, em relações, ao mesmo tempo necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos). (p.68)

A chegada à universidade foi marcante para ela (“- Foi como se eu descobrisse um mundo novo”), já que ela só conhecia Inhaúma e Guaratiba. Sem acesso a bens culturais, nunca havia participado de atividades como teatro ou cinema, tinha freqüentado museus e exposições somente com a escola e de repente viu-se num mundo onde, segundo suas próprias palavras (“se respira cultura”). Afirma que o acesso ao mundo do saber, via universidade, fez com que ela alargasse o seu conceito de cultura. Costumava assistir às peças gratuitas apresentadas na Concha Acústica e considerou ter viajado, por ter ido sozinha, pela primeira vez, estudar na casa de uma colega em Nova Iguaçu. Essa sensação de liberdade, após uma educação muito controladora, foi um dos melhores sentimentos que já vivenciou.

Até a data da entrevista ainda não havia ido ao cinema, mas estava se organizando financeiramente para a sua estréia neste ambiente. Ela atua no mercado informal de confecção de bonequinhos de lã e bijuterias que vende para as colegas de turma e, como todos os entrevistados a estudante precisa enfrentar muitas dificuldades financeiras.

O primeiro período apresentou alguns desafios importantes, principalmente em literatura, disciplina que na rede estadual somente a partir de 2005 tornou-se obrigatória na grade curricular do Ensino Médio. Ficou reprovada em duas disciplinas, mas atualmente já conseguiu se recuperar. Acha o nível de exigência muito alto, contrário às escolas por onde estudou inclusive o CIEP pesquisado. Acredita que sua maior vantagem é o gosto pela leitura e a forma crítica como a interpreta.

Recuperando Bourdieu (1998a) “assim no ensino superior, os estudantes originários das classes populares e médias serão julgados segundo a escala de valores das classes privilegiadas...” (p.54)

⇒ **O futuro**

Considera o estudo como uma alavanca social, para “vencer e ser alguém na vida”. A ascensão social simboliza uma ruptura com a realidade vivida por ela. Sempre pensou em estudar para aprender, ter mais conhecimento e tem certeza que isto proporcionará a realização de um dos seus maiores sonhos: ter um carro e morar sozinha, ou seja, não depender economicamente de ninguém.

Imagina que daqui a dez anos estará atuando como professora, possivelmente participando de alguns cursos ligados a sua formação.

Para essa entrevistada aprender sempre foi uma atividade prazerosa. Ela incorporou no seu cotidiano hábitos de leitura, levando-a a estudar mais e avançar na sua escolarização. Outro aspecto é com relação ao ambiente universitário, que descortinou, para ela, um mundo novo, proporcionando aprendizagens além da instrução acadêmica. Sua percepção é de que os

novos espaços culturais que passou a freqüentar fizeram com que adquirisse novos conceitos e uma nova forma de pensar. O papel da família mais uma vez se revelou fundamental, ainda que alguns aspectos tenham sido criticados pela estudante. A rede familiar também mostrou-se eficaz no apoio à sua trajetória.

Perfil 5: O Incentivador

Encontramo-nos no próprio CIEP pesquisado no final da tarde, quando ele voltava para casa a fim de passar o fim de semana. Ele tem 21 anos e é estudante do 5º período do curso de Ciências da Computação na UERJ. Filho de servidores públicos sendo o pai no âmbito municipal e a mãe na esfera estadual, tem uma irmã mais velha. Estudou até a 8ª série em uma escola municipal da região e foi matriculado no CIEP pesquisado no 1º ano do Ensino Médio em 2001, porque era o mais próximo de sua residência. Afirma que essa mudança foi tranqüila, uma vez que muitos colegas do ensino fundamental também foram matriculados lá.

Durante a educação básica estudou no turno da manhã e pertenceu à primeira turma de sua série. Afirma que não se considerava um ótimo aluno e que estudava apenas o suficiente para passar. No 2º semestre de 2002, ou seja, no final do 2º ano do Ensino Médio, começou a preocupar-se com o vestibular a partir daí iniciou uma rotina de estudos mais intensa que se perpetua até hoje.

⇒ O caminho até a universidade

Aos 13 anos ganhou o seu primeiro computador e aos 14 decidiu que estudaria computação. De todos os entrevistados, este é o de melhor situação financeira. Junto com o 3º ano do Ensino Médio, freqüentou um curso pré-vestibular em Campo Grande e contou também com a ajuda de um professor de Matemática do CIEP, que costumava estudar com ele e com outro amigo de

turma¹⁹.

Suas disciplinas preferidas são Física e Matemática. Junto com Química e Biologia, essas matérias, em princípio, não ofereciam dificuldades na escola. No entanto, ao ser matriculado no cursinho, percebeu o quanto estava deficiente na área das Ciências Exatas. No exame de vestibular para a UERJ, a prova específica da carreira por ele escolhida incluía essas disciplinas, o que lhe exigiu um esforço extra para alcançar o seu objetivo. Sabemos que a área de Ciências Exatas é vista como um “gargalo” no sistema de ensino como um todo. O aluno que desenvolve as competências pertinentes a esta área, em geral, adquire um trunfo valioso.

Nesse aspecto, a grade curricular da rede pública estadual do Rio de Janeiro propicia uma enorme desvantagem para seus alunos. A carga horária para disciplinas como Física, Química e Biologia é de apenas dois tempos semanais, enquanto que na maioria das escolas da rede privada é de cinco tempos. Além disso, a rede estadual sofre com a falta de professores de Ciências Exatas, principalmente em disciplinas como Física.

Em 2004, ao prestar o primeiro vestibular para a UERJ foi aprovado, no sistema de cotas, para alunos oriundos de escolas públicas, para o curso de Matemática, sua segunda opção. Ficou satisfeito com o resultado, mas este não era o curso que gostaria de fazer. Conversou com os pais e eles concordaram com a desistência da vaga, exigindo apenas maior dedicação no ano seguinte. Frequentou novamente o mesmo curso preparatório e foi aprovado, no ano seguinte, para a carreira desejada de Ciências da

¹⁹ Esse amigo foi aprovado para Engenharia de Produção, mas não fez parte dessa pesquisa porque ambos possuem trajetórias escolares muito semelhantes. Estudaram juntos até a 8 série e foram matriculados no CIEP pesquisado no mesmo ano, frequentando inclusive as mesmas turmas, durante todo o Ensino Médio.

Computação, de novo pelo sistema de cotas. É importante observar que este “sobrevivente”, nos termos de Bourdieu provém de uma família bem estruturada, com diálogo aberto e franco e educação liberal.

Na narrativa acima observamos o que Lahire (1997) apresenta sobre a presença da ordem moral doméstica:

Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo o instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de autoritarismo meticuloso ou uma confiança benevolente). Neste caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos. (p.26)

O apoio da família foi imprescindível para o estudante em sua trajetória escolar. Podemos inclusive rememorar as afirmações de Bourdieu (1998b) sobre este tipo de apoio:

...as crianças devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também um *ethos* de ascensão social e de aspiração ao êxito na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição da cultura. (p.48)

Devido à distância entre a UERJ e o bairro de Guaratiba, a família do entrevistado optou por alugar um apartamento, que ele divide com mais cinco colegas, em Vila Isabel. Dessa forma, seu deslocamento ficou facilitado tanto para a universidade, como para a Secretaria de Fazenda, onde faz um estágio remunerado. Todas as sextas-feiras ele retorna para casa e passa o fim de semana com a família. De acordo com os estudos de Portes (1999 – p.71) “(...) a volta ao lar é como se fosse um refúgio seguro, capaz de protegê-los (...). Essa atuação afetiva da família age no sentido de se superar essa fase para que o filho possa seguir adiante”. Viver o processo de separação da família e dos amigos, adaptar-se a um novo modo de vida, incorporar novos hábitos e se

adequar a novos espaços, foi uma das primeiras mudanças ocorridas em sua vida, após a aprovação no vestibular.

Na universidade, duas situações provocaram, no entrevistado, um grande choque: a primeira foi constatar que o número de alunos oriundos de colégios públicos é muito reduzido e a segunda é que aqueles que tiveram a escolarização básica em escolas particulares não passaram pelas mesmas dificuldades que ele, porque possuíam disciplina e rotinas para estudar, adquiridas desde as séries iniciais.

Avalia que o primeiro período foi o mais difícil, não só pelo processo de adaptação a um conjunto de mudanças que incluíram morar sozinho em um bairro completamente diferente de Guaratiba, onde tudo lhe era familiar, como pela própria rotina da universidade.

Acha o nível de exigência da universidade muito alto, contrariamente ao das escolas onde estudou, inclusive do CIEP pesquisado. Ressalta que tem amigos que fazem o mesmo curso em outras instituições onde, comparativamente, trabalhos destinados a avaliações bimestrais, seriam apenas exercícios na UERJ.

⇒ **O futuro**

O entrevistado avalia que estudar é o caminho que vai possibilitar suas realizações. Assim, pretende dar continuidade aos estudos, pois segundo ele, “não se pode parar de estudar porque existe muita competição”. É seu objetivo trabalhar na sua área e, daqui a dez anos, ingressar em um curso de doutorado.

Os pais valorizam muito o saber e a prova disso é que sua mãe, aos

cinquenta anos, ingressou em um no curso de fisioterapia. O pai, apesar de valorizar e incentivar os membros da família, tanto que não se opôs quando a mãe decidiu iniciar seu curso universitário, ele mesmo acha que já passou da idade e diz: “cavalo velho não aprende a marchar”. Após o entrevistado entrar para a universidade, sua irmã mais velha tentou o vestibular para um dos centros universitários da região sendo aprovada para Educação Física.

Zago (2006) analisa o efeito do prolongamento dos estudos em um dos membros da família:

A presença desse irmão se destaca pelo percurso já construído, fato que abre possibilidades para os outros membros da prole, tanto na socialização de informações (especialmente sobre cursos pré-vestibulares, funcionamento da universidade, indicação sobre possibilidade de trabalho) quanto em questões materiais (como auxílio na moradia e ajuda financeira) ou ainda simbólicas, ao representar um modelo de identificação para o estudante. (p.140)

Ao analisarmos somente os aspectos de escolarização familiar, podemos, neste caso, traçar um perfil equivocado, pois embora a família possua um alto grau de escolarização, três de quatro pessoas cursando o nível superior, observamos que o caminho percorrido é o inverso dos das classes médias ou altas. O filho caçula é aprovado no vestibular e incentiva mãe e a irmã a continuarem com seus estudos, o que nos mostra o alto valor atribuído ao conhecimento e ao saber.

Perfil 6: A Determinada

Encontramo-nos na sala de estudos da Universidade, onde ela cursa o 5º período de Direito. É uma moça de 21 anos, filha de um casal muito jovem que, imaturos para assumirem a paternidade, optaram por entregá-la aos avós paternos quando ela fez um mês. Os avós viviam com um filho temporão que na época tinha nove anos. Embora composta pelos avós e não pelos pais biológicos, a configuração familiar é praticamente a mesma de outros sete entrevistados: pai, mãe e dois filhos.

O avô é pedreiro e estudou até o 5º ano do ensino primário. A avó é diarista lê muito mal e não escreve, tendo estudado somente até o 2º ano do ensino primário. A entrevistada considera os avós como seus verdadeiros pais. O pai biológico só a procurou quando ela estava com 14 anos: foi o momento de reaproximação com a família. Mas ela destaca que tem pouco contato com esse novo núcleo familiar integrado por seu pai. Refere-se aos irmãos paternos como “filhos do casamento de meu pai” e, com a mãe, não tem nenhum tipo de contato. Sabe, apenas, que ela teve mais sete filhos.

A entrevistada foi a única entre os participantes a freqüentar uma creche comunitária em Guaratiba. Foi matriculada por volta de dois anos porque a avó, precisando trabalhar e não tendo quem cuidasse dela, recorreu a uma creche da região que, embora só aceitasse crianças a partir de quatro anos, abriu-lhe uma exceção porque ela sabia se alimentar sozinha e não usava mais fraldas.

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 determinou que a Educação Infantil fosse a primeira etapa da Educação Básica. Definiu também que a Educação Infantil é composta de creche, destinada a crianças de 0 a 3 anos de idade e, pré-escola, para crianças de 4 a 6 anos. Cabe destacar que esse direito já

estava assegurado na Constituição Brasileira de 1988 e que, mesmo assim, ainda hoje o Poder Municipal da capital do estado está longe de oferecer a quantidade de vagas necessárias para atender a todas as famílias. Corsino (2002) afirma que:

Na década de 80, com o surgimento dos movimentos sociais e incentivadas pela UNICEF a partir de 1987, começam a aparecer creches comunitárias. E como, historicamente, cuidar da criança pequena se identifica à maternagem, à condição feminina e ao "jeito", o trabalho nas creches acabou sendo exercido por mulheres da própria comunidade que não tinham necessariamente uma formação na área educacional.

A compreensão da creche como equipamento educativo tem sido um grande desafio para as Secretarias Municipais de Educação que, ao passarem a ter a responsabilidade pedagógica destes espaços, estão gradativamente tendo que provocar algumas mudanças como: formação dos profissionais, substituição de alguns deles por professores, esclarecimento junto à comunidade sobre a função educativa da creche, organização de reuniões dos profissionais entre si e entre eles e os pais, remuneração condizente à função de professor.

Segundo os dados da Fundação Getulio Vargas, em Guaratiba, no ano 2000, somente 9% das crianças estavam regularmente matriculadas em creches ou na pré-escola. A entrevistada foi, portanto, uma exceção entre as crianças de sua faixa etária. Ela afirma que o período em que freqüentou a creche foi muito importante para a sua formação, principalmente “pelo convívio com outras crianças e pelos exercícios de coordenação motora”.

Ao sair da creche foi matriculada em uma escola municipal da região, onde estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. No CIEP de Guaratiba ingressou na 5ª série e permaneceu até a conclusão do Ensino Médio. Sempre se considerou uma boa aluna, muito responsável com suas tarefas. Aprendeu que a sua obrigação era estudar, por isso procurava não criar nenhum tipo de problema para a avó, que segundo ela não lhe cobrava nada e nem era exigente. Sua única preocupação era saber se ela havia sido aprovada.

Acredita, firmemente, que o prolongamento dos estudos produzirá diferenças significativas em sua vida. Almeja ascensão social e independência financeira e, por essa razão, empenha-se ao máximo para obter aquilo a que se determinou. Zago (2000) afirma que: “para superar a condição de exclusão econômica e social em que se encontram, esses alunos passam a investir fortemente na atividade profissional e escolar”.

A entrevistada declara também ter sido uma criança diferente: não costumava brincar na rua, por exemplo, ou permanecer conversando no portão. Esse era um hábito cultivado por sua avó, mas ela achava que “as pessoas reuniam-se apenas para comentar a respeito da vida dos vizinhos”. Diz que aos 15 anos ainda gostava muito de brincar de bonecas, enquanto as amigas da mesma idade já se interessavam por namorados. Seu comportamento discreto fez com que ela passasse despercebida entre os professores do CIEP, pois quando busquei informações sobre ela, muitos tiveram dificuldades para identificá-la.

⇒ **O caminho até a universidade**

A entrevistada não guarda boas lembranças do CIEP e não lhe poupa críticas. Considera o nível de exigência para o desempenho dos alunos muito baixo. Tece muitas críticas com relação a uma das formas de avaliação utilizada pelos professores: os trabalhos em grupo. Acredita que utilizam essa modalidade por ser menos trabalhosa para corrigir, além de possibilitar a melhora das notas dos alunos com baixo rendimento escolar.

Ocorre que, de acordo com a Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro, por meio da portaria nº048/04, de 02.12.04, da Subsecretaria de Planejamento Pedagógico (SAPP), que estabelece normas de avaliação do

desempenho escolar dos alunos, no artigo 2º §5, fica determinado que: “Nas avaliações bimestrais deverão ser utilizados, no mínimo, 3 (três) instrumentos avaliativos diferenciados”.

Embora esta portaria tenha sido regulamentada em 2004, no CIEP investigado a maioria dos professores já adotava a prática diferenciada de avaliação. Essa prática consistia em atividades variadas em sala de aula, tais como: provas de múltipla escolha ou discursiva, avaliação dos cadernos, trabalhos em dupla ou em grupo apresentados em eventos na própria escola ou fora dela. A entrevistada registrou uma delas como negativa, justamente a que envolvia atividades conjuntas. Mais uma vez, procurou distinguir-se dos demais. Sua determinação parece tê-la levado a uma postura individualista, à busca de uma afirmação da diferença.

Outro ponto muito criticado por ela relaciona-se aos tempos vagos, ocasionados pela ausência dos professores que mesmo estando na escola, às vezes optavam por não ministrar as aulas. Isso a desestimulava muito a comparecer à escola. Algumas vezes dizia à avó que não haveria aula e ficava em casa. Afirmou ainda que se sentia muito humilhada com o descaso e a falta de comprometimento de alguns professores, com os alunos da rede pública.

Indagada sobre em que o CIEP contribuiu para a sua formação, ela lembrou de um poema de Carlos Drummond de Andrade, que não soube localizar, mas que resumiu da seguinte forma: “Tudo era ruim, a cidade dele era ruim, nada prestava e depois quando ele olhou para trás, viu que tudo contribuiu”. Inspirada no poema a entrevistada afirmou:

(“Eu acho que todas as dificuldades assim,... quem faz a escola é o aluno. Talvez eu não esteja vendo, mas foi lá que eu me formei. Se eu tivesse estudado em um colégio melhor mais forte, talvez eu não estivesse aqui poderia estar numa universidade pública”.)

Sobre os alunos das classes populares Zago (2007) nos lembra que

Eles reconhecem a grande lacuna na sua formação... a distância que os separa dos estudantes originários de instituições de ensino médio e cursinhos preparatórios para o vestibular com altos índices de aprovação. (p.146)

A entrevistada freqüentou um curso pré-vestibular, paralelo ao segundo semestre do ano em que cursava a 3ª série. Esse curso foi pago pelo tio (o filho temporão dos avós, anteriormente citado) que, de certa maneira, adotou também, pois assumiu um compromisso com o futuro dela. Ela diz que o tio hoje com trinta anos, afirma que somente se casará quando “ela estiver encaminhada na vida”.

Sua primeira escolha para o curso de graduação foi Língua Portuguesa-Literatura, pois declara ter aptidão e gostar muito dessa área e conta que conversava com um ex-professor do CIEP sobre esta possibilidade. Prestou o vestibular para a UERJ, inscrevendo-se no sistema de cotas e, também, participou do ENEM. Cabe destacar que neste intervalo de tempo entre o ENEM e o vestibular da UERJ, muitas pessoas a aconselharam a tentar a graduação em Direito, pela possibilidade de concursos públicos oferecidos nesta área. Com o resultado do ENEM, conseguiu através do PROUNI uma bolsa de 100% para o curso de Direito na Universidade Gama Filho. O namorado dela já cursava Direito, o que representava uma economia no que se refere à aquisição de livros e Códigos, além da possibilidade de estudarem juntos. Ela aceitou a sugestão e na inscrição para o PROUNI, optou pelo curso de Direito. Na UERJ, entretanto, não foi aprovada de imediato para Língua Portuguesa e Literatura.

Efetou a matrícula e começou a cursar Direito na UGF. Algum tempo depois, após as reclassificações promovidas pela UERJ, tomou conhecimento

de que também havia sido aprovada. Pensou em cursar as duas graduações, mas logo percebeu que seria impossível, pelo alto custo, pois na época ainda morava em Guaratiba e estava matriculada no campus da UGF – Universidade Gama Filho localizado em Piedade.

No ano seguinte, mudou-se para a casa de uma tia em Rio das Pedras e se transferiu para o campus localizado no Centro. Essas medidas visaram à redução dos altos custos de passagens, pois segundo ela, “o valor gasto diariamente com passagens de Guaratiba até o Centro dá para eu ir a três dias de aula”. Como se vê, a família toda se mobiliza com os mais diferentes recursos, para garantir a permanência da jovem no ensino superior. Conforme afirma Zago (2006):

Se o ingresso no ensino superior é uma vitória, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso. Originários de famílias de baixa renda, esses estudantes precisam financiar seus estudos e, em alguns casos, contam com uma pequena ajuda familiar para essa finalidade. [...] os jovens dão início a seus estudos de nível superior sem ter certeza de até quando poderão manter sua condição de universitários (p. 233).

No mesmo ano, a jovem, ainda com dúvidas sobre a carreira escolhida e animada com a reclassificação obtida na UERJ no ano anterior prestou novamente o vestibular para Língua Portuguesa-Literatura, inscrevendo-se no sistema de cotas e sendo aprovada outra vez. Nessa mesma época, estava tentando um estágio junto ao INSS e percebeu que o trabalho era mais importante. Representava a possibilidade de um retorno financeiro, o que permitiria uma redução nos investimentos realizados por seu tio. Conforme já havia constatado no ano anterior, não haveria a possibilidade de cursar simultaneamente os dois cursos e ainda estagiar.

As inúmeras tentativas, idas e vindas da estudante, revelam sua divisão

entre a satisfação de seus desejos, ou seja, daquilo que imagina ser o seu talento, e as necessidades de objetivos de segurança financeira.

⇒ **O futuro**

A entrevistada imagina-se daqui a dez anos trabalhando, casada, com filhos e, principalmente, em condições de ajudar os avós. Embora muitos familiares a incentivem e a ajudem como é o caso do tio que custeia parte de suas despesas e da tia que oferece moradia, sente que a retribuição será cobrada e que nem todos os familiares a apóiam. Alguns já a teriam dito que “era melhor arranjar um serviço, assim não dava tanta despesa ao tio”.

Ela afirma que tenta ver nessas críticas um estímulo para continuar lutando por aquilo que quer. Sabe que os avós a apóiam e têm um orgulho imenso de sua trajetória, pois é a primeira pessoa da família a ingressar no ensino superior. Souza e Silva (2004) relata a sua própria experiência pessoal:

“No terceiro ano de Geografia, na UFRJ, eu resolvi fazer também História na UERJ, e recebi uma carta do meu irmão me esculhambando, dizendo que eu era um irresponsável, que estava na idade de eu trabalhar e casar e não ficar perdendo tempo com mais uma faculdade. O que eu estou querendo dizer é que a universidade é muito distante do universo dos setores populares como estratégia de ascensão social. Para você ter uma idéia, nunca entrou um doutor na minha casa, nunca entrou um médico, um advogado, um contador.”

Atualmente, a jovem incentiva os parentes, principalmente, os primos menores, a continuarem estudando, e parece acreditar que é possível ultrapassar a herança cultural familiar. Sua maior crença, entretanto, é que, com o seu exemplo de luta, poderá mudar a opinião daqueles que acham que o melhor para ela seria “arranjar um serviço”.

O relato dessa estudante mostra a contradição dentro das famílias de classes populares entre assegurar a subsistência no momento presente ou

investir em alguns de seus membros para tentar assegurar alguma ascensão social.

Perfil 7: A politizada

Encontramos-nos, para a entrevista, na Faculdade de Educação da UFRJ, onde ela cursa as disciplinas de Licenciatura. É uma jovem de 21 anos, estudante do 7º período do curso de Belas Artes, filha caçula de uma professora aposentada por invalidez (síndrome do pânico), do 1º segmento do Ensino Fundamental. O pai era representante comercial, chegou a ingressar no curso de graduação em Administração de Empresas, mas ao ficar desempregado abandonou o curso e assumiu as tarefas domésticas e a educação dos filhos, pois ao se casarem, ele e a esposa, decidiram que os filhos seriam cuidados somente por eles.

A mãe prestou vestibular para matemática foi aprovada, mas não conseguiu cursar a graduação. Notamos que é uma família com alta escolarização, com características diferentes dos outros entrevistados. O irmão mais velho, ex-aluno do CIEP pesquisado, cursa Engenharia Química na UFRRJ. Não participou desta pesquisa, por acreditarmos que as trajetórias são muito semelhantes, o que não acrescentaria novos elementos ao estudo.

Ela estudou de 1ª à 4ª série em uma escola municipal da região, onde a mãe lecionava, conhecia todos os funcionários, professores e a Direção. Muitos, inclusive, freqüentavam sua casa por serem amigos de seus pais. Era conhecida como a filha da Tia XXX. Os alunos a tratavam de uma forma diferente cedendo-lhe lugar na fila da merenda ou a escolhendo como representante nos eventos. Consta-nos que não aprovava essas atitudes e deixava claro a todos: (“-Aqui sou uma aluna como qualquer outra”). Segundo afirma, a mãe ensinava que ela não devia ter privilégios por ser filha de professora e, inclusive, não conversavam na escola. Ainda que a mãe tivesse

este tipo de preocupação, sabemos que os alunos que estudam nos colégios onde seus pais lecionam são considerados diferentes, pois a própria escola, os demais alunos e os colegas dos pais criam expectativas com relação a eles em geral sempre positivas. No que tange aos estudos, acredita-se que darão prosseguimento e que após a conclusão do Ensino Médio, ingressarão no nível superior. No que diz respeito à vida profissional também se espera a conquista de um bom emprego e sucesso profissional.

Em 1997, ela foi matriculada no CIEP pesquisado, na 5ª série do Ensino Fundamental. Essa opção se deu por seus pais serem brizolistas e acreditarem no projeto idealizado por Darcy Ribeiro. Percebemos que é uma família politizada. Além disso, conheciam o trabalho da Direção, pois o filho mais velho já estudava lá. Antes de estudar no CIEP, ela já tinha o hábito de freqüentar as festas e a apresentação dos resultados das oficinas oferecidas nos contraturnos para os alunos, razão pela qual, para ela, foi prazerosa a opção dos pais. O ambiente lhe era razoavelmente familiar não só pelos colegas de turma do irmão, que já conhecia como por alguns colegas da antiga escola que também foram estudar no CIEP. Mas lá ela não seria a filha de uma professora. No CIEP ela seria apenas mais uma aluna, teria uma identidade própria, deixando de ser conhecida como a filha da Tia XXX, como no primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Ao completar o Ensino Fundamental (8ª série), resolveu sair do CIEP, pois se comentava que a melhor escola de Ensino Médio das redondezas, localizava-se em Campo Grande e era o Colégio Estadual Albert Sabin. Participou do processo de inscrição pelo telefone onde o aluno indicava, na época, três escolas na ordem de sua preferência, conseguiu a vaga, mas ao

chegar lá para efetivar a matrícula ela e a mãe não foram bem recebidas e concluíram que o melhor era permanecer no CIEP. Este fato comprova os estudos de Nogueira (1998) de que pais professores traçam estratégias para a escolha das escolas de seus filhos. A autora se apropria do seguinte conceito de Ballion:

”Convictos do valor do capital escolar, desenvolvem forte aspiração a ”bens” escolares superiores; aspirações seguidas de realizações concretas e eficazes, pois que, na condição de agentes da instituição escolar conhecem bem esse meio, conseguem comparar com discernimento, rentabilizando assim as possibilidades de ação que ela oferece aos usuários”.

No processo de seleção dos ex-alunos a serem entrevistados para este trabalho, todos os professores consultados do CIEP pesquisado a indicaram, pois ela sempre foi considerada uma ótima aluna, muito responsável com os trabalhos e provas, bastante dedicada aos estudos e concentrada nas aulas, além de muito querida por todos. Segundo outro aluno entrevistado, aqui denominado O Trabalhador – Perfil 1, muito amigo dela, (“-Não poderia ser diferente, afinal ela é filha de professora”). Observamos que os filhos de professores são cobrados, inclusive pelos colegas, obrigando-os a uma postura como ela própria se define “a certinha” e “Caxias”, mesmo afirmando que também tem suas dificuldades.

⇒ **O caminho até a universidade**

Nos três meses finais do 3º ano do Ensino Médio cursou um pré-vestibular e inscreveu-se para Engenharia Florestal. Na última prova a mãe disse que ela não precisava ir, pois percebeu a sua angústia em fazer algo que não a agradava. Decidiu ter uma conversa franca com os pais e comunicou a escolha por Belas Artes. Eles a apoiaram e ela se sentiu mais segura. Optou

por este curso em virtude de suas afinidades com a área de Ciências Humanas e do interesse despertado no Ensino Fundamental por uma das professoras dessa disciplina, consolidado por outra no 2º ano do Ensino Médio.

A escolha pela UFRJ deu-se em virtude de informações que o curso da UERJ possuía natureza teórica e, o da UFRJ, natureza prática. Cabe-nos refletir se esta escolha não se deu por conta de um realismo em perceber seus limites e possibilidades, levando-a a investir naquilo que considerava seguro, ou seja, no seu talento. Segundo Bourdieu (1998b), a escolha do destino ou futuro da criança é afetada pela condição social à qual pertence e acabam por revelar:

“[...] interiorização do destino objetivamente determinado (e medido em termos de probabilidades estatísticas) para o conjunto de categoria à qual pertencem”. (p.47)

Na primeira semana de aula o pai foi levá-la, pois não conhecia o trajeto nem os ônibus que deveria tomar. Ao chegar à universidade sentiu-se poderosa: (“-Nossa! Estou na Escola de Belas Artes, a escola mais antiga fundada por D.João. Foi gratificante, mas ao mesmo tempo um pouco assustador. Mas na primeira semana já estava acostumada, já havia conhecido tudo”)

Os pais sempre acompanharam a vida escolar dos filhos Atualmente, considera o pai mais presente, pois ele está sempre disponível para construir algum tipo de ferramenta ou buscar materiais necessários para a execução de trabalhos da faculdade. Este empenho visa também a reduzir os altos custos com a manutenção dos filhos no Ensino Superior. O irmão vive em um alojamento na própria universidade e a mãe faz bolsas para vender, uma forma de aumentar a renda familiar, somente com transporte ela gasta cerca de R\$ 14,00 por dia. Ela afirma que os trabalhos feitos na faculdade servem para

estudar, aprender e vender. Não gasta uma folha de papel ofício se não considerar o que for fazer imprescindível, pois sabe o custo de cada um dos materiais que utiliza. Nesse caso, percebemos as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias de classes populares para manter seus filhos no Ensino Superior.

Durante o 7º período, por corte da bolsa-estágio que tinha, a situação financeira agravou-se muito e ela resolveu trancar a matrícula para trabalhar. Os pais foram contrários à idéia e argumentaram que fariam esforços redobrados para que ela conseguisse concluir o curso. A mãe foi taxativa (“-No último ano nem pensar”). Ela afirma acreditar que se essa proposta tivesse sido feita por não querer mais cursar a graduação, os pais teriam entendido, mas por motivos financeiros, eles não aceitaram de forma alguma a interrupção. Com isso ela se exige muito, pois reconhece todos os sacrifícios dos pais fazem.

A respeito desse superinvestimento familiar Lahire (1999) comenta

Os pais “sacrificam” a vida pelos filhos para que cheguem aonde gostariam de ter chegado ou para que saiam da condição sociofamiliar em que vivem. Mas “o sacrifício parental pode ultrapassar muito o investimento pedagógico: esta atitude geral deverá deixar traços na organização da ordem moral doméstica e na maneira de gerir a situação econômica da família”. (p.29)

Atualmente, a entrevistada faz estágio e recebe uma bolsa no valor de trezentos reais atuando na programação visual de um projeto ambiental em Macaé, onde serão produzidos livros com as suas ilustrações. Faz estágio no CAP – UFRJ e no CIEP pesquisado, com a mesma professora de Artes Plásticas do Ensino Fundamental.

⇒ **O futuro**

Tem forte vínculo com a comunidade. Pretende, depois de se formar, prestar concurso para a Secretaria Estadual de Educação e ser lotada no CIEP pesquisado. Afirma: (“- Aquela região ali a cada ano piora mais, o bairro está se favelizando, há muitas invasões e a entrada das drogas”).

Acredita que o CIEP em questão, precisa fortalecer nos alunos, o conceito de cidadania, bem como desenvolver um projeto para aumentar a sua auto-estima, ação hoje desenvolvida pontualmente por alguns professores. Sugere que se promovam rodas de discussão sobre temas atuais para debater os problemas da comunidade.

Justificando seu desejo de exercer sua profissão naquela comunidade explica:

“Meu professor de prática me disse: - Por que você não escolhe uma outra escola mais perto para estagiar? Até em Macaé onde é o seu estágio? Não, eu quero aquela comunidade, desde que eu saí de lá, quero estudar aquela comunidade, eu quero ajudar a melhorar aquela comunidade e eu quero levar desde a minha primeira aula de Educação Artística, minha primeira aula prática do Fundão, eu quero levar este conhecimento aos meus alunos naquele colégio que eu estudei. Quero trabalhar com aquelas pessoas que me formaram como ser humano sabe? A prof^a XXX e os outros professores, eu quero estar junto com eles levando coisas novas que estão aqui fora e de repente eles por causa de todas turmas com um monte de coisas não podem estar assim se atualizando. Aí, assim não sei, se é coisa de jovem, mas eu tenho muitos planos para trabalhar aquela comunidade.”)

Acreditamos que este sentimento de pertencimento à comunidade e ao CIEP, que ela considera como uma família, seja decorrente da própria avaliação que ela faz sobre o que aprendeu lá: (“Uma lição de vida, de amor e respeito ao próximo, à comunidade e às diferenças”). Essa característica de pertencimento à comunidade determinou seus horizontes e suas primeiras escolhas.

Indagada sobre o que pretende estar fazendo daqui a dez anos, ela diz que tem a intenção de continuar os estudos cursando o mestrado e o doutorado. Não sabe se pretende continuar dando aula, pois estes planos são os imediatos com a finalidade de ajudar a comunidade, mas no futuro gostaria de explorar outros campos da profissão.

No CIEP, há uma segunda professora de Artes Plásticas, que ministrou aulas para a entrevistada durante o 2º ano do Ensino Médio e marcou profundamente a sua trajetória, pois ao se formar foi contratada como cenógrafa de uma emissora de TV e lá produziu cenários para novelas, programas diários, infantis entre outros. A emissora enfrentou problemas financeiros e foi demitida. Uma das alternativas encontradas para enfrentar a situação foi prestar o concurso da Secretaria Estadual de Educação, e ser aprovada entre os primeiros lugares. A entrevistada vê na experiência dessa professora um exemplo sobre o leque enorme de possibilidades de trabalho que a profissão oferece, desde que o profissional esteja sempre estudando e se atualizando com as novidades do mercado.

Na exposição da “Politizada”, sobressai o esforço e a luta dos pais percebemos o esforço e a luta dos pais a fim de manter os dois filhos no ensino superior. Eles se sacrificam para que nenhum dos dois precise trabalhar e possam concluir a graduação.

Um outro ponto que merece destaque é a incorporação, pela entrevistada, do sentido de escolarização de longa duração, quando manifesta explicitamente a certeza da continuação dos seus estudos na pós-graduação, ou seja, a idéia de que não há um fim para a vida escolar.

Seu compromisso político, marcado por um forte idealismo, aponta para

um provável retorno à comunidade de onde vem, do investimento que o conjunto da sociedade, para além de seus pais, está fazendo ao formá-la.

Perfil 8: A Escritora

A moça de 28 anos recebeu-me por volta das 16 horas no restaurante self-service da família, no qual trabalha como gerente. O restaurante já havia fechado para o público, restando apenas alguns funcionários que cuidavam da limpeza.

Soube que era a filha caçula de uma família de sete filhos, três deles fruto do primeiro casamento da mãe, e que sua irmã mais velha já tinha 47 anos de idade. A família morava em Duque de Caxias e mudou-se para Guaratiba na década de 90. No primeiro ano na nova localidade a entrevistada não estudou, porque seus pais não encontraram vagas nas escolas públicas da região. Nessa época ela havia concluído a 5ª série.

No ano seguinte, após a mudança, foi matriculada em uma escola municipal que funcionava em sistema de rodízios. Essa estratégia era utilizada para atender a demanda existente, sempre que o número de turmas mostrava-se superior ao número de salas de aula disponíveis. No término do ensino fundamental prestou concurso de Admissão para um ensino médio técnico no Colégio Estadual Miécimo da Silva, mas acabou não freqüentando em virtude da distância. Nessa ocasião foi então matriculada no CIEP pesquisado.

Durante o período em que estudou no CIEP afirma que foi uma aluna muito estudiosa. Matriculada no turno da tarde, costumava após chegar da escola, lanche, descansar um pouco e passar a noite estudando, lendo ou escrevendo poesias. Nos trabalhos de grupo ou seminários onde era necessário expor o conteúdo pesquisado, diz que as apresentações sempre ficavam por sua conta.

No primeiro ano em que estudou no CIEP conheceu um professor de Língua Portuguesa que, segundo a sua opinião, mudou a sua vida, tendo despertado seu interesse pela literatura e poesia, tanto para ler como para escrever. Nesta mesma época, decidiu que faria vestibular para o curso de Letras (Língua-Portuguesa - Literatura), pois tinha o sonho de ser escritora. Esta escolha também foi motivada pela sua falta de habilidade na área das Ciências Exatas.

Com relação a sua família informa que o pai é português e que estudou durante quatro anos em Portugal. Ressalta que ele é ausente em todos os sentidos, não se envolvendo nem nos problemas domésticos, nem na educação dos filhos. Sendo assim, o pai nunca cobrou resultados escolares e ela não sabe responder o que significa, para ele, estudar. A mãe sabe ler, mas nunca freqüentou a escola. Valoriza muito o estudo e costuma dizer que, se voltasse no tempo, gostaria de estudar.

Como já vimos, a valorização do estudo pela família é considerada, em pesquisas especializadas, um fator importante para uma trajetória escolar bem sucedida. Entretanto, no caso desta entrevistada, embora, segundo ela, não tenha sofrido oposições à sua decisão de ingressar no nível superior, percebe-se que a motivação familiar para o seu sucesso foi muito pequena, quase inexistente.

⇒ **O caminho até a universidade**

Ao final do 3º ano do Ensino Médio não se sentiu preparada para prestar o vestibular e optou por participar de uma seleção promovida pela Fundação Xuxa Meneghel. Tendo sido, segundo ela, uma das melhores colocadas,

recebeu uma bolsa de estudos na rede MV1. Neste período, ressalta que estudou bastante, mas não conseguiu ser aprovada em uma universidade pública. Ela não participou do ENEM, pois como concluiu o Ensino Médio no mesmo ano da primeira edição do referido exame, não teve as orientações necessárias para se inscrever.

Diante do resultado obtido no vestibular, ela começou a olhar a instituição pública como inviável, desistindo de uma nova tentativa e alimentando de forma pessimista o seguinte pensamento: “Isto não é para mim”. Mesmo assim, a decepção não teve força suficiente para demovê-la da idéia de se tornar aluna do nível superior, ou seja, desistiu da universidade pública, mas não de ser universitária.

Optou por uma instituição privada da região que, por praticar provas com nível de exigência menor, era menos seletiva. Conseguiu ser aprovada, mas, para arcar com os custos das mensalidades, precisava trabalhar o dia inteiro e estudar à noite. Após muitas lutas, concluiu o curso de graduação.

Percebemos nesta trajetória o que Nogueira (2001) relata:

Tem-se tornado habitual, entre os pesquisadores, a afirmação de que, no Brasil, nas últimas décadas, dois tipos de trajetória escolar vêm se estruturando: de um lado, freqüência a escolas privadas de ensino fundamental e médio e, depois, ensino superior público para os favorecidos – o chamado “circuito virtuoso”; e, inversamente, freqüência a escolas públicas de ensino fundamental e médio e depois, faculdades particulares (em geral de baixa qualidade) para os mais desafortunados – o chamado “circuito vicioso” (Souza e Silva, 1990/1991). (p.129)

Acredita que da sua turma do Ensino Médio tenha sido a única a ingressar no nível superior, como também foi a primeira pessoa de sua família a se graduar, o que é motivo de orgulho para todos, segundo informações da entrevistada.

Durante o período da graduação seus investimentos escolares estiveram vinculados ao retorno provável que poderia obter com o certificado escolar, principalmente no mercado de trabalho. No entanto, ela frequentou uma instituição de nível superior, mas não universitária desvinculada da pesquisa e da extensão, voltada apenas para o ensino, pouco seletiva e, conseqüentemente, com diplomas pouco valorizados no mercado de trabalho.

Curiosamente, durante o período em que os participantes da pesquisa estavam sendo selecionados, consultei professores que inauguraram o CIEP. Alguns lembraram da ex-aluna, mas afirmaram que ela não seria “adequada” por não trabalhar na área em que se graduou. Entendiam que ela não tinha aproveitado seu diploma para “crescer” na vida. Expliquei que não era objetivo do trabalho avaliar a trajetória do participante após a conclusão do curso superior, mas principalmente a chegada até ele.

No fim da graduação ministrou aulas como voluntária no vestibular comunitário da Fundação Xuxa²⁰ e prestou concurso para as redes municipais e estaduais de ensino, não logrando êxito.

Afirma que desistiu do magistério, por acreditar que a escola perdeu seu papel na sociedade. Além disso, diz ter medo dos alunos, que considera “baderneiros” e, alguns “vândalos”. Formou essa opinião após observar o estado de depredação das duas escolas da região, nas quais estudou. No CIEP pesquisado, na época em que ela estudou, havia um sentimento de pertencimento da comunidade, tanto que um dos aspectos positivos destacados por ela era o ambiente familiar²¹.

Quando analisamos o percurso escolar da entrevistada, verificamos que

²⁰ A partir de 2002, segundo informações da Fundação Xuxa Meneghel, o curso pré-vestibular comunitário passou a ser oferecido aos jovens da região.

²¹ Vide descrição do CIEP no capítulo 3.

durante a educação básica ela não teve nenhuma reprovação escolar. Mas após a conclusão do curso de graduação, ocorrido em 2003, vemos um histórico marcado por reprovações e tropeços, principalmente em concursos públicos. Essa constatação nos leva a admitir que tais incidentes podem ter sido marcantes o suficiente para ter influenciado na desistência da carreira no magistério, bem como na apreciação negativa do ambiente escolar de hoje.

A entrevistada superou os obstáculos de seu grupo social para o ingresso no nível superior e pode ser identificada como uma “sobrevivente”, termo utilizado por Bourdieu para designar aqueles indivíduos oriundos das classes populares que, não obstante as condições adversas, prosseguem no seu curso escolar.

Apesar dos fracassos, permanece a expectativa do "valor do diploma" na vida desta entrevistada. Segundo ela, foi muito importante o convívio no meio universitário, o saber e as experiências adquiridas. Para ela isto significou uma forma de ampliar o seu horizonte, além de lhe trazer conhecimentos que servirão para a vida inteira. Não se arrepende dos sacrifícios que lhe foram impostos durante a graduação, embora admita que sua opção de posicionar-se no mercado de trabalho fora do magistério, não lhe rende os recursos financeiros que almejava.

Recorremos a Bourdieu (1998d) para explicar tal situação:

...a histerese dos habitus pode levar a uma defasagem entre as expectativas e as condições objetivas, que induz a impaciência dessas condições objetivas (é o caso, por exemplo, quando os detentores de certificados escolares desvalorizados que, nominalmente, permaneceram idênticos, esperam, pelo fato de sua divulgação, obter as vantagens reais que, na época anterior, estavam vinculados aos mesmos). (p.85)

Após os insucessos passou a trabalhar no restaurante da família e,

atualmente, pensa em fazer algo para “ganhar dinheiro”. Matriculou-se em um curso de cabeleireiro que não frequentou, pois não houve número de participantes suficientes para formar uma turma. Ela escolheu este curso por ser um mercado em franca expansão, que “está diretamente ligado à vaidade humana”. Os clientes, sejam eles homens, mulheres, jovens ou crianças, todos procuram um instituto de beleza para um simples corte ou para um tratamento mais sofisticado, e isto independe da classe social. Ela aguarda uma nova turma para o curso e vislumbra a possibilidade de montar um salão de beleza em Guaratiba.

⇒ **O futuro**

Ao ser indagada sobre os seus planos para o futuro respondeu que era difícil pensar, pois estava cheia de dúvidas e incertezas, mas pretendia conseguir uma situação financeira estável. Quanto ao sonho de escrever um livro, acredita ter se tornado uma tarefa muito difícil, mas que ainda tem esperanças.

O único planejamento de vida que a entrevistada possui, relaciona-se a uma questão pessoal, pois está noiva, e para o futuro imagina-se casada e com filhos. O horizonte profissional resume-se a qualquer atividade que lhe assegure a estabilidade financeira. A desilusão com a desqualificação do seu diploma, a impede de lutar para escapar daquilo que Bourdieu chama de “desclassificação”. Ela não consegue vislumbrar possibilidades diferentes do magistério, no curso em que se graduou.

O depoimento dessa ex-aluna do CIEP revela que embora tenha completado o ciclo de estudos – educação básica e superior, a sua graduação

em Língua Portuguesa-Literatura não produziu mudanças significativas em sua vida. A desqualificação de seu diploma gerou uma desilusão com relação as suas aspirações de ascensão social e independência financeira. A desilusão escolar parece ter vindo acompanhada da abdicação da produção de poesias e da expectativa em relação à literatura.

Perfil 9: A Emotiva

Na época da entrevista, essa participante da pesquisa estava com 24 anos, muito tímida e delicada para falar. Encontrou-se comigo no próprio CIEP investigado. Tem apenas uma irmã, e é a filha mais velha de um garçom e de uma costureira, ambos com o Ginásio completo.

Graduou-se em História em uma faculdade da região e foi a única entrevistada que não fez nenhum tipo de curso pré-vestibular. Atualmente, é professora de uma escola privada na Pedra de Guaratiba, cursa pós-graduação “lato-sensu” na Universidade Federal Fluminense e, em 2004, foi aprovada no concurso da Secretaria Estadual de Educação.

Concluiu a 4ª série em 1994, em uma escola municipal da região e foi matriculada em 1995 no 6º ano no CIEP investigado, durante a vigência do projeto dos Ginásios Públicos. Os pais eram brizolistas e conheciam, segundo ela, a proposta do CIEP. Ela gostou muito dessa opção, porque muitos amigos que estudavam na outra escola também foram matriculados lá, característica recorrente em quase todas as entrevistas.

Começou o ano muito animada, mas confessa que se assustou com o tamanho da escola. Esse rito de passagem é marcante na vida do aluno, pois nesse período eles sofrem mudanças muito significativas, passam a ter uma vida escolar mais complexa, um novo espaço, alguns novos amigos, nova grade curricular, novas exigências e professores de ambos os sexos, dentre outros aspectos.

O salto ocorrido entre a 4ª série e o 6º ano deve-se a uma proposta experimental, inovadora dos Ginásios Públicos implantados por Darcy Ribeiro e detalhada no capítulo II. Só para recordarmos, os GP's contemplavam um novo

currículo que compactava a 5^a, 6^a, 7^a, 8^a séries do 1^o grau e as 1^a, 2^a, 3^a séries do 2^o grau, em cinco anos de estudo (6^o ao 10^o ano).

A entrevistada se sentiu prejudicada com essa modalidade de ensino porque, acredita que a supressão de um ano escolar, sem uma alternativa compensatória, gerou lacunas na sua formação em todas as disciplinas. Um outro problema apontado por ela, que comprometeu o seu desempenho escolar, é que na inauguração do CIEP, não houve lotação para professores de Física e Matemática. Havia apenas professores contratados para essas disciplinas. Com a posse de Marcelo Alencar (1995) no Governo do Estado do Rio de Janeiro, houve o desmonte do programa dos CIEPs, o que acarretou a demissão dos contratados, fazendo com que ela durante alguns anos não tivesse aulas dessas disciplinas e, até hoje revele pouca habilidade para Ciências Exatas. Mas ela não diz explicitamente que esses problemas funcionaram como impeditivos para que tentasse ingressar em uma universidade pública.

Recorrendo a Bourdieu, Nogueira e Nogueira (2002) explicam essa situação da seguinte forma:

... pelo acúmulo histórico de experiências de êxito e de fracasso, os grupos sociais iriam construindo um conhecimento prático (não plenamente consciente) relativo ao que é possível ou não de ser alcançado pelos seus membros dentro da realidade social concreta na qual eles agem, e sobre as formas mais adequadas de fazê-lo. (p.22)

Embora tenha havido a tentativa do desmonte do programa dos CIEP's, no que dependeu da Direção da escola, algumas atividades previstas inicialmente no PEE foram mantidas. Uma delas consistia na animação cultural, que ali se dedicava à educação ambiental. Em Guaratiba há uma grande colônia de pescadores, além de uma área de manguezais, o que leva os alunos

a se mobilizarem facilmente com questões voltadas para ecologia. Os responsáveis costumavam assistir aos espetáculos, que eram abertos à comunidade. Nessa época a animação cultural era o elo integrador entre a escola e comunidade, como estava previsto no Novo Livro dos CIEP's:

A animação cultural é desenvolvida nos CIEP's como um processo conscientizador que resgata o papel social e político da escola. Tudo começa com a cultura local, suas manifestações, o fazer da comunidade, seus artistas (antes ausentes dos currículos escolares), que são progressivamente incorporados ao dia-a-dia da escola. (p.91)

Um outro ponto que a entrevistada salienta é a utilização da Sala de Estudos Dirigidos, onde os professores promoviam variadas atividades com o objetivo de desenvolver a leitura crítica. Destaca também uma professora de Língua Portuguesa que a fez descobrir Machado de Assis e Lima Barreto, seus autores prediletos. Seu lugar preferido, na escola, era a Biblioteca, onde durante os tempos vagos realizava trabalhos de grupo ou simplesmente lia ou manuseava os livros. Os chamados “tempos vagos” deviam-se à ausência ocasional de um professor ou a determinada carência no quadro docente do CIEP, em alguma disciplina específica.

Foi a única entrevistada a relatar que os pais costumavam fazer passeios de caráter cultural, principalmente visitas a museus. Essas visitas podem ser traduzidas como investimentos intelectuais e nelas percebemos a “boa vontade cultural” assinalada por Bourdieu.

⇒ **O caminho até a universidade**

A entrevistada se define como uma aluna comportada, cuidadosa e com bom desempenho escolar. Muito querida pelos professores do CIEP que confirmam todas essas qualidades. Sempre teve o sonho de cursar Medicina, e

pensava que quando concluísse os estudos no CIEP se matricularia em um curso pré-vestibular para tentar a carreira.

As professoras de Geografia e História sempre a incentivaram muito, pois ela se destacava positivamente nos trabalhos dessas disciplinas. Em uma ocasião a professora de História pediu que a turma fizesse um trabalho a respeito da ditadura militar e ali a entrevistada, durante o período da pesquisa sobre o assunto, percebeu o quanto a História é importante para a formação do cidadão crítico. Algumas conversas com esta professora, levaram-na a desistir da Medicina e a optar pelo curso de História. A professora tornou-se uma figura muito marcante em sua vida e, com ela, durante o curso universitário, fez estágio na disciplina Prática de Ensino. Souza e Silva (2003) também aponta essa característica em seus entrevistados e tece o seguinte comentário:

No plano das relações estabelecidas no campo escolar, é significativa a importância que vários entrevistados concederam a professores específicos. Eles tiveram uma razoável influência em suas definições pelo curso universitário. Fosse pelo estilo pessoal, pela atenção particular concedida e/ou pela forma como desenvolvia o conteúdo da disciplina, a mediação dos professores foi importante para a identificação com determinadas áreas de estudo e, conseqüentemente, para a escolha da graduação a ser realizada. (p.125)

Com relação à escolha pelo magistério, ela declara que foi decepcionante para seu pai, pois este preferia que ela cursasse Direito, Engenharia ou Medicina, carreiras que, segundo ele, são mais valorizadas socialmente e economicamente recompensadoras. Ele acredita que o magistério não rende bons salários, além de ser desvalorizado socialmente. Após explicar a ele, sua intenção de continuar seus estudos cursando a pós-graduação (mestrado e doutorado) que irá lhe permitir ministrar aulas no Ensino Superior, ele mudou de idéia e acrescentou: (“ - Assim você não vai parar de estudar nunca?”)

Para as famílias de classes populares o investimento em um curso superior é muito alto, o que provoca a expectativa de imediata ascensão social e financeira. Sendo assim, e considerando-se que a profissão docente vem sofrendo arrocho salarial, perda do poder aquisitivo dos salários, além da desvalorização social já mencionada, o pai da entrevistada não se mostrou satisfeito com a sua opção. A propósito ainda da expectativa citada, na época, sobre sua irmã que tentava pela terceira vez o vestibular para Medicina em uma universidade pública, a entrevistada comentou: (“- Estaria quase terminando, se fosse um curso com a duração de quatro anos”).

Bourdieu (1998d) chama a atenção para esse tipo de hierarquia entre as profissões:

...os ramos de ensino e as carreiras de maior risco, portanto, normalmente, as de maior prestígio, têm sempre uma espécie de par menos glorioso, relegado àqueles que não possuem suficiente capital (econômico, cultural e social) para assumirem os riscos da perda total ao pretenderem ganhar tudo. (p.95)

Assim, a profissão de professora de História, do Ensino Fundamental e Médio, representa o par menos ilustre da profissão de professor universitário e, por isso, não se incluía entre as aspirações do pai.

Embora a entrevistada tenha cursado uma faculdade privada da região, que emite certificados escolares pouco valorizados no mercado de trabalho, percebemos que ela vem lutando contra a “desclassificação”, relacionada, na perspectiva de Bourdieu, com os processos de escolarização. O curso de pós-graduação na UFF é uma prova irrefutável dessa luta, pois ela procura, agora, um canal de acesso a um título escolar raro. Uma outra razão apontada por ela para o seu interesse na UFF é a possibilidade de conhecer as linhas de pesquisa e seus respectivos professores responsáveis, com vistas a tentar o

Mestrado em História.

Um fato que me chamou a atenção foi que somente duas entrevistadas se interessaram em ler a dissertação, após sua conclusão: essa que estou descrevendo e a do perfil 10. Acredito que o interesse por essa produção acadêmica deve-se a dois fatores: o primeiro é que neste trabalho está retratado o ambiente e a história de cada uma delas e o segundo é a expectativa de que possam vir a partilhar um trabalho de pós-graduação, aproximar-se dessa experiência que desejam para si mesmas.

⇒ **O futuro**

Perguntamos a entrevistada, se ela acreditava que a sua prática pedagógica seria capaz de mudar a realidade onde está inserida, como prevê as palavras de Leonel Brizola, no prefácio do “O Livro dos CIEPs” em que ele afirma:

“Dos CIEPs hão de sair aqueles homens e mulheres que irão fazer, pelo povo brasileiro e pelo Brasil, tudo aquilo que nós não conseguimos ou não tivemos coragem de fazer.”

Ela ficou muito emocionada, chegando inclusive a chorar nesse momento.

Ela afirma que tem condições para realizar essas mudanças e reflete:

(“- Outro dia mesmo eu estava me questionando, eu me formei aqui; a base da minha formação é a região e, pela região, eu praticamente nunca fiz nada, eu trabalho naquela escola que é da rede privada. Até mesmo minha mãe trabalha como voluntária em um hospital em Campo Grande e pergunta quando eu vou fazer algo pela comunidade?”)

Ela acredita que ao terminar o curso de pós-graduação, terá mais tempo livre para se dedicar-se a um projeto comunitário, seja como voluntária em um curso pré-vestibular comunitário ou lotada pela SEE em uma das escolas

públicas da região.

Espera também que daqui a dez anos, já tenha concluído o mestrado, e esteja às voltas com o Doutorado. Pretende continuar exercendo o magistério e sabe o quanto a atualização profissional é importante. Também pensa em atuar como pesquisadora.

Notamos no depoimento dessa jovem que os valores herdados através do patrimônio familiar, reforçaram o sentimento de pertencimento à comunidade. Esse sentimento gera uma solidariedade entre os seus pares tão forte que se confunde com uma “dívida”. Atualmente, ela oscila entre o seu projeto pessoal de vida e o compromisso ou dever de desenvolver um projeto para a comunidade.

Observamos que esta “dívida” parece ser a dificuldade de conciliar dois mundos que a princípio parecem antagônicos: por um lado uma comunidade muito carente e por outro o universo cultural adquirido, por ela, com o prolongamento dos estudos.

Perfil 10: A pragmática

Essa entrevistada é uma moça de 22 anos, graduada em Estatística pela UERJ e que, atualmente, trabalha em uma das agências reguladoras do Governo. Encontramo-nos na recepção do prédio onde ela trabalha e aproveitamos o seu horário de almoço para realizarmos a entrevista.

Ela mora em Campo Grande com a mãe, a avó e uma irmã mais nova e é a única dos participantes que pertence a uma família mono parental. A mãe é técnica em contabilidade aposentada e interrompeu o curso de graduação pelas dificuldades que se apresentam a uma mulher, com a responsabilidade de prover a casa e educar duas crianças sozinhas. A entrevistada afirma que ela e a irmã são “produções independentes”, forma coloquial de se qualificar hoje, os filhos que são assumidos somente pela mãe. Em sua casa o avô fazia o papel de pai, a avó o de mãe e, a mãe biológica, o de provedora da família. Quando o avô faleceu, a mãe biológica passou a ser pai e mãe ao mesmo tempo.

Percebemos nessa configuração familiar o papel da mãe, como o de uma mulher que, provavelmente lutou contra o preconceito de ter duas filhas sem a estrutura de um casamento e sem o apoio emocional e financeiro de um companheiro. Contando apenas com a ajuda de seus pais no sentido de cuidar e educar as filhas, tornou-se a provedora do lar. A mãe detém bom capital cultural e preparou as filhas para o cotidiano escolar.

A entrevistada morou muito tempo em Guaratiba, cursou Jardim de Infância em uma escola privada da região, depois foi matriculada em uma escola municipal, onde concluiu a 4^a série. Ela declara que soube por intermédio de alguns amigos que no CIEP havia uma grande biblioteca. Como

afirma que é de uma família de leitores, solicitou à mãe que fosse até lá, a fim de conferir a informação, bem como conhecer a escola. Ficou, segundo ela, encantada com a biblioteca e com a Sala de Estudos Dirigidos e pediu à mãe que a matriculasse lá. Isso ocorreu em 1995 e foi matriculada no 6º ano, no projeto Ginásio Público.

Durante o período em que estudou no CIEP por vezes se sentia, de acordo com as suas palavras, como um pária. Pelo fato de ser muito estudiosa, sofria preconceito intelectual dos demais alunos. Esse fato nos mostra o incômodo que o diferente sempre causa e a cultura escolar discente que é, predominantemente resistente à ação escolar.

Willis (1977) apresenta em seus estudos a expressão "ear'oles", cuja tradução literal é "buracos de ouvido".

O próprio termo ear'oles conota, para os rapazes, a passividade e o ridículo dos conformistas. Parece que eles estão sempre ouvindo, nunca *fazendo*: nunca movidos por uma própria vida interna, mas sempre amorfos, numa posição de recepção rígida. O ouvido é um dos órgãos menos expressivos do corpo humano: ele responde à expressividade dos demais. (p.27)

Os alunos que se destacam, são vistos pelos demais como conformados às regras da escola, ou seja, como os conformistas, mencionados por Willis. São muito estudiosos, em geral, elevam o patamar das notas das turmas, sempre conseguindo resultados superiores aos demais, como é o caso da entrevistada. Aqui no Brasil o termo foi traduzido para cê-dê-efes (CDF) cuja tradução menos popular é "cabeça de ferro", a tradução da gíria mais utilizada pelos alunos, não ousou apresentar neste trabalho. Uma outra expressão muito utilizada para designar esses alunos é "nerd".

A ex-aluna do CIEP registra apenas um episódio de notas baixas em sua vida escolar. Recebeu um conceito C, em Matemática, embora esse tenha sido

o mais alto da turma. Ela declara também que esse foi um dos seus melhores professores, pois a desafiou a estudar mais.

A mãe da participante, surpresa com o seu desempenho, foi à escola conversar com o professor e também a estimulou a aplicar-se mais nos estudos. A partir desse fato, a mãe procurou fazer-se mais presente no CIEP e foi candidata e posteriormente eleita no segmento Responsáveis, para AAE – Associação de Apoio Escolar, cumprindo dois anos de mandato.

A entrevistada é uma leitora contumaz. Durante as férias, algumas vezes lia livros didáticos da próxima série que cursaria. Certa ocasião leu muito a respeito de um determinado assunto que seria abordado durante aquele ano. Quando a professora expôs sobre o tema em sala de aula, deixou de mencionar determinado aspecto. Questionada pela entrevistada, a professora respondeu que logo depois conversaria com ela sobre o assunto, o que não ocorreu, gerando-lhe grande decepção.

Durante o período que estudou no CIEP freqüentou oficinas, principalmente de Língua Portuguesa, com o objetivo de participar de atividades patrocinadas por empresas, como por exemplo, um concurso de redação da Nestlé e também o projeto “Quem lê jornal sabe mais”, do jornal O Globo.

Acredita que as atividades extracurriculares, principalmente os trabalhos escritos e seminários, contribuem muito para o crescimento do aluno, ressaltando que esses eventos, em geral, produzem cultura. Com relação ao desenvolvimento do senso crítico, do pensar sozinho, de elaborar o raciocínio e com isso exercer a cidadania, ela acredita que essa tarefa para a escola é muito difícil, pois os alunos recebem instruções e informações o tempo todo.

Atualmente, desenvolve um blog, junto com um grupo de fãs do Harry Potter. A plataforma contém os personagens do livro e os criados por esse grupo. O processo de criação se dá por uma exposição das características físicas e psicológicas do personagem, além de verificar se os mesmos estão em consonância com as histórias do bruxo adolescente. A partir daí o grupo seleciona os personagens que serão criados. O passo seguinte é a elaboração do desenho do personagem. No dia da entrevista ela estava com três livros de mitologia grega que usaria para estudar e pesquisar novos personagens. Afirmou ainda que o grupo está muito exigente e por isso os personagens necessitam estar muito bem construídos para serem aprovados por todos.

⇒ **O caminho até a universidade**

A entrevistada estudou no CIEP de Guaratiba de 1995 a 1999, cursando do 6º ao 10º ano e acha difícil avaliar a contribuição da escola na sua trajetória escolar. Lembra que durante o período que lá estudou, este foi marcado por falta de professores e também pela redução da carga horária de disciplinas de Ciências Exatas, tais como: Física e Química, essenciais à sua formação. Ela diz:

“- O nível de exigência foi na medida certa, apesar de ser estranho avaliar por causa das carências. O 2º grau, praticamente inteiro, sem Matemática. Não vi Química Inorgânica porque sumiu da grade curricular. No grupo de estudos eu não sabia de nada. Com essa estrutura é muito difícil. Não dá para avaliar.”)

Durante o ano de 1999 participou de um grupo de estudos na Fundação Xuxa Meneghel. A fundação cedia o espaço e professores ou estudantes universitários ministravam aulas para jovens da comunidade. Muitos desses estudantes eram jovens da própria comunidade que já haviam conseguido

ingressar no nível superior e tentavam auxiliar aqueles que estavam se preparando para prestar o vestibular.

Um outro projeto que a Fundação possuía era a seleção para o concurso de bolsas da rede MV1, já descrito no perfil 8 – A escritora . A entrevistada não participou dessa seleção porque, no início de 1999, contava com apenas 15 anos. Achou melhor comparecer às aulas do grupo de estudo, fazer o vestibular como uma forma de treino, e depois, caso não fosse aprovada, tentar a bolsa oferecida pela rede MV1.

Apesar desse planejamento, a escolha do curso superior dela e dos demais participantes do grupo de estudo foi, no mínimo, curiosa e obdeceu, segundo ela, a quatro critérios: o primeiro, de eliminar todos os cursos oferecidos pela UERJ no período noturno, em virtude da distância entre Guaratiba e Maracanã, local onde se localiza a Universidade; o segundo, de desconsiderar os cursos em horário integral, devido ao alto custo de manutenção dos alunos; o terceiro de excluir os cursos pertencentes à área de Ciências Humanas tendo em vista a pouca habilidade do grupo para essa área e, o último critério, o de considerar as menores relações candidato/vaga. Ela escolheu Estatística, pois na época apresentava uma relação, relativamente baixa, de cerca de quatro candidatos para uma vaga.

No primeiro período do curso de graduação, morou com uma prima de sua mãe em Nilópolis, pela facilidade de acesso ao Metrô. No entanto, após uma greve em que precisou recorrer aos trens para chegar à Universidade, a mãe resolveu trazê-la de volta, porque percebeu que ela já estava mais independente.

Com relação aos aspectos pedagógicos da vida universitária, ela afirma

que se integrou muito bem, tendo sido Bolsista de Iniciação Científica num projeto multidisciplinar que envolvia Informática e Nutrição. Nogueira (2000) faz menção aos alunos que participam de atividades extra-curriculares e explica que:

A meu ver, o aspecto mais importante, em razão de suas conseqüências acadêmicas, é a força que adquirem, nessas trajetórias, as atividades extra-sala de aula, que ocorrem paralelamente às aulas e atividades curriculares mínimas obrigatórias. Para além do currículo básico previsto em cada uma das formações escolhidas, grande parte desses jovens realiza atividades que estendem, reforçam, ampliam os saberes e saber-fazer mínimos oferecidos nos cursos freqüentados. (p.140)

Não conseguiu atuar como monitora, pois segundo ela, sempre estava envolvida em algum projeto na época das provas de seleção. Foi estagiária da agência onde trabalha, sendo efetivada logo após a conclusão da graduação.

⇒ **O futuro**

Na época da entrevista, a Pragmática havia participado de um processo seletivo na agência em que trabalha para a função de estatístico. O concurso estava na fase de entrega de títulos. Ela estava aguardando ansiosamente a classificação final, pois já tinha apresentado o comprovante de conclusão da pós-graduação "lato-sensu". Considera esse concurso como fundamental para sua carreira, pela possibilidade de exercer a função para qual se graduou e de se aprimorar cada vez mais.

Ela declara que durante o curso de graduação, planejou que aos 25 anos já teria concluído o Mestrado e estaria às voltas com o projeto para ingresso no Doutorado. Mas seus planos precisaram ser adiados, pois a entrada no mercado de trabalho e a responsabilidade de ajudar

financeiramente a mãe a impediram de realizá-los integralmente.

Para o futuro, ela espera a posse na nova função e, principalmente realizar seus projetos de crescimento profissional. Um ponto recorrente entre todos os entrevistados é a retribuição às suas famílias, transformada em ajuda financeira proveniente de cargos que alcançarão com o prolongamento de seus estudos. Como a maior parte do grupo entrevistado ainda está cursando o nível superior, é impossível comprovar as suas intenções. No caso dessa jovem, com apenas 22 anos isto já acontece.

O caso dessa entrevistada é único, em relação aos demais participantes da pesquisa, uma vez que seu projeto de extensão da escolarização relaciona-se com a “causalidade do provável” abordada por Bourdieu. Ela pertence a um segmento social que, apesar de viver com muitas limitações econômicas, tem bem incorporada a cultura e sua mãe, com capital escolar alto para a região (superior incompleto) foi de grande importância no sentido de encaminhá-la até a universidade. A clareza com que descreveu o método de escolha do curso superior, e a racionalidade impecável, revela o planejamento e investimento seu e da família com vistas a esse objetivo, ou seja, o ingresso no nível superior.

Tabela I - Escolaridade e ocupação atual dos pais:

PERFIL		ESCOLARIDADE ATUAL	OCUPAÇÃO ATUAL
IDEALISTA	PAI	SUPERIOR INCOMPLETO	DO LAR
	MÃE	CURSO NORMAL	PROFESSORA APOSENTADA
ESCRITORA	PAI	PRIMÁRIO COMPLETO	COMERCIANTE
	MÃE	ANALFABETA	COMERCIANTE
INCENTIVADOR	PAI	GINÁSIO COMPLETO	SERVIDOR MUNICIPAL
	MÃE	SUPERIOR INCOMPLETO	SERVIDORA ESTADUAL
TRABALHADOR	PAI	ENSINO MÉDIO COMPLETO	SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DE UM HOTEL
	MÃE	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	DIARISTA
LEITORA	PAI	GINÁSIO COMPLETO	APOSENTADO
	MÃE	GINÁSIO COMPLETO	APOSENTADO
DETERMINADA	AVÔ	PRIMÁRIO INCOMPLETO	PEDREIRO
	AVÓ	PRIMÁRIO INCOMPLETO	DIARISTA
EMOTIVA	PAI	GINÁSIO COMPLETO	GARÇOM
	MÃE	GINÁSIO COMPLETO	COSTUREIRA
SONHADORA	PAI	ANALFABETO	COZINHEIRO
	MÃE	PRIMÁRIO COMPLETO	DO LAR
CRÍTICA	PAI	NÃO TEM CONTATO	
	MÃE	SUPERIOR INCOMPLETO	TÉCNICA EM CONTABILIDADE APOSENTADA
INTERESSADA	PAI	PRIMÁRIO COMPLETO	VIGILANTE
	MÃE	GINÁSIO COMPLETO	DO LAR

5. Considerações Finais

Ao tecer as considerações finais deste trabalho, vou recuperar algumas questões, antes mencionadas, com o objetivo de traçar um quadro que permita a compreensão das trajetórias escolares bem sucedidas dos jovens focalizados neste estudo.

Ressalto, inicialmente, que somente em 1994 Guaratiba passou a ter uma escola de 2º grau (atual Ensino Médio), como resultado da luta e da mobilização da extinta Associação de Moradores de Guaratiba em reivindicar a transformação de um CIEP de 1ª à 4ª série, em uma escola que atendesse os jovens concluintes do Ensino Fundamental.

Apesar da falta de tradição local desse nível de ensino e das deficiências apontadas pelos participantes da pesquisa no CIEP investigado, os mesmos reconhecem a importância dessa escola na sua formação, não só no aspecto acadêmico, mas também no desenvolvimento de sua cidadania. Os alunos que permaneceram mais tempo na escola estudada, ou seja, de cinco a sete anos, matriculados no Ensino Fundamental ou na modalidade do Ginásio Público, trazem uma marca, uma memória que parece significativa na trajetória escolar bem sucedida que os levou ao Ensino Superior.

Mais de um aluno entrevistado pertence a famílias que, à época, eram adeptas da política educacional do governo do Estado e do Programa dos CIEPs e tinham com essa política uma relação de colaboração e apoio.

O papel da escola se revela, em grande parte, através do papel do professor, pois todos os entrevistados comentaram a respeito das significativas relações estabelecidas entre eles. Os ex-alunos se referem a alguns professores com muita admiração e respeito. Esse é um dos dados relevantes

e marcantes na trajetória escolar de quatro dos participantes, que optaram também pelo magistério. Verificamos que os docentes marcantes citados no percurso trilhado por esses ex-alunos são todos professores que participaram ativamente da implementação do projeto do CIEP de Guaratiba e têm, ainda hoje, uma opinião muito positiva e carregada de emoção sobre o que significou o programa dos CIEPs.

Por isso, de alguma forma esses profissionais são saudosistas em relação à época “áurea” em que o CIEP foi inaugurado. Mas, mesmo com o desmonte daquela política, com a mudança do perfil do alunado e com a falta de recursos, mantêm forte ligação com o projeto original e esse tem sido o eixo norteador de seus trabalhos, inclusive estimulando os professores novos que chegam ao CIEP a desenvolverem práticas pedagógicas ainda inspiradas nas orientações da época.

Esses vínculos entre a escola e os alunos foram estendidos à família. A parceria escola/família foi construída através de ações da instituição escolar que visavam promover a integração dos dois grupos. As principais ações foram as reuniões com os pais, as festas abertas à comunidade e a participação no desfile cívico. Por sua vez, os depoimentos mostram que os pais dos alunos entrevistados estiveram sempre muito presentes na escola, respondendo aos convites à integração. Outro ponto reconhecido como importante pelos ex-alunos foi a realização de passeios culturais, promovidos pelo CIEP, que proporcionaram experiências novas e enriqueceram o seu cotidiano.

No que diz respeito às trajetórias escolares bem sucedidas nas camadas populares, verificamos que na revisão de literatura é enfatizada a forte mobilização familiar. Neste trabalho ficou evidente que a trajetória dos

entrevistados foi fruto de uma construção coletiva, baseada numa rede familiar de apoio, tanto econômico quanto social e afetivo. Nessa rede apareceram, além dos pais, outros familiares dispostos por contribuir com o acesso e a permanência desses jovens no ensino superior. Essa rede também se caracterizava pela adesão à idéia de que chegar ao ensino superior é uma aspiração correta, aceitável, apesar das dificuldades e incertezas, ou seja, pelo compartilhamento de um mesmo valor que parece estar se difundindo rapidamente entre as classes populares.

Outro fato que merece destaque é com relação à configuração familiar dos entrevistados, embora estejamos vivendo em uma época em que há alterações nos modelos familiares tradicionais, chamamos a atenção, para o fato, que nove entre os dez participantes têm a mesma configuração de família nuclear, ou seja, pai, mãe e irmãos. Ressaltamos o predomínio de famílias pouco numerosas, pois dos dez participantes, seis têm apenas um irmão, um é filho único e três têm dois ou mais irmãos. Esse reduzido número de filhos parece ser uma estratégia econômica que se reflete na área educativa. Ter poucos irmãos e irmãs é um dos fatores que favorecem o prolongamento dos estudos nos meios populares.

No que concerne ainda às configurações familiares, mesmo reconhecendo a relevância das redes parentais que encorajaram e estimularam os estudantes verificamos que o papel decisivo nesse processo coube as mães. A atuação das mães ultrapassa a escolha da escola, a realização da matrícula ou o acompanhamento nas tarefas escolares. Parece que elas conduzem os filhos a ajustarem-se às normas e à disciplina escolar. O papel da mãe é tornar o estudo um hábito para seus filhos, recomendando-lhes a

atenção necessária à escola e aos estudos, convencendo-os que esses seriam instrumentos de crescimento pessoal e financeiro. A participação se deu principalmente na valorização da escola, dos estudos, na expectativa de ascensão social, enfim nos aspectos simbólicos.

Outro aspecto que nos chamou a atenção diz respeito à escolaridade dos 19 pais e mães dos participantes: três são analfabetos (não escrevem e lêem muito mal), quatro tem o curso primário, seis completaram o curso ginásial, um concluiu o Ensino Normal, um terminou o Ensino Médio e outro ainda o está cursando, dois não completaram o curso de graduação e uma mãe ainda está na graduação.

Podemos apontar o bom nível escolar dos pais considerando que para as suas faixas etárias, em torno de 40 a 50 anos, a escolarização de longa duração é ainda mais rara. Ressalto que em três responsáveis, a escolarização se deu em paralelo com a dos filhos, ocorrendo inclusive, em alguns casos, de os filhos estarem à frente do nível escolar de seus pais-estudantes. Para os sete responsáveis com baixo nível de escolaridade, destaco que embora seus conhecimentos acadêmicos fossem inferiores aos dos seus filhos, eles tiveram atuação importante no acompanhamento do cotidiano escolar.

Como facilitador da escolarização de longa duração, um fato a ser citado é a gratuidade dos transportes coletivos para os alunos uniformizados, medida em vigor desde 1984 que visava à redução da evasão escolar. Leis municipais, estaduais e federais regulamentaram essa questão. Neste trabalho, seis dentre os participantes, que moravam um pouco mais longe do CIEP, foram beneficiados por esse conjunto de leis.

No que tange as políticas públicas destacamos as políticas afirmativas

implantadas por programas governamentais, visando democratizar o acesso dos alunos de baixa renda ao Ensino Superior. Desses programas, os que beneficiaram os participantes da pesquisa foram o Programa Universidade para Todos e o sistema de reservas de vagas em universidades públicas, especialmente na UERJ.

O PROUNI é um programa recente (2005) e já surgiu acompanhado de muitas críticas, entre elas, a de que o montante da renúncia fiscal, trocado por vagas nas instituições privadas, permitiria a abertura de mais vagas nas universidades públicas. Ao largo dessas discussões, os jovens com precárias condições sócio-econômicas “agarram” a sua chance de ingressar em uma universidade, demonstrando o valor (seja material, seja simbólico) que o ensino superior vem assumindo para as famílias das classes populares.

A outra política que beneficiou os estudantes entrevistados é a que prevê a reserva de vagas nas instituições públicas para os alunos egressos da escola pública. A lei também veio acompanhada de muitas críticas, sendo a principal delas referente à possível perda de qualidade acadêmica. O fato é que três dos participantes da pesquisa ingressaram no ensino superior através dessa política.

O que pudemos observar neste trabalho é que os alunos beneficiados por esse sistema, que ingressaram em universidades públicas, apresentaram muitas dificuldades no primeiro período. Dois deles, inclusive, foram reprovados em uma ou mais disciplinas, gerando grande decepção, uma vez que, durante a escolarização básica, haviam sido bons alunos. Segundo seus depoimentos, o episódio, entretanto, não os desanimou e, pelo contrário, os fortaleceu. Na época em que realizamos as entrevistas, já estavam integrados

aos respectivos períodos, sem disciplinas pendentes.

A fim de ingressarem no Ensino Superior nove dos dez entrevistados freqüentaram cursos preparatórios para o vestibular, sendo que quatro foram matriculados em cursos convencionais com bolsas de estudos, os outros cinco cursaram pré-vestibulares comunitários ou sociais, todos gratuitos. Esses cursos duraram de três meses a dois anos.

Diante do que foi exposto, percebemos que esse conjunto de fatores combinados proporcionou a esses participantes trajetórias bem sucedidas. Além disso, observamos que os entrevistados e seus familiares absorveram as regras do jogo escolar, apontadas nos estudos de Bourdieu, ou seja, eles herdaram de seus pais um conjunto de procedimentos que permitiram a transformação das condições em que se encontravam. Eles parecem representar um momento de mudança dentro do grupo social a que pertencem.

O estudo aqui realizado mostra a complexidade dos caminhos trilhados pelos jovens das camadas populares, que se reproduzem as condições sociais originais de cada um, também promovem, por meio de variadas configurações, o alcance de alguma diferenciação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Mônica. **Colegiado Escolar: Espaço de participação da comunidade.** 1ªed. São Paulo: Cortez, 2003

ALVES-MAZZOTTI, Alda. **O trabalho infanto-juvenil representações de meninos trabalhadores, seus pais, professores e empregadores.** Relatório de pesquisa encaminhado ao CNPQ.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução –Elementos para uma teoria do sistema de ensino.** 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Alfredo (Org.). Escritos de educação. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998b. p.39-64.

_____. **O capital social – notas provisórias** In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Alfredo (Org.). Escritos de educação. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998c. p.65-69.

_____. **Os três estados do capital cultura.** In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Alfredo (Org.). Escritos de educação. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998a. p.71-79.

_____. **Futuro de Classe e causalidade do provável.** In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio (Org.) Escritos de Educação: 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998d. p. 81-126.

_____. **Classificação, desclassificação, reclassificação.** In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio (Org.) Escritos de Educação: 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998g. p. 145-184.

_____. **Os excluídos do interior.** In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio (Org.) Escritos de Educação: 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998f. p. 217-228.

_____. **As contradições da herança.** In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio (Org.) Escritos de Educação: 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998e. p. 229-237.

BRANDÃO, Zaia. **Entre questionários e entrevistas**. In: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI Geraldo, ZAGO Nadir (Org.), *Família e Escola*: 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 171-183.

CAVALIERE, Ana Maria e COELHO, Lígia M.C. **Para onde caminham os CIEPs? Uma análise após 15 anos**. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.119, jul/2003. p.147-174.

_____. **Tempo de escola e qualidade na educação pública**. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, v.28 n.100, out/2007. p.1015-1035.

COELHO, Ligia Martha da C. **Estudo Dirigido: da competência à emancipação?** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 1994 (Tese de Doutorado)

CORSINO, Patrícia. **Relação família e escola na Educação Infantil: algumas reflexões**. www.tvebrasil.com.br, acesso em 27.03.08.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação, Estado e Democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1991.

_____. **Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior: Estado e mercado**. In: *Educação & Sociedade*. Campinas, n.88, v.25, out/2004. p.795-817.

EARP, Maria de Lourdes Sá. **Centro e Periferia: um estudo sobre a sala de aula**. In: Yvonne Maggie (Org.) *A escola no seu ambiente: Políticas públicas e seus impactos*. Relatório parcial de pesquisa (jul/04 – mai/05)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. (Orgs). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez, 1997

LACERDA, Wânia Maria G. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos**. 2006. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2004, 1ª edição.

MOUSSATCHÉ, Helena. **A arquitetura escolar como representação social da escola**. 1998. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Maria Alice **Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.20 n° 1 jan/jun-1995. p.9 -25.

_____. **A construção da excelência escolar – Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas**. In: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI Geraldo, ZAGO, Nadir (Org.) Família e Escola: 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 125-134.

_____. **Estratégias de escolarização em famílias de empresários**. In: ALMEIDA, Ana Maria, NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Favorecimento econômico e excelência escolar - um mito em questão**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. n° 26, mai/ago-2004, p. 133-143.

_____. **Convertidos e oblatos - um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu** In: 18ª Reunião Anual da ANPED, 1995, Caxambu.

NOGUEIRA, Maria Alice, NOGUEIRA, Claudio. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade. Campinas: ano XXIII, n.78, abr-2002. p.15-36.

PAIXÃO, Lea. **Significado da Escolarização para um grupo de catadoras de um lixão do Grande Rio de Janeiro**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, v. 35, n. 124, jan/abr-2005. p. 141-170.

PARO, Vitor Henrique. **Eleição de diretores: a escola pública experimenta a democracia**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

PORTES, Écio Antonio. **O trabalho escolar das famílias populares**. In: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI Geraldo, ZAGO, Nadir (Org.), Família e Escola: 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 45-60.

RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

ROMANELLI, Geraldo. **Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – O estudante trabalhador**. In: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI Geraldo, ZAGO Nadir (Org.), *Família e Escola*: 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 99-124

SETTON, Maria da Graça Jacintho **Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade**. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 90, jan/abr-2005. p. 77-105.

SOUZA E SILVA, Jailson [**Aluno pobre deve ser tratado de forma focalizada**]. Rio de Janeiro, 2003. Entrevista realizada pela Agência de Notícias do site do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade – IETS. www.iets.org.br.

_____. **“Por que uns e não outros?”: caminhada de jovens pobres para a universidade**. Rio de Janeiro; 7Letras, 2003.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIANNA, Maria José B. **As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares**. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 90 jan/abr-2005. p 107-125.

_____. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares Algumas condições de possibilidade**. In: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI Geraldo, ZAGO Nadir (Org.), *Família e Escola*: 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 45-60.

ZAGO, Nadir. **Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais**. In: PAIXÃO, Lea, e ZAGO, Nadir (Org.) *Sociologia da Educação*: 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 128-153.

_____. **Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas.** Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. 2007 UFPE, Recife (PE).

_____. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares.** Revista Brasileira de Educação, vol. 11, n.32, mai/ago-2006. p.226-237.

_____. **Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas.** Paidéia, Ribeirão Preto: SP, v.10 n° 18, jan/jul-2000. p. 70-80,

_____. **Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar.** In: NOGUEIRA Maria Alice, ROMANELLI Geraldo ZAGO, Nadir (Org.) Família e Escola: 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 17-44.

www.pdt-rj.org.br/docs/pdt_caderno4.pdf acesso em 25.11.06

www.fgv.br/ibre/cps/pesquisas/ acesso em 25.11.06

www.edudatabrasil.inep.gov.br acesso em 23.05.07

ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM A DIRETORA GERAL DO CIEP PESQUISADO

- 1) Você fez o concurso de 40 horas, para trabalhar com o horário integral. Como você avalia essa sua experiência?
- 2) Como foi o processo para a composição da chapa em que você foi eleita?
- 3) Você acha que o grupo inicial dos professores do CIEP construiu uma metodologia de trabalho que permanece até hoje?
- 4) Alguns alunos que eu entrevistei, apontam como ponto positivo da escola um grupo de professores comprometidos com a aprendizagem deles. Eles consideram esses professores bem preparados, foram aprovados em concursos, muitos trabalham em escolas particulares. O que você acha dessa visão dos alunos? Como você vê a formação continuada dos professores do Ciep?
- 5) Por outro lado eles apontam como pontos negativos a falta de compromisso de alguns professores, a falta de um projeto para desenvolver a cidadania e a inexistência de um convênio que possibilitasse um pré-vestibular comunitário ou social. O que você acha dessa afirmação?
- 6) Como você avalia o projeto pedagógico do Ciep?
- 7) Como funciona o Prêmio de Incentivo aos Melhores alunos?
- 8) E as reuniões com os responsáveis? Como e quando ocorrem?
- 9) Qual a expectativa da Direção com relação aos alunos?
- 10) Quando foi implantada a AAE? No que ela te ajuda? Há conflitos?
- 11) Como você define seu estilo de gestão?

ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS EGRESSOS DO CIEP

- 1) Nome: _____ Sexo: _____
- 2) Data de Nascimento: _____
- 3) Você trabalha?
- 4) Escola que estudou até a 4ª série: _____ E de 5ª à 8ª série? _____
- 5) Com quem morava na época em que estudou no CIEP? _____
- 6) Número de pessoas da família que moravam na mesma casa: _____
- 7) Número de irmãos: _____
- 8) Qual a profissão de seu pai? _____ E de sua mãe? _____
- 9) Qual o grau de escolarização do pai? _____
- 10) Qual o grau de escolarização da mãe? _____
- 11) Qual o grau de escolarização do irmão mais velho? _____
- 12) Ano em que ingressou no CIEP: _____
- 13) Ano em que concluiu o Ensino médio:: _____

A OPÇÃO PELO CIEP

- 1) Por que seu responsável matriculou você neste CIEP?
- 2) Ele tinha conhecimento da proposta do CIEP?
- 3) O que você achou desta escolha uma?
- 4) O horário escolar do CIEP é dividido em 2 turnos um com aulas e o outro com atividades. Você estudou dessa forma ou em turno único?
- 5) Como era a merenda?
- 6) Como você chegava à escola? A pé? De ônibus? De carro? Ia sozinho?
- 7) Os professores costumavam utilizar a biblioteca?

- 8) O que você fazia quando havia tempo vago?
- 9) No planejamento do CIEP foram incluídos serviços e atividades, até então, inexistentes em outras escolas, tais como: centro médico-odontológico, animador cultural, sala de estudos dirigidos dentre outras, como você avalia cada uma delas?
- 10) Havia grêmio estudantil? Você participava?
- 11) Você percebe que a parte física do CIEP é diferente das demais escolas, você tem conhecimento do projeto do CIEP?

INSTRUÇÃO ACADÊMICA

1. Curso de graduação: _____ Universidade: _____ Período: _____
2. Você fez cursinho? Qual?
3. Concluiu o Ensino Médio e entrou imediatamente na faculdade?
4. Você continua morando aqui? Ou está na casa de um parente?
5. Na universidade atuou como monitor? Em que disciplina?
6. Na época do CIEP que tipo de aluno você era?
7. Fora do horário escolar, nas férias, você costumava estudar?
8. Em termos de conhecimento, aprendizagem e formação de um cidadão crítico o que representou o CIEP para você?
9. Como você avalia o nível de exigência do CIEP?
10. Como você avalia a sua trajetória escolar na educação básica?

ATIVIDADES CULTURAIS

1. O CIEP costumava organizar passeios culturais? Qual você mais gostou? Por que?

2. E com a sua família, o que você costumava fazer?
3. Você gosta de ler? Que tipo? Costumava freqüentar biblioteca?
5. Sua família freqüentava a escola, participando de atividades culturais ou outras?

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

1. Que sentido tem estudar para você?
2. Você é a primeira pessoa da sua família a chegar à universidade?
3. Como é a relação da sua família, em relação a isto?
4. Que sonhos, projetos e ideais de vida você tinha na época que estudou aqui? Que tipo de relação existe entre o estudo e estes sonhos? Os seus pais interferiram de alguma forma?
5. O que você gostaria de estar fazendo daqui há 10, 15 anos?
6. Dentre as disciplinas, quais as que você mais gostava? E as que menos gostava? Por que? Isto teve alguma influência na escolha do seu curso de graduação? Quais foram os professores marcantes?
7. Quais são os aspectos positivos do CIEP? E os negativos? O que mais gostava na escola? O que menos gostava?
8. Recebia ajuda da família para as tarefas escolares? Como? Seus pais participavam de sua vida escolar?
9. Que sentido você acha que a escola e estudar têm para seus pais? Eles exigem muito de você neste aspecto?
10. Como você considera a educação que recebeu da sua família? Mais liberal ou autoritária? Em que aspectos? (tem regras e normas quanto a sair, amizades, estudos, etc)

11. Qual a reação da família diante de notas baixas/ocorrências na escola?

Existem reações diferentes por parte do pai ou da mãe?